

DOM CLÁUDIO
PASTOR E CIDADÃO



Dom Cláudio pastor e cidadão



Agostinho Both

**Dom Cláudio
pastor e cidadão**

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Biografia, -Passo Fundo: UPF, 1994. 136p.; il.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaGual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

B749d Both, Agostinho

Dom Cláudio [recurso eletrônico] : pastor e cidadão / Agostinho Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.

6 Mb; PDF.

ISBN 978-85-8326-315-9

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Colling, Cláudio, pastor. 2. Ação social – Passo Fundo (RS). 3. Liderança – Aspectos religiosos. 4. Universidade de Passo Fundo – Fundação. I. Título.

CDU: 929

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Prefácio.....	7
Introdução	13
A Família de Dom Cláudio	17
Dom Cláudio Colling Visto à Luz da Fé	81
A Amizade Cristã e Dom Cláudio Colling	99
A Ação Social de D. Cláudio em Passo Fundo.....	105
A Ação de Dom Cláudio no Ensino Superior em Passo Fundo	144
ANEXO	160
As Relações do Arcebispo D Cláudio Colling com Luxemburgo ...	160
Homenagem a Dom Cláudio.....	163

Prefácio

Um grupo de amigos e admiradores de Dom Cláudio Colling tomou a iniciativa de publicar um livro em sua memória. Coube ao professor Agostinho Both, competente pesquisador e escritor, ser o coordenador e co-autor da biografia. Convidado a prefaciá-lo, acho conveniente selecionar alguns aspectos mais relevantes de sua personalidade.

Bem se aplica ao meu antecessor no pastoreio da Diocese de Passo Fundo a palavra da Escritura: "Defunctus adhuc loquitur - embora morto, continua a falar" (Hebreus 11,4). A partir de 3 de setembro de 1992, data de seu falecimento, no Hospital São Vicente de Paulo, de Passo Fundo, até o sepultamento no dia 5, na Catedral Metropolitana de Porto Alegre, os despojos mortais de Dom Cláudio foram acompanhados e venerados pelo povo. Seus funerais, com diversas celebrações litúrgicas nas Catedrais de Passo Fundo e de Porto Alegre, com muita oração, vigílias, saudades, coroas de flores, revelaram a grande estima e veneração por ele merecidas em 79 anos de vida, 54 de sacerdócio e 42 de episcopado, iniciado em Santa Maria e continuado em Passo Fundo e Porto Alegre.

No seu testamento, Dom Cláudio nos dá uma síntese de sua filosofia de vida: fé, humildade, amor à vocação, desapego de bens temporais. Deixemo-lo falar, através de seu último testamento: "Nascido de família humilde mas profundamente católica, quero viver e morrer fiel à minha fé. Chamado por Deus, apesar de minhas falhas, para o sacerdócio e para o episcopado, quero pedir perdão a Deus e a meus semelhantes das faltas e omissões que cometi no exercício de minha vocação, que sempre

amei de todo o coração. Pobre nasci e pobre quero morrer, pondo em prática o que o velho Arcebispo de Porto Alegre (Dom João Becker) nos aconselhava antes da ordenação sacerdotal: Tratem de viver de tal modo que ao morrer se possam apresentar a Deus com três esses: sem dinheiro, sem dívidas e sem pecados. É o que peço diariamente a Deus".

Como há pessoas que acreditam em bruxas, há também quem acredita que Dom Cláudio era homem rico, dono de granjas, sócio de poderosa firma. No seu testamento encontramos sua "declaração de bens", agora de domínio público: "Não tenho nenhum bem imóvel, nem carro e tampouco ações em qualquer organização comercial ou bancária"

Na condição, outrora, de Bispo Auxiliar de Porto Alegre, tive ocasião de participar de uma assembléia diocesana em Passo Fundo, em outubro de 1980. Entre outros temas, constava um item: "a riqueza do bispo". Ao se inteirar do assunto, Dom Cláudio manifestou-se afrontado e, com sua habitual fluência, lançou este desafio: "Se alguém tomar conhecimento de algum depósito meu em banco, dou-lhe procuração para retirar tudo. Se alguém souber de algum imóvel de minha propriedade, dou-lhe já autorização firmada em cartório para tornar-se proprietário do mesmo imóvel sem pagar um centavo".

No dia 25 de agosto de 1992, veio Dom Cláudio de muda para um apartamento simples, mas aconchegante no Hospital São Vicente de Paulo que, em grande parte, deve a ele seu notável crescimento e prestígio. Embora doente e alquebrado, seu zelo apostólico inquebrantável animava-o a desenvolver um trabalho pastoral com a comunidade hospitalar, julgando que iria "morrer aos poucos", como dizia.

Mas a morte chegou subitamente, apenas oito dias depois que Dom Cláudio voltava para Passo Fundo, onde antes havia morado por 30 anos! Foram oito dias felizes. Instalado naquele recanto do hospital, com seus poucos pertences nos devidos lugares, o retrato de seus pais e do Papa dependurados, ele me confidenciava com um sorriso, na véspera da sua partida: "Agora me sinto feliz, muito feliz. Estou em estado de graça". Era seu último de vida terrestre.

Terminou sua tarefa. "Finis coronat opus", diziam os sábios romanos. Aos 79 anos de vida, toda ela dedicada a Deus e ao seu povo, partia com a nossa gratidão e saudade para entrar no Reino definitivo. Partiu, deixando à posteridade um multifacetado patrimônio social e pastoral. A ele bem se aplica a sentença: "Felizes os que morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, que descansam de suas fadigas, pois suas obras os acompanham" (Apocalipse 14,13).

O presente volume não pretende ser uma biografia completa, mas parcial. Em nome da Diocese de Passo Fundo, agradeço aos seus co-autores e às entidades que auxiliaram no seu custeio.

Passo Fundo, 1º de setembro de 1994.
Dom Urbano José Allgayer, bispo diocesano.



Figura 1 Dom Cláudio Colling

Introdução

Por toda a parte que se olha na Região Norte do Estado do Rio Grande do Sul aparecem, nas instituições, a presença e as iniciativas de Dom Cláudio. No ensino de primeiro, segundo e terceiro graus, prestou relevantes serviços. No aperfeiçoamento do setor agrícola foi decisiva sua presença pela introdução de tecnologias e culturas. A saúde, principalmente através de tecnologias, no Hospital São Vicente de Paulo e da primeira Escola de Enfermagem, teve em Dom Cláudio um grande cooperador.

O encaminhamento político de todas as questões sociais passava pela orientação e apoio de Dom Cláudio. A formação de seminaristas teve sua histórica e constante decisão. Os seminários todos da região nasceram sob sua decisão. Mais que tudo, por certo, serviu a sua constante e austera orientação nos costumes religiosos. Por certo, nisto lucrou o homem da região: o sentido ético era imprimido como um sinete em seus sacerdotes. As obras sociais como: a Leão XIII, o Patronato de Menores, a Casa Lar e a Fundação Lucas Araújo dão conta da visão humana e solidária de Dom Cláudio. Estas e outras razões fazem o fundamento da iniciativa de se resgatar a vida de Dom Cláudio como fonte inseparável do homem e de suas instituições da Região Norte do Estado do Rio Grande do Sul.

Mas, sobretudo, Dom Cláudio foi um homem de fé e sob este ângulo convém avaliar a sua vida. As obras todas, as visitas pastorais, o seu cotidiano sempre agendado e mesmo seu descanso tinham a direção do aperfeiçoamento humano. Nas coisas principais tinha uma obstinada decisão. Não lhe possuía

nenhum temor diante dos homens. Inclina-se apenas diante de Deus e das necessidades das pessoas.

Para perceber melhor sua trajetória, a seguir estarão indicados alguns acontecimentos de sua vida, conforme está escrito na publicação em homenagem ao jubileu de prata em 1975:

"D. Cláudio nasceu na Paróquia de Harmonia, município de Montenegro, no Rio Grande do Sul, aos 24 de junho de 1913. É filho de João Colling e Maria Hartmann, sendo avós paternos Gregório Colling e Cristina Bremm e maternos João Hartmann e Bárbara Junges. Foi batizado no mesmo dia do nascimento, na igreja de Harmonia, pelo Pe. Pedro Bremm. A Crisma lhe foi conferida por D. João Becker na mesma igreja de Harmonia aos 3 de dezembro de 1915.

Os estudos próprios do Seminário Menor e Maior absorveu-os no Seminário de São Leopoldo. De 1925 a 1930, completou os estudos então chamados ginasiais que antecediam à faculdade. De 1931 a 1933, cursou Filosofia e de 1934 a 1937, Teologia.

Todas as ordens Menores e Maiores D. Cláudio as recebeu das mãos de D. João Becker, até o Presbiterato, em 10 de agosto de 1937.

Durante os 13 anos de Ministério Sacerdotal na Arquidiocese de Porto Alegre, D. Cláudio ocupou, sempre com invulgar dedicação e eficiência, entre outros, os seguintes cargos: Vigário Cooperador do Menino Deus e, depois, de São Geraldo; Pároco de N. Sra. da Glória (2-1 -21941); Assistente Arquidiocesano dos Homens da Ação Católica (13-4-1941); Assistente Arquidiocesano da Juventude Feminina da Ação Católica (23-3-1946); Sub-Diretor das Obras da Catedral;

Capelão das Filhas de Maria Imaculada (2-3-1947); 1º Secretário da Comissão Organizadora do V Congresso Eucarístico Nacional (24-6-1947); Cura da Catedral (6-12-1948); Sub-Diretor da Federação das Congregações Marianas Femininas e Pias Uniões das Filhas de Maria.

Em 23 de fevereiro de 1948, foi distinguido com as insígnias de Cônego Honorário do Cabido Metropolitano.

Foi nomeado Bispo Auxiliar de Santa Maria em 12-12-1949.

Recebeu a Sagração Episcopal em 29-1-1950.

Tomou posse como Bispo Auxiliar de Santa Maria em 5-3-1950.

Sua nomeação para Bispo de Passo Fundo ocorreu em 23-3-1951.

Tomou posse como Bispo Titular de Passo Fundo em 22-7-1951."

Em 1982 assumiu, como Arcebispo, a Arquidiocese de Porto Alegre, onde continuou nos seus esforços de empreender obras que viessem a abrigar relevantes atividades religiosas e sociais. No dia 3 de setembro de 1992, faleceu no Hospital São Vicente de Paulo, em Passo Fundo.

A Universidade de Passo Fundo, o Hospital São Vicente de Paulo e a Mitra Diocesana resolveram publicar esta pequena obra considerando que as três instituições são devedoras de grande reconhecimento a Dom Cláudio. Resolveu-se, inicialmente, que apenas seriam apresentados alguns testemunhos pessoais. Entre a decisão e o final do trabalho, algumas iniciativas foram alteradas e os autores envolvidos deram, cada um a seu modo, sua contribuição. A primeira iniciativa foi posta da seguinte maneira:

A amizade cristã e Dom Cláudio - Zilá M. Totta
Dom Cláudio visto à luz da fé - Mons. Raimundo Damin
A ação de Dom Cláudio no ensino superior - Pe. Elydo Alcides Guareschi

A obra social de Dom Cláudio - Agostinho Both

O último capítulo baseou-se, praticamente todo ele, na correspondência epistolar por não ter tido o autor a sorte de conviver mais intimamente com Dom Cláudio.

No início do ano de 1993, ficou acertado com o sobrinho de Dom Cláudio Pe. Oscar Colling, mais um capítulo. Assim, com prazer, pode o leitor aproximar-se bem melhor das origens de Dom Cláudio.

Esta obra não pretende esgotar a vida de Dom Cláudio em Passo Fundo. O que está aqui posto é apenas uma abordagem parcial. A magnitude da obra de Dom Cláudio é maior e mais densa. O que é posto é apenas um sinal que um homem de bem passou por aqui. Como São João, o precursor, andou anunciando a existência de um novo reino. E João também era seu nome: João Cláudio.

Escreveu-se o que está escrito porque uma comunidade deve saber quem são seus heróis. Nenhum homem pode andar desamparado de companheiros exemplares. Dom Cláudio é um deles e, com certeza, sob seu amparo pode-se andar bem. Se não tiver o homem pessoas assim, como Dom Cláudio, é muito fácil que ele se perca sem saber a direção que deve tomar. E Dom Cláudio era um filho de Deus forte de voz, de corpo e de espírito. Esta fortaleza, nele, combinava em todos os sentidos. A leitura, embora não traduza toda a grandeza do Bispo que foi, auxilia a que, como ele, se possa caminhar tendo um caminho a seguir. E os caminhos de Deus têm coração. É disso que em tudo nos fala Dom Cláudio: um cidadão e um pastor.

A Família de Dom Cláudio

Pe. Oscar Colling

A 24 de junho de 1913, nascia o décimo filho da família de um humilde ferreiro, no distrito de Harmonia, município de Montenegro - RS. Seus pais, João Colling e Maria Hartmann, deram-lhe o nome de João Cláudio e o acolheram em seu lar com a mesma alegria com que acolheram os outros nove. O pequeno João Cláudio veio refazer a alegria da família, comprometida com a morte prematura de sua maninha Lucia, dois anos antes de seu nascimento.

Que será deste menino? O futuro o dirá: sacerdote, bispo de Passo Fundo e finalmente arcebispo de Porto Alegre.

Para falar sobre sua família, iniciemos com seus antepassados, imigrantes provindos de Luxemburgo e da Alemanha.

1. Os Antepassados

1.1. Os Avós Paternos

Os avós paternos de Dom Cláudio, Gregório Colling e Christina Bremm, imigraram para o Brasil no século passado; vieram ambos solteiros, vindo a conhecer-se aqui, para constituírem sua família. Gregório Colling nasceu a 28.06.1833 na pequena localidade de Vianden, região nordeste do minúsculo país de Luxemburgo, entre a Brança, a Alemanha e a Bélgica,

Gregório era filho de Mathias Colling e Marie Madeleine Schloesser. Nada se sabe sobre sua infância, consta apenas que seu pai era tecelão, afinal, gente humilde. Num livro publicado em Luxemburgo, "Die Luxemburger in der neuen Welt" (Os luxemburgueses no novo mundo), consta o nome de Gregório como emigrante, jovem de 20 anos, solteiro, de profissão pintor (blanchisseur). Christina é natural de Briedel, pequeno povoado situado às margens do rio Mosela, na Alemanha, entre as cidades de Tréveris e Koblenz; nasceu aos 12.08.1837, filha de agricultores - Francisco Bremm e Elisabeth Sehnem - era a segunda entre 10. Seu pai resolveu, face à penúria e à fome em que vivia toda a Alemanha em meados do século passado, migrar com toda a sua família para o Brasil em 1859, quando a filha Christina já contava com seus 21 anos.

Façamos aqui uma rápida digressão para falar sobre os berços destes personagens, a saber: Vianden, em Luxemburgo, e Briedel, na Alemanha. Luxemburgo é um verdadeiro contraste, comparado ao Brasil, com seus 2.586 km²! É menor do que muitos municípios gaúchos. Tem ao todo 95 km de comprimento e 65 km de largura. Para se ter um idéia: a Lagoa dos Patos conta com 300 km de comprimento e 70 de largura. A capital, do mesmo nome, tem mais ou menos 80.000 habitantes, e o país todo aproximadamente 365.000. A densidade demográfica está em torno de 154 habitantes por quilômetro quadrado. A moeda é o franco luxemburguês, que vale 1/20 do marco alemão. Analfabetismo quase não existe, e o país conta com 3 línguas oficiais: o francês, o alemão, e um dialeto mosel-franco, o "Letzeburg", uma língua popularfalada portodos. Quase toda a população é bilingue, ou trilingue. A data nacional é 23.06, dia do nascimento do Grão Duque João de Nassau. Religião: há

liberdade de culto, e predomina o catolicismo, com 97%. Existe apenas um bispado no país, e a catedral de Luxemburgo é de estilo barroco. As grandes devoções do povo são: Nossa Senhora, com um santuário dedicado a "N. Sra. de Luxemburgo", e ainda S. Wilibrordo, um missionário beneditino irlandês que viveu há mais de 1.000 anos e cuja sepultura está no mosteiro de Echternach, a leste do país, na fronteira com a Alemanha. A forma de governo do país é monarquia parlamentarista, Grão Ducado. A principal indústria é a do aço, que representa 57% de todo o parque industrial. A indústria "Belgo-Mineira" do Brasil é filial de uma firma de Luxemburgo.

Ao longo da história, o Grão Ducado de Luxemburgo já pertenceu à França, à Alemanha, Holanda e Espanha, afirmando-se como país em 1815. Foi ocupado pelos alemães durante as últimas guerras mundiais de 1914 e 1939. Em 1947 tornou-se membro do Benelux e em 1949 adere ao pacto do Atlântico Norte (OTAN).

VIANDEN, como diz uma antiga lenda, "é uma paisagem que traz à lembrança tempos antigos e atuais"; jóia de rara beleza, Vianden está encrustada no verde esmeralda de carvalhais, cercada pelo brilho dourado das giestas, espécie de planta leguminosa, e pelo opala-cinzento de suas rochas de ardósia; sim, tudo isso e muito mais é a encantadora Vianden. Assim descreve Nicolas Ries a pérola do Ösling. Pouco mudou nos últimos séculos, seja a silhueta das ruínas do velho castelo, sejam os mais variados detalhes da pequena cidade, cujas vielas e casas antigas recuperam o esplendor perdido, pois o amor dos viandenenses não se volta apenas para os impressionantes vestígios do vetusto castelo, originários das famílias Oranien-

Nassau, hoje propriedade do Estado; vale também, e com igual ardor, para a conservação da arquitetura e do habitat rural. Exemplo disso é o Museu Folclórico, denominado de "A Casa Petges", com sua coleção de objetos de uso caseiro, seus salões e quartos de dormir. Outro museu, chamado de "Museu da Amizade", foi criado numa casa perto da ponte sobre o rio Our, que banha a cidadezinha; aqui viveu Vitor Hugo, grande poeta francês, que amou Vianden e a honrou com suas freqüentes visitas. Vianden ofereceu-lhe asilo, e soube honrar e prezar a amizade e a afeição deste grande homem. Vitor Hugo costumava hospedar-se nas velhas casas de Vianden, onde comia batatas tostadas nas cinzas, untadas de manteiga fresca e regadas, como se relata, ao vinho de vinhedos das encostas do castelo. Além do apreço a monumentos históricos, numerosos na região, e aos museus, sabem os viandenenses viver uma vida muito animada e alegre, expansiva e colorida, nas calçadas e vielas, nos cafés e campings. Vastos altiplanos cercam de florestas o vale cada vez mais estreito, em direção ao norte, cujo aspecto selvagem e atrativo turístico Vitor Hugo tanto apreciava. Assim, este famoso filho adotivo de Vianden pode ser considerado como o verdadeiro descobridor do vale do Our e de seus castelos: Falkenstein, Roth, Stolzenburg, Dasburg, Ouren e Reuland. Hoje, estas paragens fazem parte do parque ecológico alemão-luxemburguês, dentro do qual a flora e a fauna estão protegidas contra a destruidora e criminoso ação do homem.

Devido às constantes mudanças políticas, os documentos oficiais são emitidos, ora em francês, ora em alemão. Os da Igreja, são exarados em latim. É o que constatamos quanto aos documentos de Gregório Colling.

A respeito da vida religiosa de Vianden, muito pouco foi possível descobrir. Por ocasião do nascimento de Mathias Colling, pai de Gregório, Vianden pertencia à paróquia de Roth, acima mencionada por causa de seu castelo. A igreja matriz de Vianden foi construída no século 13 e restaurada no século 17. O castelo remonta ao século 9º, pertencente aos condes de Vianden, passando depois aos condes de Nassau, que o restauraram no começo do século 17. Em 1849, foi restaurada sua capela, que ainda hoje se conserva entre as ruínas. Vianden hoje é um distrito de Diekirch, fica a 24m acima do nível do mar, com uma população de 2.000 habitantes. Possui algumas pequenas indústrias, comércio de vinho, mas a sua principal fonte de renda é o turismo. Seu nome em língua francesa é Vienne-en- Ardenne, em latim, Vienna e, no alemão antigo, chamava-se Veyenthal.

BRIEDEL, a terrinha natal de Christina Bremm, está situada na região oeste da Alemanha, à margem direita do rio Mosela, na célebre região do "Hunsrück", donde emigraram a maioria dos alemães, que no século passado vieram tentar novas perspectivas de vida no sul do Brasil. Briedel é possuidora de uma paisagem que encanta, com seus vinhedos nas encostas por vezes escarpadas, à beira do rio. Sua população vive hoje praticamente da produção de vinhos muito apreciados, como o "Briedeler Herzchen", o "Nonnengarten" e outros. Outra fonte de renda é o turismo. Algumas das vinícolas de Briedel, todas de pequeno porte, já são tradição de família desde 1525. A região chamada de "mata de Briedel", apresenta vestígios de uma civilização bastante remota: sete séculos antes de Cristo. Mais tarde, circularam por ali e moraram os romanos, com o que

aparece o primeiro nome do lugar, denominado em latim de "Praedolium", para significar fazenda, granja ou chácara. O povoamento propriamente dito aparece no século oitavo de nossa era. No ano de 745 já é mencionada uma igreja de São Martinho, em documento antigo. A partir desta data, pertenceu Briedel, em primeiro lugar, ao bispado de Metz, hoje França. Entretanto, querelas pelo direito de posse obrigam o bispo desta cidade a anexar o povoado ao convento de St. Trond, na Bélgica. Em 1263, foi o povoado vendido ao mosteiro dos Bernardinos de Himmerod, da região do Eifel, Alemanha. O distintivo do convento, que destaca dois anéis entrelaçados, pode ser encontrado ainda hoje em Briedel, nas sepulturas antigas, em marcos de pedra à beira das estradas, em arcos de portais e frontispícios de casas. Antigamente, Briedel estava cercada de muros, do que ainda hoje se conservam certos resquícios, como a célebre torre das corujas. Quando em inícios do séc. 19, sob o domínio francês, os mosteiros foram desfeitos e seus bens leiloados, houve muito regozijo, festa prolongada por oito dias. Entretanto, muito cedo a população teve que reconhecer seu equívoco, pelo aumento dos impostos. Em 1806, o governo departamental da França resolveu leiloar também os bens feudais de Briedel, com um leilão realizado numa cidade vizinha denominada de Cochem. A delegação de cidadãos briedelenses, enviada para este fim, pernitoou na casa do burgomestre de Treis, irmão que era de um deles. Com este, pretendiam obter maiores detalhes sobre o leilão. Infelizmente, quis a má sorte que dormissem demais naquela noite, chegando atrasados a Cochem, quando os lotes já haviam sido arrematados por uma bagatela de dinheiro pelos representantes do povoado de Trarbach. Contudo, conseguiram aos poucos comprar de volta as terras,

pagando cerca de 5 marcos para cada cepa de parreira. O relato mais antigo sobre a paróquia de Briedel recuar até o ano de 1154, quando o deão Godofredo de Trier conseguiu apaziguar uma rixa, por causa do pagamento do dízimo, fazendo com que a paga do mesmo fosse feita pelos paroquianos depois do outono, diretamente no parreiral, e não mais em casa, como era costume. Entre as manifestações de fé da comunidade, é notória a peregrinação anual a Clausen, que se originou de um voto solene feito pela comunidade, por ocasião de uma peste epidêmica do gado, que grassava na região entre os anos de 1842 a 1844. Para debelar a mesma, foi feita a solene promessa de uma peregrinação anual ao Santuário de N. Sra. em Clausen, juntando ainda ofertas para aquisição de velas a serem usadas nas celebrações litúrgicas. A primeira procissão ocorreu a 5 de outubro de 1844, tendo participado pelo menos um membro de cada família da comunidade. Durante os primeiros quinze anos, seria realizada esta procissão ao sábado anterior a festa de S. Miguel Arcanjo, -ou à festa da natividade de Maria, a 8 de setembro. O Conselho da comunidade solicitou ao pároco, Pe. Schorn, que fizesse constar no livro de registros históricos da paróquia que a peste havia acabado com a primeira procissão. Mais tarde, foi determinada pelo pároco a realização da procissão na sexta-feira anterior à festa da natividade de Maria. Tanto à saída como à chegada da procissão, costumava o pároco dar aos fiéis a bênção com o Santíssimo.

A atual igreja de S. Martinho, em estilo barroco, erigida entre os anos de 1772 e 1776, está situada no lugar que já por mais de 1.000 anos é ocupado por um templo. São particularmente notáveis as pinturas, o órgão e o altar mór, restaurado em 1950. Briedel fica a meio caminho entre as

idades de Koblenz e Trier. Curioso é verificar que a distância entre Briedel de Christina e Vianden de Gregório é apenas de uns 90 km, mas quis a providência que viessem ao Brasil, para aqui se conhecerem e constituírem um lar.

Gregório e Christina

Gregório era homem de estatura média, magro, cabelos grisalhos, brancos e meio ralos. Informação não confirmada dizia ter mão defeituosa. Eram homem de muita força muscular. Certo dia, ao ser removida uma viga-mestra, na construção de uma casa, onde ele trabalhava como pedreiro e construtor, dois de seus filhos não puderam carregar a viga. Então Gregório, dispensando a ajuda dos mesmos, carregou sozinho a peça. Gregório e Christina casaram aos 4 de fevereiro de 1863, na igreja de Bom Princípio, que pertencia à paróquia de Trunfo, mas era atendida pelos padres jesuítas alemães que tinham sua residência em São José do Hortêncio. Ainda continua envolto em mistério o local onde foram morar logo após o casamento. Sabe-se que foi em São Salvador, que hoje se denomina Tupandí, mas onde? Parece que foi entre São Benedito e Arroio das Pedras, perto do arroio Salvador. Lá nasceram todos os filhos. "Gregório era um pai de família cem por cento", conforme o depoimento de um dos seus netos. - Certo dia, um vizinho resolve comprar briga com Gregório, mudando ou avançando seus marcos de divisas de terra, o que muito o irritou e o fez mover um processo judicial contra o infrator. Cansado da encrenca, cuja solução nunca vinha, e tendo-lhe sido negada pela mulher Christina a ajuda para custear as despesas do processo, - parece que era ela quem administrava o caixa do casal -, resolveu vender a propriedade em São Salvador, adquirindo outra em Parecí Novo. Desistindo

do litígio, também perdeu o direito na causa. Sua preocupação era agora reformar as benfeitorias de sua nova propriedade, antes de ir residir lá com sua família. Sendo ele mesmo pedreiro e construtor, foi durante várias semanas trabalhar nesta reforma, fazendo o trajeto, cerca de 20 km, a pé. Alguns amigos seus, querendo ajudá-lo, emprestaram-lhe um cavalo de montaria, para facilitar-lhe a locomoção. Ele ia às segundas-feiras de manhã cedo a Parecí, regressando aos sábados. Pouco ajudou, emprestarem-lhe o cavalo, pois, não sabendo manejar as rédeas, o cavalo andava solto. Assim, Gregório levava mais tempo a cavalo do que indo a pé. Vieram, finalmente, morarem Parecí Novo, lugar aprazível, à margem direito do rio Caí, entre Montenegro e São Sebastião do Caí. O lugar tornou-se célebre pela presença dos padres jesuítas, que lá construíram o noviciado, casa de formação de seus candidatos, para a província meridional da ordem, atendendo ao mesmo tempo a comunidade católica local, pertencente à paróquia de Harmonia.

Parecí Novo é conhecido pela excelente qualidade de suas frutas cítricas, principal produto da região, e por seus viveiros de mudas de cítricos e de folhagens. Os últimos anos de Gregório foram amargurados e sofridos, por causa do litígio com seu vizinho. Assim, ele se tornou pessoa triste, não gostava de crianças, não sabia atraí-las, pelo contrário, ele as repelia: "Geht mr. da weg!" (Saíam daqui!). Entretanto, esta amargura certamente o aproximou mais de Deus. A lembrança que os netos conservam do avô é a do homem que rezava muito. Quando vinha a Harmonia, visitar seu filho João, pai de Dom Cláudio, recordam que o avô caminhava ao longo do muro da igreja, que ficava ao lado, rezando o terço. Era seu costume andar sempre com o rosário na mão. Este depoimento do homem piedoso, que rezava

muito, confere com o que diz a participação de seu falecimento, publicada em língua alemã, e da qual traduzimos aqui um breve excerto: "Nosso consolo é que nos últimos tempos recebeu freqüentemente os Santos Sacramentos e rezou muito à Santa Mãe de Deus".

A vovó Christina era de estatura alta, maior do que seu esposo, magra, cabelos castanhos. Era pessoa muito querida, afável, alegre, carinhosa. Gostava muito de crianças, especialmente dos netos, a quem sabia agradar e atrair. "Nós gostávamos muito da vovó; quando ela vinha nos visitar, sempre tinha alguma surpresa para as crianças: ou frutas, ou balas." É o depoimento dado por D. Maria Colling, irmã de Dom Cláudio, que chegou a conhecer tanto o avô Gregório, como a vovó Christina. Esta visitava seus filhos e netos com mais freqüência do que Gregório. Quando vinham, era sempre a cavalo. Certamente, a estas alturas, já teria ele aprendido a manejar as rédeas! Nenhum dos dois aprendeu a falar o português, entretanto sabiam ler e escrever corretamente em alemão, possuindo razoável grau de cultura. Gregório dominava também perfeitamente o idioma francês. Naquele tempo, o único idioma em uso na colônia alemã era naturalmente o alemão, o que se deve em parte ao descaso do governo. Na escola, que sempre era paroquial, particular, sustentada pelos próprios pais, ensinava-se o alemão, e o professor era de nacionalidade alemã. O sermão do padre e do pastor evangélico era por longos anos em alemão! Apenas durante as guerras mundiais de 1914 e 1939, foi proibida a língua alemã nas igrejas e escolas.

Mas, voltemos às visitas da vovó Christina: eram verdadeira festa para os netinhos, que chegavam quase a arrancar-lhe a roupa do corpo, tal era a vibração por sua chegada

e presença. Ela sabia realmente chegar ao coração dos netos, vibrar e brincar com eles. Outra virtude sua era a de participar dos trabalhos de casa onde quer que chegasse. Um neto, Schallenberger conta: "Nós tínhamos um alambique, e quando a vovó vinha nos visitar também nos acompanhava no trabalho, no corte da cana, o que é um trabalho ingrato." Outra neta relata: "Quando ela vinha nos visitar, sempre ajudava nos trabalhos da casa. Tinha alegria especial em cuidar das galinhas. Lembro que certa vez ela usou uma expressão do dialeto alemão que para nós tinha outro sentido. Era a palavra: "hortig", ou "hottig". Ela disse: "Mariche, geh mal hortig den Teller holen, ich hab'n vergess!" (Vai buscar já o prato, que eu esqueci). Para nós, o sentido da palavra "hortig" não é: "Já", mas "em breve".

Outro neto relata o seguinte: "Nossa maior alegria era visitar a vovó aos domingos. Ela morava com o tio Nicolau, o filho mais moço.

Íamos pelas três horas da tarde; então nos ofereciam um "baita café" (palavras textuais), e depois nós íamos brincar no potreiro com os nossos primos."

Vovó Christina ainda chegou a conhecer o neto Cláudio, futuro bispo, que contava onze meses e meio quando ela veio a falecer. Conta a neta Maria Colling que a vovó, ao visitar a família do filho João, após o nascimento do neto Cláudio, gostava de enfaixá-lo todo, enrolando nos panos também as mãozinhas, de modo que ele não podia tirá-las, ficando imobilizado, parecendo uma múmia, um toco de vela, o que ele não aceitava, reclamando com seu choro. Era assim o costume da Alemanha, devido ao frio intenso. "Mas eu lhe soltava as mãozinhas, ao que a vovó reclamava: "Ach, wer hat mr. lau schon gmacht?" (Quem é que me fez isto?) "Ja, das war das Lausding gwesen!" (Sim, foi esta

arteira!). Segundo alguns depoimentos, e pela aparência da única foto do casal que nos restou, Christina sofria do bócio (papo). Era excelente cantora, assim como a maioria de seus filhos. Nas últimas semanas de sua vida esteve acamada, devido ao seu mal de estômago, do que veio a falecer. Era úlcera, ou câncer? - nada se sabe ao certo. Os restos mortais do casal descansam no cemitério católico de Parecí Novo. Ele faleceu a 14.01.1909, com 75 anos e meio; ela, aos 08.06.1914, com quase 77 anos.

1.2. Os Avós Maternos

Os avós maternos de Dom Cláudio são: João Hartmann e Bárbara Junges, ambos brasileiros, mas filhos de imigrantes alemães. Casaram na matriz de São José do Hortêncio a 05.07.1870, indo residir em Arroio das Pedras, hoje pertencente ao município de Bom Princípio; ele é filho dos imigrantes Pedro Hartmann, que chegou ao Brasil com 22 anos, em 1846, juntamente com seu pai Mathias, mais outros 5 irmãos, procedentes de Simmern, Alemanha, e de Elisabeth Schmitz, que chegou igualmente em 1846, com 21 anos. A avó materna Bárbara é filha dos imigrantes João Junges e Anna Bach, ambos procedentes da Alemanha. João é filho de Miguel Junges, que chegou com 40 anos em 1829, com toda a sua família. Consta, em registro, que era das tropas de Napoleão Bonaparte, participando sob o comando deste da invasão da Suíça em São Gotardo. Anna Bach, por sua vez, emigrou com seus pais e irmãos de Theley, do Saarland-Alemanha, chegando em 1846, com 22 anos.



Figura 2 Os avós de Dom Cláudio: Gregório Colling e Christina Bremm



Figura 3 Os pais, João Colling e Maria

Conhecemos hoje a árvore genealógica de Dom Cláudio até seus trisavós, o que representa uma sucessão de 5 gerações; entretanto, em alguns ramos, especialmente os que se referem à avó paterna, chegamos a 10 gerações, com o que recuamos aos inícios do século 17. Nosso biografado é descendente, em décima geração, de Hohann Adam Sehnheim e de Anna Margaretha, cujo filho, também de nome jahann

Adam, casou a 16.04.1684 com Maria Mühlhen, na igreja de Briedel, filha de Hubertus Mühlhen e de Anaa Gertrudis Weyrich.

2. A Família de João Colling e Maria Hartmann

O pai de Dom Cláudio, João Colling, é o oitavo filho de Gregório nascido a 18.10.1873. Bem cedo aprendeu o ofício de ferreiro na oficina do sr. Felipe Loeff, na localidade de São Benedito, não muito longe da



Figura 3 Casa onde nasceu Dom Cláudio, em Harmonia - RS



Figura 2 Os pais com os primeiros três filhos: Julio, Lidvina e Miguel

casa paterna. O que se sabe de sua infância e juventude é a vivência de uma família feliz, especialmente pela alegria contagiante de sua mãe Christina. Os filhos de Gregório, conhecidos pela alcunha de "Gregorsbuben", eram conhecidos por sua alegria, sua união, destacando-se especialmente por suas canções folclóricas. Na casa paterna de João se vivia o canto, a música, a alegria. João casou aos 08.10.1894, na igreja matriz de Harmonia, vindo a estabelecer-se com ferraria própria na mesma localidade, praticamente à sombra, ao sopé da igreja. Era um homem muito bondoso, de estatura alta, recebendo o apelido de "Der Grosse" (o alto); corpulento, ostentava um bonito e vasto bigode; como músico, tocava instrumento de sopro, o "Baixo", fazendo parte de um conjunto musical, uma banda, cujos ensaios se realizavam em sua casa, localizada no centro do povoado. Como homem muito alegre, extrovertido, comunicativo, gostava de brincar com as crianças que se dirigiam à escola e tinham que passar necessariamente pela frente de sua ferraria, para irem ao colégio. Sentia prazer em largar o martelo na bigorna, correr no encalço dos escolares, agradando-os, jogando-os para o alto; às vezes, colocando-os em cima da roda - tampa da furadeira manual, que fazia acionar. Algumas crianças ficavam com medo e se defendiam, puxando-lhe o bigode. Sabia dosar sua severidade de pai com a bondade e a alegria que irradiava todo o seu ser. Além de músico, era excelente cantor, convidando o coral da paróquia, do qual era integrante, a fazer os ensaios em sua casa.

A vovó Maria era natural de Steinbach (Arroio das Pedras). Pessoa de estatura média, bondosa, excelente mãe de família; temperamento calmo, pessoa de profunda fé. Muito cedo começou a sofrer de varizes nas pernas, mal que degenerou em

ferida aberta na altura do tornozelo, o que a fez sofrer por décadas, até sua morte, necessitando de curativos diários. Na casa do sr. João sempre se rezava à mesa, o que, aliás, era costume geral das famílias. Quem chegasse atrasado era obrigado a rezar sozinho, às vezes, até de joelhos. Como foi dito acima, sua propriedade ficava próxima à igreja. Assim, o pátio da família estava sempre à disposição do povo da localidade, especialmente os de longe, para ali deixarem as suas montarias, ao virem para as missas e também para os bailes, já que o salão ficava perto. Em dias de chuva, de barro, o povo do interior costumava vir descalço, trazendo na sacola os chinelos ou sapatos. Então, era na casa dos Colling que lavavam os pés, para depois colocarem o calçado. Ali também trocavam de roupa e se aprumavam para irem ao baile. O vovô havia instalado água corrente que provinha de uma vertente, e passava por três a quatro tanques. O primeiro, protegido dentro de pequena guarita, era o da água potável e de consumo da cozinha; o segundo, para se lavar, e também lavar a roupa; um terceiro, pouco menor e colocado mais abaixo, era para lavar os pés. Havia também um quartinho de tomar banho, com um tanque maior. Na época em que vovô casou, havia uma igreja antiga, pequena, destruída pouco depois por um incêndio, no início deste século, o que motivou a comunidade a construir outra maior, de alvenaria, e que serviu até à década de 50. Em 1954 foi inaugurada a atual igreja matriz, construída justamente sobre a propriedade do avô, que foi vendida pela viúva e filhos à comunidade católica. A Paróquia de Harmonia havia sido criada em 1887, entretanto o primeiro pároco veio a tomar posse apenas na virada do século; era o Pe. José Langen, que, ao sair de Harmonia, abandonou o ministério sacerdotal. O segundo

pároco, Pe. Pedro Bremm, parente da família, hospedou-se na casa do sr. João até ajeitar a casa paroquial. Outros párocos também fizeram regularmente suas refeições na casa do sr. João, quando, por razões diversas, não havia condições na casa paroquial.

Uma qualidade que vovô herdou de sua mãe, além da música, foi o gosto por viagens; assim, ele participou de diversos congressos católicos, os chamados "Katholikentag". A ferraria era somente dele, não tinha sócio, mas sempre havia mais auxiliares trabalhando com ele, especialmente quando os filhos ainda eram pequenos. Assim, no início do século, trabalhavam com ele os srs. Jacob Theobald, seu sobrinho, e Domingos Lauermann. Certo dia foram surpreendidos por um violento temporal, que chegou a destelhar a igreja que ainda estava em construção. As folhas de zinco, arrancadas e levadas pelo vento, chegaram a decepar um pé de coqueiro e outras foram encontradas no morro que ficava perto do beco dos "Kunrath", a uma distância de mais de um km. João possuía então apenas dois filhos pequenos, o Julio e a Lidvina; os empregados estavam sozinhos na ferraria e, apavorados, foram esconder-se debaixo da mesa de ferramentas, tal foi a fúria do furacão.

À medida que os filhos iam crescendo, eram iniciados no trabalho da família, em primeiro lugar no da lavoura, pois o vovô possuía, além da ferraria, uma modesta propriedade de pequeno agricultor. Lá pelos 17 a 18 anos, eram iniciados na profissão de ferreiro, tendo como mestre o próprio pai. Dos seis filhos homens, cinco seguiram a profissão do pai, exceto o caçula, Dom Cláudio. As moças ajudavam na lida da casa. A educação era bastante rígida: as meninas não podiam sair muito cedo de casa. Conta uma neta da vovó Christina que, apesar de já estar com 11

anos, não lhe era permitido visitar a vovó, a não ser acompanhada dos pais.

Assim como o sr. João gostava de viajar e visitar os parentes, também tinha alegria em receber visitas. As tardes de domingo eram dedicadas ao lazer, ao jogo de carta, o célebre Schafkopf, do qual Dom Cláudio também gostava muito. Um sobrinho do sr. João relata: "Certo dia fui de Parecí Novo a Harmonia, a pé, para participar da festa do "Kerb" (festa do padroeiro), na casa do tio João. Eu gostava de irá casa do tio, porque sempre era bem recebido. No "Kerb" havia tanta visita, que nem dava para conversar com todos. Mesmo assim, a gente voltava faceiro para casa, porque havia sido recebido muito bem."

Certo dia, o sr. João resolveu construir uma cisterna, para reserva de água; era tempo de inverno e fazia frio. Começou a cavocar, quando o chamaram à ferraria, para ajudara apertar aros de rodas de carreta. Sua filha Maria, que recém havia extraído um dente, ofereceu-se para substituir o pai na ferraria, pensando em ajudá-lo desta maneira. Entretanto, mal sabia ela que complicação estava por arranjar, expondo-se ao calor do fogo, tendo hemorragia do dente extraído. Custou a se recompor. - Passo, a seguir, a relatar certos fatos curiosos e humorísticos da vida de família do sr. João e D. Maria.

Fatos Curiosos. As beterrabas.

Dada a hospitalidade do sr. João, alguns dos fregueses da ferraria eram seguidamente convidados a almoçar à sua mesa, especialmente quando eram de longe, e a encomenda da

ferramenta não ficara pronta. Certo dia aconteceu que D. Maria preparou um prato de beterrabas, mas ainda eram poucas, por serem as primeiras da safra. O visitante, não conhecendo esta hortaliça, perguntou o que era, meio desconfiado, de acordo com o ditado popular da colônia alemã: "Was der Bauer nicht kennt, das "fresst" er nicht" (o que o colono não conhece, também não come). Depois de lhe ter sido explicado, e havendo provado um bocado, tranquilamente virou toda a travessa de beterrabas para dentro de seu prato! Nenhum dos da família se havia servido, pois a hospitalidade dava ao visitante a preferência para servir-se. A criançada, entre eles, o pequeno Cláudio, viu com espanto o feroz apetite do homem, olhando para a mãe, na espera de mais beterrabas... Não havia mais, e D. Maria discretamente fez sinal com o dedo na boca, acalmando os pequenos. Bem, semanas mais tarde, vem novamente o mesmo cidadão e, como das outras vezes, esperava ser convidado à mesa do ferreiro. Entretanto, os rapazes mais velhos, filhos do sr. João, entre si combinaram revezar-se para almoçar, enquanto trabalhavam sem parar. Lá pelas duas horas da tarde, vendo que não era convidado, o cidadão olhou pela janela, como a indagar o tempo, e disse: "Bem, acho que está na hora de voltar para casa!"

Cavalos e galinhas

Já se tornara costumeiro que o povo deixasse os cavalos de montaria amarrados, com seus arreios, debaixo das laranjeiras do pátio da família do sr. João, ao lado da ferraria e da cozinha, quando vinham à missa e também ao bailes. Alguns destes cavaleiros mostravam-se cortesês, pedindo licença,

enquanto que outros simplesmente avançavam, fazendo-se donos, sem pedir licença. Nada de trágico, mas acontece que os bailes eram à noite e, durante a noite, as laranjeiras normalmente abrigavam galináceos; havia laranjeiras "povoadas", e outras não. Os que pediam licença eram prevenidos do perigo de um possível "bombardeio" noturno, recomendando-se-lhes as árvores desabitadas, que então ficavam apinhadas de montarias debaixo de suas copas, enquanto que outras, as habitadas pelos galináceos, estavam desocupadas, o que justamente agradava aos que chegavam sem pedir autorização. Não é preciso dizer muito sobre o desfecho, as conseqüências! Quanta reclamação inútil contra os projéteis lançados sobre as selas, especialmente sobre os selins de veludo fino das damas e senhoritas! Pior ainda, agüentar no dia seguinte a "flauta" dos filhos do sr. João! Quando a viagem de regresso era feita ainda durante a noite, no escuro, acontecia sentarem na montaria sobre os "projéteis"; se já havia clareado o dia, procurava-se, por entre imprecações, algum sabugo de milho, para remoções de emergência!... E sob os olhares indesejáveis dos circunstantes!

Ovos na alfafa

Um dos filhos da família, de nome Albino, era mais franzino, sempre meio adoentado; recebia remédios e fortificantes, comidas especiais, porções melhores. Ora, isso intrigava os outros irmãos, especialmente os menores, Aloísio, Vendelino e Cláudio, que resolveram fazer um complô, para compensarem a desigualdade. E o jeito encontrado foi o

seguinte: juntar ovos de galinha e escondê-los no sótão do paiol, onde havia depósito de alfafa. Passados alguns dias, e juntada certa quantidade, alguém levava os ovos num cesto pelos fundos do paiol, alcançando-os ao Aloísio, que já estava a postos na estrada lateral, perto do paiol, para ir vendê-los na "venda" dos priderichs, logo ao lado, e comprar balas e outras guloseimas, que então eram repartidas entre os pobres "prejudicados". Acontece que o Miguel, bem mais velho que os menores, quase oito anos mais velho que o Aloísio, não participava do complô; certamente não era da confiança dos demais. Por azar, este descobriu o ninho de ovos na alfafa, denunciando o achado às autoridades competentes, e tudo ficou a descoberto, frustrado!

Óculos sem lentes

O vovô já era falecido e a vovó Maria morava com seu filho, padre Cláudio, na casa paroquial da Igreja da Glória, em Porto Alegre. Certo dia a filha Maria arranhou uma armação de óculos sem lentes, dizendo à mãe que eram óculos muito bons. A vovó pediu para experimentá-los, e realmente "enxergou" muito bem, confirmando que eram bons de verdade, não se dando conta da falta de lentes! Acontece que, a partir de certa idade, as pessoas que usam óculos não necessitam mais; talvez fosse o caso dela.

Vinho para a festa de ordenação

Quando, em fins de fevereiro de 1925, o menino Cláudio, de 11 anos, se despedia para ir para o seminário, a família do sr. João

estava justamente a engarrafar vinho que ele fabricava. Sua mana Maria separou 4 garrafas, dizendo-lhe em tom de gracejo que iria aguardar sua ordenação, para então tomarem o vinho na festa. As garrafas foram realmente guardadas



Figura 4 A família completa. Dom Cláudio é o caçula, entre os pais

no porão da casa e rapidamente esquecidas com o passar do tempo. Em vésperas da ordenação do jovem Cláudio, a família resolveu fazer uma reforma geral na casa paterna. Foi tirado o telhado, arrancado o assoalho, do que eu me recordo muito bem. Para surpresa de todos, arrancado o assoalho, apareceram as garrafas. Eram passados 12 anos, e ninguém lembrava mais nada. Os que trabalharam na reforma da casa eram: Jacob Both, Francisco Theobald, e Julio Hartamnn. O Jacob havia encontrado



Figura 5 Dom Cláudio no dia de sua comunhão solene, realiza-da na matriz de Harmonia, a 8/04/1923

as misteriosas garrafas, que entregou à Maria. O sr. Reinoldo Stoffel, comerciante e vizinho, abriu uma garrafa, provou com cautela, para então exclamar: "É um licor fino!" Então, a vovó e a tia Maria recordaram

o fato de remotos anos. Realmente, quis a Providência que o vinho fosse servido na festa de Primeira Missa do neosacerdote Padre Cláudio!



O estudo negado

Entre os filhos do casal, destacou-se a Maria, por seu gosto pelos livros, sua capacidade de ajuda aos colegas, em sala de aula. O professor a convidava seguidamente a socorrer os mais fracos, menos dotados. Ela queria continuar seus estudos, sonhando com o magistério, ser professora. Foi falar com o pai, mas em vão. O professor interveio, intercedendo por ela, mas de nada adiantou. O pai ficou irredutível, dizendo que o estudo era caro, e que ele, com sua modesta profissão e família numerosa, não poderia dar estudo para os demais. Se não pudesse dar para todos, não daria para nenhum. Maria teve que se conformar; desolada, procurava alívio, escondendo-se no sótão do paiol, a chorar, deitada sobre o monte de alfafa, que já foi cenário de outras peripécias. O fato é que Deus havia reservado outra missão para ela: a de servir a seu irmão padre, depois bispo, missão em que se sentiu plenamente realizada, como veremos.

Figura 6 O pai de Dom Cláudio, jogando carta com seus filhos, em domingo de tarde, na sala de sua residência. Da esquerda para a direita: Vendellino, o pai, sr. João, o sr. Pedro Both (de pé), bisavô do Prof. Agos-tinho Both, o menino Ataná-sio, (filho do irmão de Dom Cláudio, Julio); Miguel, Julio, Aloísio e Albi-no.

3. Os irmãos de Dom Cláudio

João Cláudio, como foi batizado, é o último de dez filhos. O mais velho dos manos, Julio José, nasceu em 1895, portanto, 18 anos mais do que João Cláudio. Julio casou com Regina Otília Marx, e este matrimônio foi abençoado, generosamente, com nada menos do que 17 filhos, sendo 13 homens e 4 mulheres; dos filhos homens, dois morreram em tenra idade, e os demais 11 até organizaram um time de futebol, que disputou diversas partidas pela região.

Catharina Lidvina, a segunda, casou com Albino Bays, de cuja união nasceram 10 filhos, entre eles um sacerdote, Côn. Canísio.

Segue, pela ordem, o Miguel, casado com Maria Luisa Heckl. Tiveram 6 filhos. Depois do Miguel, vem a Cecília, que se tornou religiosa franciscana, da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. Cecília e João Cláudio saíram juntos de casa, em 1925, indo ambos a São Leopoldo, ele para o Seminário Menor e ela para o juvenato das Irmãs, no conhecido Colégio São José, da mesma cidade. Segue a mana Maria, mulher prendada, como já ficou registrado acima. Quando jovem, apresentaram-se diversos candidatos ou pretendentes à sua mão. Ela, entretanto, optou por uma outra vocação: queria esperar pela ordenação sacerdotal de seu mano, para dedicar sua vida a este, servindo-o como sua caseira e governanta. Realmente, fazia questão de frisar que via nesta sua opção uma verdadeira vocação, que, para ela, pessoalmente, significava mais do que entrar em alguma congregação religiosa. Depois da Maria, seguem 3 filhos homens, em intervalos constantes de aproximadamente 2 anos. Fato curioso: todos os

10 filhos da casal nasceram em anos ímpares, de 1895 até 1913. O primeiro depois da Maria é o Albino, o filho da preocupação, por sua constituição frágil, e que mereceu cuidados especiais, como consta acima no episódio dos ovos achados na alfafa do paiol. Albino realmente se aprumou, graças ao desvelo dos pais; casou com Otilia Marx, que tem o mesmo nome de sua concunhada, esposa do Julio. Este lar teve a alegria de receber 3 filhos. Segue, depois, o sétimo, de nome Aloísio, que casou com Theresa Both, união abençoada com 9 filhos. O oitavo filho, Vendelino, casou com Cecilia Luisa Spohr, com quem teve também 9 filhos, entre os quais um que se tornou sacerdote, o autor destas linhas. Depois do Vendelino, veio à luz a pequena Lucia, que faleceu prematuramente, creio que apenas com 2 dias de vida. Quando parecia tudo encerrado, depois desta experiência dolorosa da morte prematura, aparece a surpresa do nascimento de mais um menino, que vem a ser o João Cláudio. Sua mana Maria não gostou do seu nascimento, e protestou: "Ah, mais um para cuidar!". Ela estava cansada de cuidar dos irmãozinhos menores; tivera um pouco de folga, o menor estava com 4 anos, e agora aparecia mais um! Certamente não podia imaginar o que seria deste menino. Mas assumiu também a este, cuidou dele como dos demais. Hoje é preciso reconhecer como são imprevisíveis e amorosos os caminhos da Providência: aquele maninho que ela não queria foi justamente o escolhido por Deus para ser sacerdote e bispo, e a quem ela iria servir por mais de 50 anos.

Resumindo, registramos 10 filhos e 54 netos do casal João e Maria. Todos estes manos e sobrinhos encontraram em Dom Cláudio muito mais do que um irmão ou tio. Ele foi para todos eles um verdadeiro amigo, conselheiro, orientador, um

companheiro de todas as horas, seja de alegrias, seja de luto e sofrimento. Este cunho familiar, esta intimidade fraterna do mano e tio foi muito marcante, como ainda poderemos verificar. Todos guardamos dele as melhores e mais saudosas recordações.

4. Infância e Escola

Por ocasião do nascimento de João Cláudio, era pároco de Harmonia o Pe. Pedro Bremm, parente da família. No mesmo dia do nascimento, foi efetuado o batizado, sendo padrinhos o professor paroquial, sr. João Albino Rauber, e a Sra. Catharina Hartmann, esposa do seu tio Pedro Hartmann e mãe de dois sacerdotes, Cônego Leão e Pe. Julio. A crisma, João Cláudio a recebeu aos dois anos, sendo padrinho seu primo-irmão Francisco Theobald, e celebrante o arcebispo Dom João Becker. Os estudos elementares foram absolvidos na escola paroquial, que ficava muito próxima à sua casa, com o professor Jacob Matheus Würth, que foi substituído, depois, pelo sr. Reinoldo Bonh. Conforme depoimento feito pelo sr. Hugo Klein, seu colega de escola, João Cláudio era um menino vivaz, alegre, inteligente. Iniciaram ambos os seus estudos em 1920. Naquele tempo, era costume fazer-se a 1ª comunhão sem muita solenidade, ou melhor dito, de forma bem simples. Seguia-se a comunhão solene, que representava também a conclusão dos estudos na escola paroquial, absolvidos os 4 anos de escolaridade. Esta comunhão solene ocorreu aos 8.04.1923, com o pároco Pe. Pedro Drebel, quando João Cláudio contava nove anos e meio de idade. Cláudio, sempre disposto, sabia também fazer suas artes, como qualquer outro menino de sua idade. Sentados lado a lado na sala

de aula, Cláudio e Hugo tornaram-se amigos. Certo dia, Cláudio desenhou dois bonecos, as caricaturas do

Hugo e o de uma menina da classe, de nome Vilma Hilgert, representando-os como namorados. Na época da catequese, para a comunhão solene, Hugo costumava almoçar na casa do Cláudio, a título de amigo convidado, o que lhes dava alegria. Hugo recorda com saudades as



Figura 7 O seminarista Cláudio no tiro de guerra, em 1930.

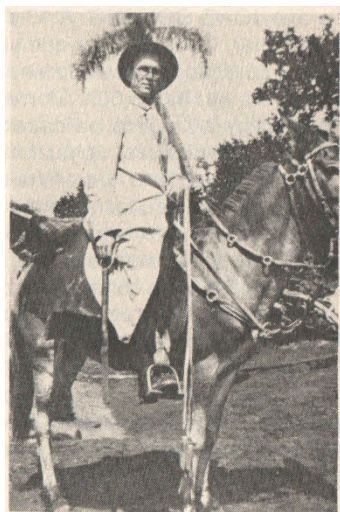


Figura 8 O seminarista teólogo em passeio de férias, a cavalo; este chamava-se "Braun", e era propriedade da família.

horas de lazer, depois do almoço, com brincadeiras e corridas pelo pátio da casa do amigo. Orgulhava-se muito de ter sido honrado com a companhia e a amizade daquele que se tornou arcebispo.

Uma foto antiga, já meio prejudicada, apresenta a solenidade da comemoração do centenário da Independência do Brasil, aos 7.09.1922. A cena mostra uma grande concentração popular, com banda de música e agrupamento de muito povo, no centro do povoado de Harmonia.

Todos os homens, os jovens e até os meninos portam uma arma recostada ao peito, que serviu para tiros de festim. Na frente, em primeiro plano, dá para se reconhecer o pequeno Cláudio, então com 9 anos completos, tendo aos ombros a sua espingardinha, para os tiros defestim. Aparece com calça meia-canela e chapeuzinho "enfiado" na cabeça, de cara faceira com sua arma.

Neste ambiente simples, modesto, de família numerosa, que luta para viver, pobre de recursos, mas muito rica em fé, alegria e honestidade, cercado do carinho de seus pais e irmãos, desabrocha a vocação sacerdotal do menino Cláudio, que vive à sombra da igreja, desfrutando da amizade do pároco, seu vizinho. Para terminar a narração deste período de vida familiar de sua infância, vai aqui um relato que se pode considerar de certa maneira profético. Os três maninhos maiores discutiam entre si sobre os seus planos futuros. Eram o Albino, o Aloísio e o Vendelino; este último, meu pai, é que me relatou o episódio. Todos os três planejavam entrar no seminário, para serem sacerdotes. Perguntaram então ao menor, Cláudio, que então deveria estar com uns 4 anos, qual o seu sonho, seu projeto futuro. Ele os levou para junto de sua caminha, no quarto, acima da qual estava pendurado um quadro do Papa Leão XIII, dizendo que era isto que ele queria ser. Efetivamente não se tornou papa, mas chegou à plenitude do sacerdócio, no episcopado. Absolvidos, pois, os estudos elementares em sua terra natal, o pequeno Cláudio manifesta a seus pais o desejo de se tornar sacerdote. Estes o encaminham ao pároco, que muito se alegra com a decisão de seu pupilo, e é acertada a entrada no Seminário Menor de São Leopoldo, para o ano letivo de 1925.

5. Os Estudos Seminarísticos

É em fins de fevereiro de 1925 que o menino é levado ao Seminário Menor de São Leopoldo, acompanhado de sua irmã Cecília, que ingressaria no juvenato das Irmãs Franciscanas. Tudo transcorria muito bem nos primeiros anos de



Figura 10 No dia de sua ordenação sacerdotal, a 10/08/1937, com os colegas: Jerônimo Braun e Albino Kunrath. Pe. Cláudio está à direita do Arcebispo Dom João Becker.



Figura 9 Recepção solene ao neosacerdote, em Harmonia, na véspera de sua Primeira Missa: Vem montado no cavalo "Braun".

estudo, de 1925 a 27. Entretanto, dura prova estava reservada para a família já nas primeiras semanas de ano de 1928: o pai de Cláudio, sr. João, sofria de úlcera estomacal, e como não havia hospital na região, foi a São Leopoldo, para tratar-se com o médico, permanecendo hospedado no Hotel Schroeder. O mal se agravou, com o conseqüente rompimento da parede estomacal, rompida pela úlcera, e o enfermo veio a falecer aos 14.02.28, ladeado de seus entes queridos. No momento em que a úlcera estourou, estava com ele apenas o filho Vendelino. A



Figura 12 Procissão rumo à Igreja matriz, desde a casa paterna, para a celebração da Pri-meira Missa Solene, a 15/08/1937.

principalmente doença dos rins e coração, sobrevivendo ainda hemorragia interna, que pôs fim à sua vida, dia 14, às 13,30h. Morreu preparado pelos meios da graça de nossa Igreja Católica, na idade de 54 anos e 4 meses. Vivemos 33 anos em feliz matrimônio, do qual nasceram 10 filhos, sendo que uma lhe precedeu na morte. Uma filha se consagrou à Ordem Franciscana, a qual esteve a seu lado, para confortá-lo na hora derradeira.

participação de seu falecimento, redigida em língua alemã, diz o seguinte:

"A todos os parentes, amigos e conhecidos, de perto e de longe, seja dada através desta a participação fúnebre de que a Deus Todo Poderoso, Senhor da Vida e da Morte, agradou chamar desta vida, através de inesperada morte, a meu querido esposo, nosso querido pai e avô JOÃO COLLING. A 10 deste mês, ele foi a São Leopoldo para consultar. Constatou-se que seu mal era

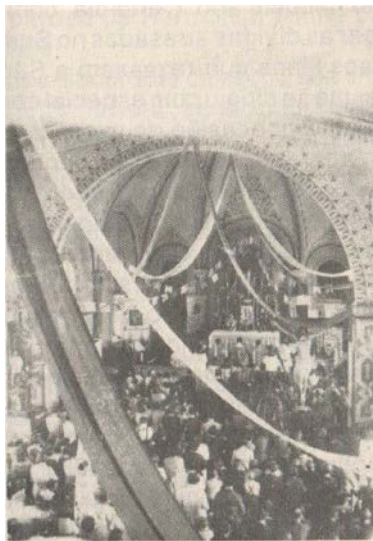


Figura 11 Flagrante da Primeira Missa Solene na antiga matriz.

Um filho está no seminário, onde se prepara para o sacerdócio. Não podemos deixar de manifestar nosso agradecimento ao Dr. K. von Biglevics pelo seu empenho em conservar-nos sua preciosa vida; da mesma forma, ao proprietário do Hotel Schroeder, pela assistência no tratamento, bem como ao Revmo. Pe. Bley pelo seu atendimento e administração do Viático... Ao Revmo. Pe. Colling, de Taquara, que não recebeu enfrentar esta longa viagem e dar honra de sua presença ao querido tio, sob a assistência do Revmo. Pe. Vigário, Pedro Simon e do Subdiácono Ignacio Jacoby, de abençoar seus restos mortais."



Figura 13 O neo-sacerdote com sua mãe e a mana Maria

Ao tornar-se órfão de pai, o jovem Cláudio estava com 14 anos e meio. Um colega seu de seminário, ao mesmo tempo primo-irmão, Libório Hartmann, conta que em fins de fevereiro seu mano mais velho de nome Hugo levou os jovens seminaristas de caminhão de carga para o seminário; eram eles: Cláudio,

Libório, Willibaldo Hoffmann, Plínio Weissheimer e os irmãos Emílio e Oscar Hartmann, naturais de Tupandí. Neste ano escolar de 28, iniciou Cláudio sua tarefa de mestre-cena, dada a facilidade de comunicação que possuía, sendo ao mesmo tempo bedel da segunda divisão do grupo dos médios. No fim deste ano escolar, quem veio buscá-los para as merecidas férias foi o mano mais velho Julio, que morava na várzea do Parecí e havia comprado um automóvel. Entre os anos de 1925 a 1930, Cláudio absolveu os estudos de primeiro e segundo graus, iniciando, em 1931, os estudos de filosofia, e, em 1934, os de teologia.

Voltemos ainda ao último ano do Seminário Menor, em 1930, para falar sobre uma ameaça de expulsão enfrentada pelo nosso jovem, que agora já estava com 17 anos. Para um seminarista do Seminário Menor era rigorosamente proibido carregar valores monetários consigo. Estes eram entregues, no início de cada ano escolar, ao superior imediato, denominado de "prefeito". Naquele ano, o jovem Cláudio fez o tiro de guerra, modalidade de serviço militar adequada aos estudantes do seminário. Ele havia sido indicado como o coordenador do grupo, o representante junto ao capitão, o que o obrigava a conservar consigo algum dinheiro, para os gastos necessários, inerentes ao seu cargo. Diga-se de passagem que este episódio o próprio Dom Cláudio me contou, quando já era bispo. O prefeito, segundo ele, já estava com alguma implicância, esperando ocasião oportuna para incriminá-lo; e esta apareceu quando o superior encontrou o "ouro" proibido na carteira do recruta Cláudio. Repreendeu-o publicamente, avisando que iria de imediato tratar junto ao reitor do Seminário de sua expulsão. Mas enquanto o prefeito se dirigia ao quarto do reitor, Cláudio se dirigiu, na sua aflição, ao diretor espiritual, ao qual, em prantos,

suplicou a intervenção junto ao reitor, para tornar sem efeito qualquer medida condenatória, o que, graças a Deus, realmente aconteceu, voltando tudo à normalidade.

A morte prematura do pai trouxe dificuldades à viúva enlutada, para poder custear os estudos do filho no seminário. Estavam casados apenas os dois filhos mais velhos, Julio e Lidvina; Miguel estava com casamento marcado para agosto daquele ano. Certo dia, contou-nos a vovó, não sabia mais como pagar as dívidas atrasadas no Seminário. Cheia de aflição, recomendou aos filhos que rezassem a São José, pedindo sua intercessão. Ela mesma se dirigiu com especial confiança ao santo predileto de sua devoção, por ocasião da missa dominical. Após a missa, de volta a seu lar, aparece um envelope contendo 600 mil réis, oferecidos por um doador anônimo, com o que conseguiu saldar o atrasado. Miguel casou em agosto, continuando na profissão do pai, com ferraria estabelecida um pouco mais abaixo da casa paterna. Restavam em casa os demais filhos menores; excetuando-se os dois que estavam no juvenato e no seminário, viviam em casa: Maria, Albino, Aloísio e Vendelino. Todos, solidariamente, tanto os casados como os solteiros, se uniram para custear os estudos do irmão menor, o que certamente muito contribuiu para a união da família e para despertar em Cláudio aquele carinho especial que sempre devotou a seus familiares. Ele realmente honrou e prezou sua família.

Chegando ao quarto ano de teologia, foi convidado a acompanhar algumas vezes a comitiva do sr. Arcebispo Dom João Becker, nas visitas pastorais. Ordenado sacerdote, intensificaram-se estas atividades. Certo dia, já arcebispo, confessou sentir leve frustração, por não ter concluído seus

estudos de teologia. Ordenado sacerdote no meio do ano escolar, realmente não absolveu o último semestre do curso, porque o sr. Arcebispo já o escolhera para seu secretário.

6. A Ordenação Sacerdotal

João Cláudio foi ordenado sacerdote por Dom João Becker a 10.08.37, na Cripta da catedral de Porto Alegre, com seus colegas de classe Albino Kunrath e Jerônimo Braun. O dia 10.08 era uma terça- feira, mas era dia de São Lourenço, diácono e mártir, tradicionalmente consagrado e escolhido para ordenações sacerdotais. Lembro aqui de memória alguns nomes de sacerdotes ordenados na data de 10.08: Angelo Roncalli, o futuro Papa João XXIII, Dom José Barea, bispo de Caxias do Sul; Mons. Leopoldo Hoff, grande músico, pároco da Paróquia de N. Sra. Auxiliadora, de Porto Alegre; Côn. Oscar Mallmann,

pároco de Harmonia. Minha própria ordenação sacerdotal foi nesta data.

O neo-sacerdote celebrou sua 1ª Missa Solene a 15.08, domingo, em sua terrinha natal, sendo padrinhos de 1ª Missa os tios José Colling, pai do Côn. Alberto, e Estanislau Hartmann, irmão de sua mãe. Estes já profetizavam naquela época sua eleição para bispo da Santa Igreja e não estavam enganados. O neo-sacerdote provém de uma família que conta com diversos integrantes consagrados à vida religiosa: são primos-irmãos os padres Côn. Alberto, Côn. Leão Hartmann, Arthur Hartmann, Leopoldo Hoff, Dom Jacob Hilgert, Pe. Engelberto Hartmann; dois sobrinhos sacerdotes; entre os religiosos mais chegados: sua mana Ir. Verona; seus primeiros primos, os irmãos jesuítas

Nicolau Ritter, Pedro Aloísio Ritter, Francisco Xavier Ritter, Alberto Theobald; as irmãs franciscanas Amanda Ritter e Rainéria Colling. Enfim, para sintetizar, com os demais sacerdotes e religiosos, a cifra ultrapassa a casa dos 50. Será isto motivo de ufania para ele, para nós? De modo algum, porque não é merecimento, é graça e misericórdia do Pai Celeste.

7. As Primeiras Atividades Pastorais

O neo-sacerdote iniciou seu ministério pastoral como vigário paroquial da Paróquia do Menino Deus, onde encontrou como pároco um primo-irmão de sua mãe, Pe. Arthur Hartmann. Lá estive de 1937 até fins de 1938, quando foi transferido para a mesma função na Paróquia de São Geraldo, onde encontrou no pároco a figura ímpar do Côn. Vicente Scherer. Além das atividades paroquiais, continuava integrando a comitiva do sr. Arcebispo nas visitas pastorais, passando por vezes quase um mês no interior da Arquidiocese. Era também desde então o responsável pelo programa católico na única estação de rádio que existia em Porto Alegre, a Rádio Farroupilha; o programa era conhecido como "A Hora Católica". Deste período lembro de um pequeno episódio, que me foi relatado por meu pai. Vez por outra, ele ia visitar o mano padre. Sentados à mesa para a frugal refeição, disse o Côn. Vicente: "Sirva-se sem constrangimento. A carne é pouca, mas quando não é muita, sempre sobra mais um pouquinho."

Na época em que Dom Cláudio estive como vigário paroquial em Menino Deus, tornou-se grande amigo da família do sr. Otávio Totta e de Judite Mattos Totta, cuja filha Zilah foi

nomeada em 1939 professora em Harmonia, com sua colega Elisa Moojen, de Montenegro. Informado do assunto, interveio o Padre Cláudio, procurando sua mãe e a mana Maria, que agora moravam sozinhas na casa paterna em Harmonia, para que hospedassem as duas professoras. Depois de muita relutância, porque estas não sabiam falar o português, e aquelas não sabiam nada de alemão, foi aceita a proposta; originou-se assim uma profunda amizade entre as duas famílias, que perdura até hoje. Eu pessoalmente entrei neste quadro, um pouco como o burrinho do presépio, já que residia com a avó, nesta época, menino que era, com meus 5 anos. Muito me valeu este convívio, pelo calor humano que se criou e pelo aprendizado da língua portuguesa. Lembro que sentava no colo das professoras, que me prepararam assim para a escola, iniciando-me na fala da língua vernácula.

8. Pe. Cláudio: Pároco da Glória

Em fins de 1940, o jovem sacerdote foi nomeado pároco da Igreja N. Sra. da Glória, no bairro de mesmo nome, em Porto Alegre. Realizava-se agora o sonho de todos: trazer para junto de si a sua mãe e a mana Maria, que assim iniciava o exercício de sua tão sonhada vocação e missão, como a Virgem Maria em casa de Isabel e na sua própria casa de Nazaré, servir o Reino de Deus, junto ao seu mano sacerdote e à sua mãe. Esta já contava seus 64 anos e a tia Maria, 37. Morando ainda na casa da vovó, em Harmonia, participei da histórica mudança da família para Porto Alegre, o que naquela época, nas condições em que se vivia, representava uma verdadeira façanha. Recordo bem que fui

incumbido de levar em mãos uma cafeteira esmaltada, para que esta não corresse o perigo de lascas de esmalte, o que facilmente ocorre em mudanças. Lembro também o cenário da antiga casa paroquial da Glória, onde eu iria residir um pouco mais tarde.

No período que vai de 1941 até sua nomeação para Bispo Auxiliar de Santa Maria, em dezembro de 1949, o Pe. Cláudio ocupou os seguintes cargos: pároco da Glória (1941-1946); assistente arquidiocesano dos homens da Ação Católica (13.04.41); assistente arquidiocesano da Juventude Católica Feminina (22.03.46); vice-diretor das obras da Catedral e capelão das Filhas de Maria Imaculada, "las Hijas" (02.03.47); 1º secretário da Comissão Central Organizadora do Vº Congresso Eucarístico Nacional de Porto Alegre (24.06.47); finalmente, cura da Catedral (06.12.48). Durante todo este período ainda continuou como diretor da "Hora Católica".

Desde que foi nomeado pároco, o tio sempre teve consigo algum sobrinho, a quem pagava os estudos, que servisse como sacristão e pequeno mandalete, menino de recados, enfim, auxiliar das lides domésticas, junto à sua mãe e mana. O primeiro sobrinho convidado foi o Cláudio, filho de sua mana Lidvina Bays, que permaneceu durante o ano de 1941. Depois tocou a mim este privilégio e graça; digo privilégio, porque para um menino do interior isto representava um grande passo no crescimento cultural, ainda mais no convívio de um lar sadio e cristão. Convivi com eles nos anos de 1942 até 1944, deixando então este lar, para ingressar no Seminário Menor de Gravataí, em 1945. Na Glória, eu estudava no Colégio Santa Teresinha, das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, que depois se transformou no Ginásio N. Sra. da Glória. Depois de mim, estiveram meu primo Marcos Miguel, filho do tio Miguel, e meus manos Eloy e Paulo.

Marcos, que acompanhou o tio em Passo Fundo, quando já era bispo, e Paulo, que esteve também em Passo Fundo, ao passo que Eloy esteve com ele em Porto Alegre, no ano de 1949.

Como assistente dos movimentos de Ação Católica da Arquidiocese, o Côn. Cláudio empreendeu a reforma e ampliação da casa de retiros, denominada "Vila Betânia", situada num lugar muito aprazível, no Bairro da Glória, em Porto Alegre. Para esta reforma, convidou familiares seus, em especial o sobrinho Anselmo, filho de seu mano Julio, que ficou residindo com sua família, junto à mesma, como caseiro e zelador da propriedade.

Durante seu ministério de pároco da Glória, sempre teve auxiliares, tanto como vigários paroquiais, seja na qualidade de auxiliares esporádicos, devido às diversas atribuições e encargos que assumira, e de que já falamos. Lembro aqui com muito carinho alguns destes nomes de sacerdotes, com os quais eu tive a honra de conviver, hoje quase todos falecidos. São figuras venerandas e queridas, como: Germano Rambo, Nilo Kollet, Edvino Puhl, José Eichelberger, Luís Jokoby, Miguel Junges, Estanislau Scherer, irmão mais velho do sr. Cardeal, Arthur Hartmann, que fora seu pároco na Paróquia do Menino Deus, Albino Ruwer e outros.

Naquele tempo, a Arquidiocese de Porto Alegre era bem mais vasta em seu território, pois incluía ainda os territórios das atuais dioceses de Santa Cruz do Sul, Novo Hamburgo, e parte das dioceses de Caxias do Sul e Passo Fundo. Com as condições precárias de locomoção e transporte da época, bem podemos imaginar o que representava de sacrifício para Sr. Arcebispo e a comitiva de seus auxiliares e acompanhantes, entre os quais estava o Pe. Cláudio, cumprirem sua missão de fazer as visitas pastorais e crismar. Quando o então arcebispo Dom João Becker,

devido à sua idade avançada e situação precária de saúde, não podia mais desincumbir-se deste ministério, foi nomeado um representante seu, que fizesse as visitas e crismas em seu nome, na pessoa do Côn. Afonso Neis. Tanto mais assumiram Pe. Cláudio e Côn. Germano Wagner a tarefa que lhes cabia. Regressando destas viagens, normalmente cheias de peripécias e contratemplos, viagens por estradas barrentas, com atoleiros, travessias de águas por barcos, balsas, canoas, cavalgadas por picadas e matos, ou até trajetos a pé, carregando mochilas, o tio voltava exausto, por vezes doente, devido às mais diversas privações, cada dia cardápio diferente, condições precárias de higiene, falta de banheiros e sanitários. Voltava dizendo que estava literalmente saturado de "galinhada", porque era o prato de cada dia. Onde quer que chegassem, era feita uma galinhada, com falta ou exagero de condimentos. Dormiam por vezes em galpões, sobre pelegos, eram atacados por mosquitos, pulgas e até formigas. Contou-nos que certo dia, pela região da campanha, bem no interior, acabada a dura tarefa do dia, já estafados, foram jantar na casa do presidente da comunidade, dono de um salão de baile, onde, após a janta, seria realizado o fandango, já que o povo se reunira para a visita do bispo, coisa rara, e o bodegueiro não podia perder esta oportunidade de faturar alguns trocados. Quando perguntaram pelas camas, para poderem descansar, este gentilmente lhes mostrou, também ao sr. Arcebispo, uns bons pelegos debaixo do balcão, no próprio recinto do salão de baile!

Uma forte característica do tio eram as freqüentes visitas às famílias de seus manos, seja como padre, seja como bispo. Nunca recusou convite algum para festas ou encontros familiares, celebrando todos os casamentos dos sobrinhos, para os quais normalmente era convidado.

O primeiro receptor de rádio que chegou a Harmonia foi um "galena", artefato hoje desconhecido e superado, trazido por Pe. Cláudio, como presente à sua mãe, para que ela pudesse escutar os programas da Hora Católica. Era um instrumento primitivo, que constava basicamente de uma bobina, de um cristal, e dois fones que eram adaptados aos ouvidos. Não necessitava de fonte de energia, pois a própria bobina a produzia em quantidade mínima; sei apenas que por uma agulha se procurava no cristal a sintonia da Rádio Farroupilha, para então se ouvir, muito de leve, a emissão da Rádio.



Figura 14 A família, por ocasião de sua ordenação episcopal, a 29/01/1950. Na primeira fila, da esquerda para a direita: Maria, Dom Cláudio, a mãe, Cecília (Irmã Verona) e Lidvina. Em pé: Vendelino, Albino, Ju/fo, Miguel e Aloísio.

O meu convívio pessoal com o tio padre iniciou muito cedo e foi marcado fortemente por uma amizade e empatia recíprocas. Eu nasci quando ele estava para ingressar na

teologia. Conta a mãe que certo dia ele, vestido de batina, me tomou no colo, e eu, então, "reguei" esta batina, fazendo com que ele me devolvesse apressado ao colo da mãe. Depois de ordenado, recordo uma visita sua, aliás estas visitas sempre foram festa na casa, em Harmonia. Fui correndo buscar água numa jarra, todo afoito e



Figura 16 Dom Cláudio, Côn. Oscar Mallmann, pároco de Harmonia entre os anos de 1930 a 1991 e Pe. Oscar, no dia da ordenação sacerdotal deste, quando ambos, também celebravam respectivamente 21 a 31 anos de sacerdócio.



Figura 15 Dom Cláudio com o Papa Pio XII. A estátua de N Sra. de Fátima, Dom Cláudio a adquiriu em Portugal; pediu que Pio XII a benzeesse, para então trazê-la à sua diocese.

feliz, e, ao despejá-la na bacia, parte transbordou e foi cair outra vez no colo do tio. Quando fui morar com ele em Porto Alegre, assumi as funções de sacristão, com 8 anos, e, é claro, sem deixar de fazer minhas artes de criança. Lembro algumas delas: na véspera, eu costumava deixar tudo preparado para a missa matutina do dia seguinte: altar, galhetas com vinho e água, as oblatas, etc.. Certa vez, tinha

acabado o vinho; pois bem, deixei para providenciar no dia seguinte bem cedo, antes da missa; mas criança é irresponsável; no dia seguinte, quando chegou a hora do ofertório, para oferecer as galhetas com vinho ao celebrante... ai! Sem dizer nada ao tio, saí correndo para a sacristia, pulei a janela, subi pelo pátio para a cozinha da casa paroquial, onde tinha que pegar uma chave do galpão de depósito na cozinha, sair para os fundos, abrir o depósito e voltar à cozinha com a garrafa de vinho de missa, para abri-la com sacarrolha, e retornar à sacristia... mas eu já estava



Figura 17 Dom Cláudio com seu mano Vendellino, o único ainda vivo da irmandade, e com o sobrinho Pe. Oscar

ouvindo os gritos do tio que, deixando o altar, veio ao encalço do sacristão fugitivo e da janela da sacristia gritava: "Oscar... Oscar...!" Foi para mim uma cena "apocalíptica", que teve seu desfecho com umas boas chineladas após a missa!

Depois da "galena", chegou a era dos rádios receptores alimentados pela carga de bateria. Eram uns caixotes meio grandes, mas dava para se ouvir perfeitamente o voz do locutor,

sem o auxílio dos fones. Uma das primeiras famílias que adquiriu tal aparelho foi a família Kuhn, vizinha do tio Miguel. E lá fomos nós, recordo bem, à casa dos Kuhn, para escutar a "Hora Católica". Tia Maria me disse que o tio estava dentro da caixa, e que depois do programa ele sairia da mesma, para falar conosco; é claro, acreditei piamente. Terminado o programa, eu teimei em ficar lá, aguardando o tio, para me encontrar com ele. A tia teve que desmentir, e eu fiquei desapontado, danado de brabo.

Foi o tio quem comprou para mim a minha primeira "fatiota", confecção de um tecido xadrez, com que me senti muito faceiro.

Outra cena marcante em nosso convívio de tio e sobrinho foi a de minha opção vocacional, que eu desejava comunicar-lhe. Motivado pelo exemplo dele, decidi-me realmente pelo sacerdócio. Certo dia, estava ele na sala de jantar, após o café da manhã, lendo o jornal; cheguei-me a ele, bati no seu braço de leve e disse: "Padre Cláudio, sabe, eu quero ser padre." Ele fechou o jornal, olhou para mim e me disse em tom severo: "O quê? Você quer ser padre? Coisa nenhuma! Você é muito arteiro. Se você ficar padre, eu fico bispo!".... Lá me fui eu, desanimado, a chorar com a avó, que me consolou. Entretanto, o apoio do tio não faltou. Em fevereiro de 1945, ele encaminhou todos os meus papéis, levou-me ao Dr. Antônio Bottini, grande amigo nosso e vizinho, para fazer os exames e conseguir um atestado médico. Chegado o dia aprazado, mandou que o Pe. Albino Ruwer, acompanhado de meu pai, me levasse ao Seminário Menor de Gravataí, onde vez por outra eu recebia com orgulho sua visita.

Como seminarista, eu passava religiosamente durante o período de férias alguns dias em sua casa, no convívio cálido e amoroso deste lar, composto pelos três, avó, tio Cláudio e tia

Maria, seja na Glória, seja no Paço Episcopal, à rua Mostardeiros, seja na residência do cura da Catedral, e mais ainda durante o tempo de seu ministério como bispo em Passo Fundo. Ele sempre me dizia: "Venha passar uns dias conosco, que eu lhe pago a passagem." Isto significava muito para mim, eu me sentia feliz e realizado.

9. A Eleição para o Episcopado

Por ocasião da comemoração do jubileu de ouro sacerdotal de Dom Cláudio, celebrado aos 10.08.1987, escreveu o sr. Cardeal Dom Vicente Scherer um artigo no boletim "Novos Desafios", com o título: "PARABÉNS DOM CLÁUDIO." Deste artigo quero extrair um pequeno trecho, em que Dom Vicente diz textualmente: "Dom Cláudio provém de um lar, viveiro de virtudes cristãs. A comunidade de origem, Harmonia, com o seu zeloso vigário, ofereceu ambiente propício para a compreensão do ideal do sacerdócio e o fortalecimento da semente divina no coração do menino e do jovem... Quando estive em Porto Alegre o embaixador do Papa Dom Carlos Chiarlo, em fevereiro de 47, para conferir-me a ordenação episcopal, designei o Pe. Cláudio para seu capelão-assistente, nos 15 dias de sua permanência entre nós. Desempenhou tão bem esta tarefa que 3 anos mais tarde foi promovido a Bispo Auxiliar de Santa Maria."

Em dezembro de 1949, o então Côn. Cláudio era cura da Catedral de Porto Alegre. Eu estava de férias, e havia sido combinado que eu passaria uns dias de férias com ele; ele mesmo me receberia na estação rodoviária de Porto Alegre. Dia 9.12, uma segunda-feira, eu vim do interior de Montenegro e, ao

chegar a Porto Alegre, encontrei o tio, com seu carro preto, esperando-me conforme prometera, o que representou para mim um gesto de muita delicadeza de sua parte. Justamente três dias depois, a surpreendente notícia de sua eleição para bispo! Foi uma explosão de alegria; a vovó chorava de emoção e alegria. Ao voltar para a casa de meus pais, lembro que meu pai escreveu-lhe uma carta, para cumprimentá-lo por sua eleição Terminada a redação da carta, começou a lê-la para mim, entretanto teve que interromper, porque a emoção e as lágrimas foram mais fortes! Foi a primeira vez que vi meu pai chorar, o que me impressionou profundamente.

A ordenação episcopal teve lugar na Catedral de Porto Alegre, a 29.01.50, domingo de manhã, dia de muito calor. Nós, os dois sobrinhos seminaristas, Canísio Bays e eu, tivemos o privilégio de acolitar, revestidos de capa magna e véu umeral, para carregar báculo e mitra do oficiante, Dom Vicente Scherer. Após o solene Pontifical, houve almoço de confraternização na casa de retiros "Vila Betânia", no bairro da Glória.

Sinal de muito carinho seu foi o convite que me fez de acompanhá-lo em viagem de férias, logo após a sua ordenação episcopal, de 2 a 10 de fevereiro, à Fazenda São Leandro, de propriedade da Sra . Zilda de Sá Brito Martins, no interior do município de Rosário do Sul. Além do passeio, significou para mim a "estréia" de uma viagem aérea, grande façanha, naqueles tempos, para um rapazote do interior, com seus 16 anos. Fomos com uma aeronave pequena, que fazia o trajeto de Porto Alegre a Livramento, com escala em Pelotas. No aeroporto de Livramento esperava-nos um "teco-teco" minúsculo, que nos deixou no campo da fazenda, perto da casa da anfitriã. Éramos 3 os hóspedes: o tio bispo, Pe. Albino Ruwer e eu. Devo confessar -

foram dias inesquecíveis, de convívio fraterno, de alegria, de descanso.

Seguiu-se dia 12.02, justamente no meu aniversário, o primeiro solene Pontifical do bispo recém-sagrado, em sua terrinha natal, Harmonia. Entretanto, muito mais do que as cerimônias e festas deste dia, impressionou-me profundamente a confraternização realizada no seio da família, dia seguinte, segunda-feira, na casa do tio Albino Bays. Estavam presentes todos os irmãos e cunhados, a maioria dos sobrinhos, alguns dos tios do bispo, primos, e outros convidados. O que calou fundo foi todo o ambiente, o clima de fé, de alegria, júbilo, carinho, amizade. Parecia uma verdadeira apoteose, um pedacinho do céu. Falamos, acima, dos sobrinhos que trabalharam na casa do tio padre e também do tio bispo. Entre os manos de Dom Cláudio, foi a família da mana Lidvina quem mais de perto conviveu com ele. Construído o Pré-Seminário de Tapera, havia necessidade de se conseguir um agregado, um chacareiro, para cuidar da lavoura e da produção de leite, etc.. Ocorreu a Dom Cláudio convidar seu cunhado Albino e mana Lidvina, com os filhos, que lutavam com alguma dificuldade no trabalho de sua pequena propriedade, em Harmonia. O convite foi aceito; durante longos 16 anos trabalhou o casal com seus filhos Cláudio, Anselmo, Irene e Roque na granja do seminário, entre os anos de 1951 a 1968, quando veio a falecer D. Lidvina. Menção especial merece a filha mais velha do casal, Maria Otilia, mais conhecida pelo carinhoso nome de "Mariche" (Mariazinha), por seus 10 anos de serviço junto ao tio, mais especificamente junto à vovó, para quem foi Mariche uma fiel companheira, dedicada enfermeira, enfim, um anjo tutelar e serviçal. A vovó, chamada de "Mutter" (mãe), já estava com quase 75 anos, quando da ordenação episcopal do filho; foi ainda morar

com ele em Passo Fundo, mas não agüentava os rigores do inverno da região da Serra. Então, nos meses inverniais, costumava refugiar-se junto à filha Cecília (Irmã Verona), no Sanatório Santa Elisabeth, em São Leopoldo, com sua enfermeira inseparável, a Mariche. Aguardava, então, sempre com ansiedade, o fim do inverno, para que seu filho bispo a viesse buscar de volta para Passo Fundo. Isto ocorreu durante cinco invernos. No último, em 1955, sua filha religiosa havia sido transferida, pelo que veio passar o inverno na casa do filho Julio, na Várzea do Parecí. Chegando a época de retornar a Passo Fundo, não lhe foi mais possível, por motivo de saúde. A insuficiência cardíaca e o estado geral de fraqueza causaram sua morte a 23.10.55, quando contava com 80 anos e 4 meses de vida. Foi sepultada junto ao esposo no cemitério católico de Harmonia.

Além da Mariche, trabalharam na residência episcopal de Passo Fundo as sobrinhas do bispo: Lucila, filha do tio Aloísio, entre os anos de 1958 a 1960, como também, antes desta, minha mana Lucia, por quase dois anos, de 1957 a 58, e outro período em 1962, por 8 meses.

10. Dom Cláudio -O Homem Simples - O Amigo da Família: Mano e Tio

O que foi dito até aqui mostra com evidência o homem profundamente amigo da família, singelo, sem rodeios, humano, simples, que foi Dom Cláudio. Entretanto, ele merece que acrescentemos outros fatos, do vasto repertório de seu convívio familiar e singelo. Omitir-me, creio que se torna imperdoável; ao

passo que falar, reconhecer, servirá para a edificação de todos e principalmente para a exaltação do

Senhor, que por sua graça tão maravilhosamente o enriqueceu e fortaleceu em seu testemunho.

Certa ocasião, quando eu estava de férias em sua companhia, na residência de Passo Fundo, convidou-me à hora da refeição: "Eu vou atai cidade, para crismar. Você quer ir comigo?" Lógico que eu queria, mas cheio de um respeito, certamente artificial perante um bispo, como me havia sido inculcado na educação, e diga-se de passagem, era o "lugar comum" daqueles tempos, em que um bispo era considerado "príncipe da Igreja", respondi "reverente": "Sim, senhor, se Vossa Excelência me levar!". Aquilo cheirou a muita pomposidade para ele, que retrucou: "Que história é esta, de "Vossa Excelência!" Afinal, você quer ir ou não?" "Que. ..quero, sim!", disse eu, gaguejando. "Pois então, para quê tanto rodeio? Vamos lá!". Assim, acompanhei-o em diversas viagens por toda a Diocese, viagens de crismas, passeios, ordenações sacerdotais.

Em janeiro de 1954, lá estava eu novamente passando uns dias de férias na casa do tio. Ele iria viajar e veio então despedir-se dos de casa. Perguntou-me se eu me demoraria ainda, até sua volta. Respondi que não sabia o que fazer, pois sentia alguns sintomas de apendicite. Indagado se eu tinha a quem recorrer, a algum médico, Respondi-lhe naturalmente que não. "Então, espere um pouco." E prontamente foi escrever um cartão de recomendação a um amigo seu, Dr. José Canessa, médico que possuía um hospital em Erebangó. Com esta recomendação, fui recebido e tratado como um filho no seu hospital, onde fiz realmente a cirurgia.

Lá pela época dos anos 70, eu costumava ir com meus pais, todos os anos, dia 8 de setembro, a Passo Fundo, para festejarmos o aniversário da tia Maria, encontro sempre esperado com ansiedade por todos. Quando o tio veio transferido para Porto Alegre, como arcebispo, este costume continuou, ampliando-se o número de participantes da festa. Reuniam-se umas trinta pessoas, ou mais, entre manos e sobrinhos. Dom Cláudio sempre repetia: "Venham, que eu pago a festa!". Em 1985, seu mano Vendelino apresenta, nesta oportunidade, a idéia de promovermos um encontro geral de todos os descendentes do casal de ancestrais, os imigrantes Gregório e Christina. A idéia foi muito bem aceita, criou força. Foi marcada a data do encontro: 7 de setembro de 1986, a realizar-se em Harmonia. Sem nenhuma experiência, calculávamos a princípio que viessem de 60 a 80 pessoas, no máximo 100. Mas, quanto mais se aproximava a data, mais adesões apareceram; faltando uma semana, já havíamos registrado 500 adesões. Chegado o dia, contamos nada menos do que 750 pessoas. Dom Cláudio, naturalmente, estava presente com todo o seu entusiasmo, sua alegria. Foi acertado que no ano seguinte realizaríamos novo encontro, o que ocorreu a 6.09, em Cerro Largo. Neste encontro foi posta em votação a sugestão de realizarmos os encontros a cada dois anos, mas a assembléia dos 80 participantes votou, em absoluta maioria, para encontros anuais. Entre os manifestantes, estava Dom Cláudio, exigindo decididamente os encontros anuais. Dizia ele: "Se nós, os velhos, falharmos um ano por qualquer motivo, então no esquema de encontros a cada dois anos, passariam 4 anos sem nos encontramos e, neste intervalo, a gente morre de velho!". Realmente, ele não perdeu nenhum dos encontros, participando com seu proverbial entusiasmo,

encorajando a todos, presidindo as celebrações, que costumam ser o ponto alto dos encontros. No de Cerro Largo, comemoramos o seu Jubileu de Ouro Sacerdotal. Os demais foram realizados na seguinte ordem: Arroio do Meio em 88; Parecí Novo em 89; Palotina-PR em 90; Vila Scharlau-São Leopoldo em 91. Seus sermões nestas efemérides eram sempre de animação, conclamando a todos a viverem sua fé, herdada dos ancestrais, que os "Colling" deveriam ser sempre um povo unido, com vivência cristã, fiéis ao Evangelho. Não conseguiu mais participar do encontro de Iporão do Oeste, em Santa Catarina, porque já havia falecido. Sentiu-se muito feliz com o de Vila Scharlau, que reuniu cerca de 1.100 familiares e contou com a presença de ilustres hóspedes da Alemanha: o padre Hubert Colling, pároco de Waxweiler, na região do Eifel, oeste da Alemanha, e o casal Ditmar e Ursula Dewes, de Theley, terra de seus antepassados. Já no encontro de Parecí Novo, deu-nos um susto, pois domingo de manhã cedo teve um rápido desmaio. Assim registrou a imprensa o ocorrido: "DOM CLÁUDIO ENFRENTA CRISE DE HIPERTENSÃO. O último dia da festa com mais de 700 descendentes de oito gerações da família Colling, realizada em Parecí Novo, distrito de Montenegro, a 69 quilômetros de Porto Alegre, teve a ausência de seu membro mais ilustre. O Arcebispo de Porto Alegre, Dom Cláudio Colling, teve problemas de hipertensão logo após a missa oficial do encontro, realizada na igreja matriz de Parecí Novo, e retirou-se por recomendação médica" (Zero Hora). O que realmente ocorrera fora um problema de hemorragia interna, e o desmaio foi antes da missa, que ele celebrou muito nervoso, passando todo o tempo sentado, sem deixar, entretanto, de celebrá-la. Dr. Egon Stoffel, casado com sua sobrinha Silvia, recomendou que

ele se resguardasse, ficando, assim, para pesar de todos, privado de participar do resto da programação.

Em suas visitas à Europa, costumava ir à procura das raízes da família, no Grão Ducado de Luxemburgo, onde já era conhecido. O nome Colling ainda hoje é muito freqüente nesta região do país e no oeste da Alemanha. Existe no governo de Luxemburgo um prócer político de nome Dr. François Colling, que já o recebeu diversas vezes em sua casa e cujo pai foi embaixador de Luxemburgo junto à Santa Sé.

Dom Cláudio tinha prazer em convidar seus manos para acompanhá-lo em viagens de férias. Assim, ainda hoje recorda meu pai com gratidão os passeios feitos a Aiguá, no Uruguai, a Dourados, no Mato Grosso do Sul, bem como a diversas fazendas na região da fronteira gaúcha. Agradava-lhe também trazer seus amigos, seja quem fosse, à casa dos manos. Lembro da visita de um bispo uruguaio, da cidade de Minas, Dom Edmundo Quaglia, acompanhado de dois sacerdotes. Normalmente, Dom Cláudio chegava de surpresa, pelas 10 ou 11 horas, mas já trazia alguns quilos de carne para um churrasco. Esta visita foi à casa de meu pai, e lá sempre é fácil assar uma carne, com o braseiro de ferraria. Quando chegaram os visitantes, a mãe já havia encaminhado o almoço, e o prato principal seria uma cozinhada de aipim. Ao deparar com a surpresa da visita, foi rapidinha esconder a panela de aipim na despensa. Entretanto, Dom Cláudio "farejou" a coisa e exigiu que a panela voltasse ao fogo, porque gostava muito de aipim. O bispo uruguaio não se serviu da dita iguaria, dizendo que não a conhecia. Dom Cláudio insistiu, e aquele gentilmente recusou: "Gracias, gracias pero no!". Segue-se um gesto típico do tio: sem esperar, joga rapidamente uma colherada de aipim no prato do seu colega, que não teve outra

alternativa senão ao menos provar; e surpreendente reação: "Pero, que bueno!". E repetiu a dose.

A mim, pessoalmente, o tio sempre tratou com muita simplicidade e franqueza, sem papos na língua, como fazia com aquele menino moleque, levado, arteiro, da casa paroquial da Glória, a que ele disse ue não dava para padre. Por falar nisso, esqueci de concluir o episódio: quando veio sua nomeação para bispo, eu vibrei, dizendo para mim mesmo: "Agora sim, tenho certeza de que serei padre, pois ele já ficou bispo!" Para ironia, ou melhor, felicidade do destino, foi ele mesmo que me conferiu a ordenação sacerdotal, na capela do Seminário Maior de Viamão, a 10.08.1958, dia em que ele mesmo comemorava seus 21 anos de sacerdócio, e nosso pároco de Harmonia, Côn. Oscar Francisco Mallmann, que me havia batizado, os 31 anos. Quando após a cerimônia de ordenação eu falei ao tio daquela sua "profecia", ele, muito sentimental como sempre, comoveu-se até às lágrimas.

Quando do casamento de meu mano mais moço, José Ivo, eu vinha de manhã cedo de uma viagem de férias a Harmonia, com uma preocupação: meu cabelo estava crescendo, e precisava chegar ao barbeiro antes que Dom Cláudio me visse assim, pois sabia muito bem que, apesar de meus 42 anos, mesmo sendo padre, não escaparia de um "pito" do tio. Mal eu havia chegado à casa do pai e ainda estava cumprimentando os familiares, encostou o carro dele. Fomos recebê-lo e... realmente não deu "outra". Ele me encarou sério, meio "atravessado", e disse: "Ué, então você também já está ficando moderninho?" Eu queria me sumir no primeiro buraco que encontrasse! Entretanto, estas atitudes suas para comigo eram sinal de intimidade e de carinho. Eu procurava levar na esportiva. Ele sempre foi homem sem

muitos rodeios; dizia e não mandava dizer. Homem forte, organizador, ativo, inteligente, amigo, leal, transparente, enérgico, severo, exigente, sem meias palavras, mas também de coração mole, sensível, terno, comovendo-se facilmente, por vezes até às lágrimas, especialmente face ao sofrimento alheio.

Em novembro de 1963, mais um episódio que mostra seu coração generoso e solidário para com os familiares. Meus pais estavam de passeio em Passo Fundo, na sua casa. Como tinha prazer em levar seus hóspedes a passear, foram ao pré-seminário de Tapera, visitar sua mana Lidvina. Em plena alegria da visita, uma notícia trágica surpreende como um raio: um telefonema inesperado comunica o trágico afogamento de dois sobrinhos seus em Montenegro. A notícia vem do bispado de Passo Fundo. Como normalmente acontece com notícias repassadas por terceiros, a transmissão nem sempre é fiel. Bem, mas a notícia era de uma tragédia real. Minha mãe já entrou em desespero, imaginando que os dois filhos menores, Lúcia e José Ivo, teriam ido banhar-se no rio Caí, perto de casa, morrendo então afogados. Seja como for, Dom Cláudio julgou ser obrigação sua trazê-los de Tapera a Harmonia. Desmarcou seus compromissos e enfrentou a estrada de chão batido. Chegando a Harmonia, soube-se que a tragédia atingira não a meus pais, mas a família do mano do pai, o tio Miguel. Afilha mais velha deste, professora Iria, casada com Firmino Burg, residentes em Bela Vista, perto de Bom Princípio, tinha ido acampar junto ao rio Caí, onde ocorreu o sinistro: os dois filhos mais velhos, João Antonio, de 9 anos, e Paulo Miguel, de 7, estavam com a mãe, na barranca do rio, quando inesperadamente escorregam barranca abaixo, morrendo na presença dela, dentro da água, por afogamento, talvez acompanhado de congestão, pois a tragédia ocorreu

depois do almoço. Foi, em todo o caso, muito confortadora para os familiares a presença do tio bispo, nesta hora difícil.

Fato análogo ocorreu em 1968, mais uma tragédia, que desta vez ceifou a vida de minha mana Verena. Em 1966, ela optou por viajar à Alemanha para trabalhar e estudar. Consegui, per mediação de amigos, um emprego no "Café Thomas" de Bad Bertrich, verdadeiro paraíso de águas termais, no vale do rio Mosela. De lá, transferiu-se em 1967 para Berlim, onde foi trabalhar como caixa de um supermercado, e estudar música e jornalismo, o que era seu sonho. Em junho de 1967, estando Dom Cláudio em viagem pela Europa, foi visitar um antigo coroinha seu, dos tempos de atividade pastoral na paróquia do Menino Deus, agora cônsul brasileiro em Berlim, Sérgio da Costa Franco. Com sua proverbial afeição aos familiares, convidou sua sobrinha a acompanhá-lo no jantar oferecido pelo cônsul. Bem, passaram-se meses, e Verena, cheia de saudades, já falava em retornar, mas o seu destino era bem outro. Na segunda-feira de carnaval, dia 26.02.68, ela estava pelas 6,30 da manhã, ainda escuro, na parada do ônibus, para ir ao trabalho. Quando o ônibus chegou, o motorista deparou com seu corpo, já sem vida, junto ao meio fio da calçada. Como na ocasião ela não carregava documento consigo, foi difícil a sua identificação, o que apenas ocorreu no dia seguinte, através do testemunho de uma colega de serviço. Conhecida que era do cônsul, graças àquele encontro do jantar, o consulado brasileiro assumiu toda a complicada tramitação que o caso exigia. O sr. Cônsul, muito gentil, mandou telegrama a passo Fundo, comunicando o ocorrido; o corpo da vítima ficou 17 dias no necrotério à espera da elucidação do caso, buscada tenazmente pela promotoria pública, mas em vão. O sr. cônsul ligou, para saber do sepultamento. Devido aos altos

custos de traslado, definimos que seria em Berlim mesmo, já que para nós cristãos o importante é a esperança na ressurreição, que também ocorre em Berlim! Anotícia de sua morte chegou-nos na terça-feira de carnaval, e na quarta-feira de cinzas celebramos uma Santa Missa na matriz de Harmonia, em sufrágio de sua alma. Naturalmente, Dom Cláudio marcou presença, o que para todos nós foi expressão de seu carinho, de sua solidariedade.

Lá pelos anos 70, Dom Cláudio decidiu comprar um imóvel com benfeitoria, onde pudesse passar seus últimos anos, quando chegasse à condição de bispo emérito, isto é, aposentado. Ele imaginava um lar, um aconchego que servisse para os três habitantes da residência episcopal de Passo Fundo, onde a sua mana Maria era a mais idosa, seguindo-se a D. Ida, e finalmente ele como o mais moço. Naturalmente este imóvel foi adquirido em Harmonia, perto dos familiares. Entretanto, a realidade do dia-a-dia mostrou a inviabilidade deste projeto, devido à necessidade de recursos médicos e hospitalares mais acessíveis, o que não existe no interior. Resultado: a casa foi vendida.

Muitas e muitas vezes veio Dom Cláudio a Harmonia para descansar, seja na casa do mano Vendelino, seja com sua sobrinha Lucila, casada com Pedro Lauermann. E como gostava de vir à sua terrinha! Alegrava-se em jogar com seu familiares um "Schafkopf", jogo de baralho da colônia alemã. Quando, ao invés, íamos a Passo Fundo, acontecia sermos convidados a jogar dominó com ele e os demais da casa. Naturalmente, não gostava de perder, resmungando quando a sorte não o favorecia!

Para assumir como responsável por uma chácara que a Diocese de Passo Fundo possui nas cercanias da cidade, convidou um filho de seu mano Aloísio, o Nelson, que havia feito um

estágio de práticas agrícolas na Alemanha. Depois de assumir como Arcebispo de Porto Alegre, agradava-lhe também visitar sua sobrinha Irene Bays, casada com Aloysio Persch, que trabalhou como pedreiro no acabamento das obras da catedral, servindo-lhe igualmente de motorista.

Mais um gesto característico de Dom Cláudio: sua mana Lidvina, 15 anos mais idosa que ele, sofria de diabete, e o mal estava se agravando. Achou ele por bem que o filho, Pe. Canísio, viesse exercer o ministério sacerdotal mais perto da mãe, para poder visitá-la com mais frequência. Por sua iniciativa, acertou em 1966 com o então Arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, uma permuta de sacerdotes, válida por 3 anos: iria um sacerdote da diocese de Passo Fundo trabalhar em Porto Alegre no lugar do Pe. Canísio. Este veio morar na cúria diocesana, servindo de auxiliar de emergência onde fosse necessário. Assim, percorreu ele nada menos do que 7 paróquias, sendo a última a de Sertão. Em março de 1968, vem a falecer sua mãe, com 70 anos de idade, com o que a permuta foi desfeita.

A intimidade de Dom Cláudio, e sua simplicidade no convívio familiar deram ampla liberdade a seus irmãos, para assim o tratarem, com brincadeiras que entre irmãos são perfeitamente aceitas e vistas como gesto de carinho. Vão aqui dois exemplos, presenciados por mim: certo domingo, fomos visitar o tio Julio, na Várzea do Parecí. Era pelas 14h. Com a chegada da visita, a tia Otília foi logo preparar solicitamente um café. Posta a mesa, chamou o esposo: "Julio, está pronto." Este não se mexeu, e depois de alguns minutos, novo convite: "Julio, vamos, o café está servido!". O tio levanta com toda a sua "pachorra" e humor, dizendo calmamente: "Fiquem à vontade! Enquanto vocês conversam, vou tomar café, com minha

mulher!". O segundo episódio ocorreu na casa da tia Lidvina. Ela sabia que o mano bispo gostava muito de milho verde cozido. Preparou uma "panelada", serviu dentro de uma tigela grande de barro, que colocou no centro da mesa da sala de jantar, e chamou: "Wutz, Wutz, Wutz!" (palavra de gíria do dialeto alemão, com que o colono chama os **porcos**, para a ração que lhes foi servida!).

11. Dom Cláudio e sua Mana Maria.

Desde janeiro de 1941, encontramos a tia Maria junto a seu mano Pe. Cláudio, servindo-o com aquela disponibilidade e doação de alguém que fez uma verdadeira opção pelo Reino: ser a doméstica, a cozinheira de seu mano padre, para que este pudesse estar mais plenamente disponível para servirão Senhor na evangelização. Talvez nem sempre os paroquianos avaliam o que representa para um pároco ter uma boa doméstica, o que significa isso de tranquilidade e bênção para ele, especialmente em se tratando da própria mãe ou irmã. Pois tal foi a amizade e empatia que se estabeleceu entre a tia Maria e seu mano, que já não podiam viver separados. Ela ficava chorando, quando ele empreendia uma viagem mais demorada, como por exemplo durante as sessões do Concílio Vaticano II. Sempre foi ela que com todo o carinho, competência e fidelidade lhe preparava as malas para suas viagens. Esta sua opção de vida foi algo realmente refletido, amadurecido, e assumido com responsabilidade. Não lhe faltaram pretendentes, como foi dito



Figura 18 Maria, a irmã de Dom Cláudio, sua caseira e companheira por mais de 50 anos

acima. Recordo aqui um fato de minha infância, ocorrido ainda antes que Pe. Cláudio fosse nomeado pároco. Eu devia ter meus 5 a 6 anos. A tia Maria era minha madrinha de batismo, e um dos principais pretendentes à sua mão tornou-se meu padrinho de crisma. A tia resolveu fazer uma arrumação nos seus armários, entregando-me um pacote de

papéis e cartões postais, mandando colocá-los dentro do forno de fazer pão, para serem queimados. Entre estes cartões condenados ao fogo estavam alguns muito bonitos, que apresentavam dois corações em alto relevo, forrados de pano, verdadeira obra de arte no meu infantil parecer; eu queria muito ficar com os cartões, porque os achava lindos, mas a ordem da tia era irredutível, dizendo que eram provenientes do sr. Max Weyh, mas sem dizer nada de que era ex-pretendente. Tanto mais eu

insisti, dizendo na minha inocência ou ingenuidade que ele era meu padrinho. Mas, nada adiantou, os cartões foram mesmo parar no fogo, porque a tia não queria guardar nada, nenhuma ligação com o passado. Havia feito uma opção, servir ao mano padre, vendo nisso sua verdadeira vocação e realização. Deus seja louvado pela força e disponibilidade que lhe concedeu!

Certa ocasião me segredou que seu maior desejo era servir ao mano até o fim e que pedia ao Deus para chamá-la antes dele, porque imaginava não ser capaz de viver sem ele, o que representaria para ela uma solidão insuportável. Quando Dom Cláudio, atingida a condição de emérito, falava em retornar a Passo Fundo para lá passar seus - últimos dias, ela reagia com desaprovação. Não era nenhum sentimento desfavorável à cidade ou a seu povo, de forma alguma! Mas imaginava que, por infelicidade ele viesse a faltar antes dela, iria sentir-se ainda mais abandonada, sozinha, longe dos parentes e sobrinhos, todos residentes no vale do Caí e arredores de Porto Alegre. Parece que o Pai do Céu ouviu seus desejos e pedidos, chamando-a para o céu poucos meses antes dele, pois veio a falecer dia 26 de maio de 1992, com a avantajada idade de 88 anos e oito meses. Seus restos descansam no cemitério católico de Harmonia.

Quando Dom Cláudio veio transferido como Arcebispo para Porto Alegre, logo tratou de providenciar na cúria metropolitana uma residência, onde pudesse viver um clima de lar, com sua mana e a cozinheira; um lar ao qual nós, os familiares mais chegados, tivéssemos fácil acesso e onde nos sentíssemos em casa. Nos últimos anos, tia Maria quase não conseguia mais caminhar, devido a uma artrose que lhe afetou os joelhos. Mesmo assim, de bengala, arrastando-se pela casa, perfeitamente lúcida, servia à mesa, trabalhava na cozinha. Certa ocasião eu a

encontrei preparando, de bengala na mão, a massa para cozer algumas cucas, pois dizia: "Um natal sem cuca não é natal." Estávamos realmente em vésperas de natal.

Após a procissão de Corpus Christi de 1990, algumas religiosas foram à sua residência para saudá-la, sentada que estava, imobilizada em sua poltrona. Manifestaram-lhe seu pesar por sua artrose: "Coitada da D. Maria!". E ela prontamente retrucou: "Coitada, coisa nenhuma! Sorte minha que meu problema está aqui (e apontava com o dedo para os joelhos)... e não aqui em cima!" (apontava para a cabeça).

Estava próxima a data do seu jubileu, isto é, dos 50 anos de serviço junto ao mano. Tudo havia sido acertado para uma festa familiar, com seus sobrinhos, na paróquia da Glória, onde 50 anos atrás havia iniciado sua missão, com seus sobrinhos, e onde agora trabalhava como vigário paroquial um grande amigo seu e afilhado de ordenação, Pe. João Manuel Prates Piccoli. A celebração estava marcada para janeiro de 1991. De repente, uma reviravolta: Pe. Piccoli, que se prontificara a organizar tudo, foi convidado por Dom Cláudio, a fazer mestrado em teologia moral, na Universidade em Roma. Eu estava igualmente fora de cogitação, com viagem marcada para a Alemanha, em fins de 1990. A tia, desolada, vê seu sonho ir por águas abaixo.

Desabafa comigo: "E agora? Você vai embora, e o Pe. Piccoli também. Eu sonhava com esta festinha, mas quando chegar janeiro, que decepção!". E dizia em alemão: "Dann denkt kein Teufel mehr an mich!" (Então, nem diabo algum mais vai se lembrar de mim!). Ora, isto me sensibilizou! Achei que seria uma injustiça, uma omissão imperdoável, deixar passar despercebida esta data. Falei com alguns dos sobrinhos mais chegados, que residem em Porto Alegre, como a Irene, o

Anselmo, o Eloy, o Roque, e a festinha saiu, bem íntima, familiar, alegre, com Santa Missa celebrada pelo tio, na cripta da Catedral, seguida de almoço, no salão da cúria. Contaram-me que a tia se sentiu realizada, que esteve muito feliz, num clima que lhe parecia um pedacinho do céu!

Já se tornou proverbial dizer que, normalmente, ao lado de um grande homem ou santo, encontramos a figura de uma grande mulher ou santa. É o caso de São Bento e Santa Escolástica; São Francisco e Santa Clara. Pois bem, entre o rol destas figuras eu me animaria a colocar Dom Cláudio e a tia Maria.

12. A Volta para a Casa do Pai

Em setembro de 1991, após o 6º Encontro da Família Colling, realizado na Vila Scharlau, o último com a presença dos dois, agravou-se rapidamente o estado de saúde dele. Dia 16.09, fui à sua casa, para dali dirigir-me à Vila Betânia, a fim de participar de um retiro. Dom Cláudio não estava se sentindo bem, pelo que a tia pediu que eu pernoitasse com eles. Ele recolheu-se bem cedo, pelas 19h, o que não era seu costume. Logo após, reapareceu na sala onde estávamos, inquieto, nervoso, com muita coceira. Queixou-se de falta de sossego, de um mal-estar por todo o corpo. Foi deitar outra vez e tornou a levantar. Pelas 21 h30min, todos nos recolhemos. No dia seguinte, bem cedo, disse-me a tia entre lágrimas que ele não se sentia nada bem e que era preciso levá-lo ao médico. Ofereci-me a levá-lo ao Hospital São Vicente, em Passo Fundo. Realmente ele levantou muito indisposto, deixou-se convencer de que deveria baixar

imediatamente ao hospital. E lá fomos nós, somente os dois, rapidamente a Passo Fundo. Dirigi com verdadeira preocupação, sentindo muita pena dele, que viajava sentado ao meu lado, encolhidinho, desanimado, sem nada falar, cochilando por vezes. Fomos recebidos com muito carinho no hospital. Quando, dias após, lhe foi comunicado o veredito dos exames, que deveria iniciar em breve com a hemodiálise, ficou muito abalado, prostrado. Sua cruz começava a pesar mais, era o comecinho do fim. Soube, entretanto, aceitar com resignação, conforme depoimento seu, na última carta que me escreveu.

Um costume muito elogiável do tio: sabia responder a todas as cartas que lhe eram dirigidas. Enquanto eu estava na Alemanha, onde me demorei por dois anos, manteve permanente correspondência epistolar comigo, queixando-se pelas vezes em que eu demorava com minha resposta. Na última carta que me escreveu, datada de 13.08.92, exatamente três semanas antes de falecer, revela que está feliz, que tudo está encaminhado e que não faz mais falta em lugar nenhum. Fala da enfermidade que está se agravando e dos diferentes sintomas e achaques, dizendo: "são sinais do chamado de Deus, da minha próxima volta à casa do Pai!". Em testamento, feito com muita singeleza, onde dispõe de seus poucos pertences de uso pessoal, confessa querer morrer com três "esses": isto é, - sem dinheiro, sem dívidas e sem pecado.

Gesto de nobreza e humildade manifestou Dom Cláudio ao despedir-se de todos os secretários e funcionários da Cúria Metropolitana, pedindo perdão por suas faltas e omissões, ao ser exonerado do cargo de Arcebispo.

Dia 24.08, despede-se com pesar de sua fiel cozinheira, D. Ida Backes, que a partir de então será acolhida por sua mana, em

Santa Cruz do Sul. Ele mesmo a acompanha à casa da mana, para depois transferir-se definitivamente a seu apartamento, já preparado com carinho, no Hospital São Vicente, em Passo Fundo. Ainda quer trabalhar, faz planos, prepara reuniões com os enfermeiros. Entretanto, passada apenas uma semana, recebe o chamado definitivo do Pai Celeste, a 3 de setembro de 1992.

A bem da verdade e da justiça, nós, os familiares de Dom Cláudio devemos dizer uma palavra de profunda gratidão ao sr. Arcebispo Dom Altamiro Rossatto e a todos os que com ele conviveram na Cúria Metropolitana, por tantas atenções, carinho e amizade com que honraram os tios Dom Cláudio e Maria, nestes últimos meses de sua enfermidade. Menção especial a Mons. Ermilo Weizenmann, sempre disponível, incansável, a qualquer hora do dia e da noite. Comoveu-me sua palavra, escrita em resposta à minha carta de agradecimento, em que testemunha o desapego e a pobreza de Dom Cláudio, que realmente morreu pobre.

Um sincero "obrigado" a Dom Urbano Allgayer, Bispo de Passo Fundo, à direção e funcionários do Hospital São Vicente, enfim, a toda a Diocese de Passo Fundo, Deus lhes pague!

A Grande Mensagem da Vida de Dom Cláudio

Sem sombra de dúvida, Dom Cláudio merece destaque especial pelo seu AMOR À FAMÍLIA - AMOR À SUA FAMÍLIA - AMOR A TODAS AS FAMÍLIAS.

Por que tal destaque? Entendo que a resposta esteja nas seguintes características: foi o último de 10 filhos; tornou-se órfão de pai aos 14 anos; dependeu da ajuda de seus irmãos e tios

para ordenar-se sacerdote; vivenciou no seio de sua família um clima de união, de alegria e de fé.

Quero concluir esta rápida biografia de Dom Cláudio, citando um salmo de sua predileção, que ele recomendava aos coordenadores dos encontros de família, para que fosse lido nas celebrações litúrgicas:

"Oh! Como é bom, como é agradável, para irmãos unidos viverem juntos!

É como um óleo suave derramado sobre a fronte,

E que desce para a barba, a barba de Aarão,

Para correr em seguida até a orla de seu manto.

É como o orvalho de Hermon,

Que desce pela colina de Sião;

Pois ali derrama o Senhor a vida

E uma bênção eterna." (Salmo 132)

PAI CELESTE: a família Colling agradece pelo grande bispo que lhe destes e que chamastes para servir ao Reino na Santa Igreja!

Dom Cláudio Colling Visto à Luz da Fé

Côn. Raimundo Damin

"As árvores, como as pessoas, medem-se quando tombam."

Introdução

Impressionou-me uma fotografia, ampliada e emoldurada, que até pouco tempo atrás ocupava amplo espaço num dos corredores do Seminário Diocesano N. Sra. Aparecida de Passo Fundo.

Representava a parte baixa de uma enorme árvore amazônica: um pedaço do tronco e as gigantescas raízes que afloravam como icebergs, prenunciando as dimensões fantásticas que a terra encobria.

Objetivo

Ocorreu-me essa imagem ao iniciar o trabalho que me foi pedido: discorrer sobre a vida de fé de D. Cláudio Colling e suas conseqüências para a Diocese de Passo Fundo. Este discurso deve restringir-se a depoimento pessoal, abrangendo apenas o espaço de tempo de meu relacionamento com ele que

corresponde praticamente a toda sua vida de bispo na Diocese de Passo Fundo.

Convém que fique bem claro o objetivo estabelecido: testemunhar as manifestações de fé por mim percebidas na vida de D. Cláudio. Não se trata, portanto, de biografia nem de pesquisa em fontes outras que não o testemunho pessoal. Serão apresentadas apenas algumas facetas das muitas que a vida deste grande bispo apresenta.

"De mortuis tantum bonum"- a respeito dos que morreram só se comentem as coisas boas. É um princípio da caridade e da verdade. As limitações humanas estão presentes até nos santos que a Igreja elevou à honra dos altares. As lutas que elas propiciam enriquecem os méritos dos servos de Deus.

Conheci o Pe. Reus nos tempos de meus estudos de filosofia e teologia no Seminário de São Leopoldo. Morreu com fama de santo e creio que era. Lutou a vida inteira para corrigir as arestas de seu temperamento irascível e não conseguiu. Não viu os frutos que ele esperava, mas recebeu em dobro os méritos de sua perseverança na luta.

Digo isto para que ninguém julgue que estou canonizando quem quer que seja. O julgamento só a Deus compete. Testemunho apenas a fé de um homem que dedicou sua vida na difusão desta mesma fé entre todos quantos o cercavam, dentro das limitações de sua personalidade como ele mesmo confessa em seu testamento.

Quando alguém vai colher flores num grande jardim necessariamente deverá escolher algumas das que mais lhe agradam pela beleza das cores e a fragrância do perfume. Ao sair do jardim e lançar um último olhar para trás, repara que as flores colhidas não deixaram nenhuma clareira. Um estranho que

entrasse no jardim não se daria conta das flores apanhadas. Com esta imagem um tanto forçada quero dizer que os rápidos testemunhos de vida de fé de Dom Cláudio escolhidos a esmo nem de longe esgotam o acervo imenso de manifestações de vivência sobrenatural de sua existência.

Torna-se necessário também recordar o seguinte: dizem os entendidos que a memória tem sua sede na cabeça. O local bem preciso não é fácil determinar. Acontece que já tenho 75 anos e que há uns 20 anos passados os médicos me abriram a cabeça para extrair um coágulo de sangue. Com tudo isso, a memória enfraqueceu e tanta coisa maravilhosa que poderia relatar sobre D. Cláudio ficou no esquecimento. Se D. Cláudio tivesse-nos deixado sua autobiografia, poderíamos nos deliciar com acontecimentos pitorescos, todos eles fundamentados na sua fé.

Dom Cláudio era dono de uma memória que se diria fantástica. Para consegui-la e conservá-la, aprendeu técnicas especiais. Todos quantos conviveram mais intimamente com ele podem testemunhar essa verdade. Suas conversas em rodas de amigos se tornavam interessantes particularmente devido a isso. Memorizava nomes de datas, despertando logo sentimentos de amizade.

É lugar comum recordar a fé de Abraão como fonte inspiradora de seus grandes feitos. A fé, à luz de nossa razão, não deixa de ser um salto no escuro. Abraão o experimentou, chegando a crer contra toda a esperança quando lhe foi pedido em sacrifício o filho único, única base humana da promessa divina de uma posteridade mais numerosa que a areia do mar.

Toda e qualquer obra duradoura no Reino de Deus brota da fé. Quanto mais profunda esta tanto mais alta a árvore, mais

abundantes e saborosos os frutos. Sem fé uma vida não tem sentido. É um relógio sem ponteiro, inútil se anda, inútil se parado. O pior momento para um ateu é aquele em que sente a obrigação de agradecer e não sabe a quem. Já Tolstoi dizia: "Não se vive sem fé. A fé é conhecimento do significado da vida. Se o homem vive é porque crê em alguma coisa." Para quem crê nenhuma explicação é necessária. Para quem não crê nenhuma explicação é possível.

Testamento

Creio ser interessante, já desde o início deste depoimento, recordar o testamento de D. Cláudio, todo ele redigido com sua letra inconfundível:

"Nascido de família humilde mas profundamente católica, quero viver e morrer fiel à minha fé.

Chamado por Deus, apesar de minhas falhas, para o sacerdócio e para o episcopado, quero pedir perdão a Deus e a meus semelhantes das falhas e omissões que cometi no exercício de minha vocação, que sempre amei de todo o coração.

Pobre nasci e pobre quero morrer, pondo em prática o que o velho arcebispo (D. João Becker) de Porto Alegre nos aconselhava antes de nossa ordenação sacerdotal: "Tratem de viver de tal modo que ao morrer se possam apresentara Deus com três sem: sem dinheiro, sem dívidas e sem pecados." É o que peço diariamente a Deus."

Antes de concluir seu testamento, pedindo que rezem pelo seu eterno descanso, fez doação de suas roupas pessoais às obras de caridade e confessa:

"Não tenho nenhum bem imóvel nem carro e tão poucas ações em qualquer organização comercial ou bancária."

Este testamento, escrito de próprio punho, está conservado e pode ser consultado por quem interessar possa. Particularmente estas últimas palavras constituem a prova cabal de tantas afirmações gratuitas sobre a suposta riqueza de D. Cláudio.

Por ocasião do Jubileu de Prata Episcopal de D. Cláudio, escrevi, numa publicação alusiva à data, com o título Desafio:

"Como Vigário Geral da Diocese de Passo Fundo sinto-me na obrigação de esclarecer a opinião pública sobre a suposta riqueza pessoal de D. Cláudio e sua comentada participação em empresas comerciais.

Com pleno conhecimento de causa declaro, desafiando qualquer contestação, que o bispo diocesano de Passo Fundo nada possui em nome próprio.

Está à disposição de quem interessar possa a declaração de renda que é obrigado a fazer para obter o CPF.

Evidentemente não faltam a S. Excia. os recursos necessários por parte da Diocese, para seu sustento, condizente com seu cargo e responsabilidade.

Não são meros slogans estas palavras textuais de D. Cláudio: "Quero morrer com 3 S: Sem pecado - Sem dívida e Sem dinheiro".

Sem dívida e sem dinheiro, sou testemunho diante dos homens. Sem pecado é problema dele diante de Deus."

Formação

D. Cláudio sempre viveu fiel à formação marcadamente jesuítica que recebeu. Todo seu tirocínio de seminário, a partir dos estudos então chamados ginasiais, até à filosofia e teologia, ele o viveu sob a disciplina dos padres jesuítas daquela época.

Quem conheceu, e melhor ainda, quem experimentou a formação escolar e ascética dos jesuítas, pode aquilatar o quanto D. Cláudio manifestou em sua vida de sacerdote e de bispo, de fidelidade à sua vocação.

Santo Inácio de Loyola, Fundador da Companhia de Jesus (Jesuítas) era militar. A conversão que nele se operou foi na ordem da graça, conservando os traços fundamentais de seu temperamento. A grosso modo podemos dizer que em certo sentido ele fundou uma congregação religiosa militar, militar no sentido disciplinar do termo. A Companhia de Jesus foi até alcunhada de força avançada da Igreja na defesa da fé.

Dentre as virtudes que sobressaíam nesta congregação, destaca-se o respeito e amor à Igreja e ao Papa.

Iríamos muito longe se quiséssemos enumerar os princípios orientadores da formação jesuítica daquela época em nossos seminários. Recordemos alguns que evidentemente não eram exclusivos deles, mas deles recebiam uma acentuação especial: fidelidade total à Igreja e ao Papa. A ascese, bem refletida no Livro dos Exercícios Espirituais do próprio fundador, sublimava a indiferença. Não a indiferença do estático, mas a chamada santa indiferença, que consistia, e consiste ainda, em exercitar-se a realizar toda e qualquer obra como se tudo dependesse de nós e aceitar o resultado como se tudo

dependesse de Deus. Em outras palavras, devemos pedir a Deus que abençoe o nosso trabalho, mas não que trabalhe por nós.

De raiz familiar e escolar, D. Cláudio tinha um amor profundo à Igreja e ao Papa. Certas inovações teológicas, embora autênticas, mas ainda não de todo sacramentadas pela experiência da Igreja, lhe causavam desconfiança. Não era homem de debruçar-se sobre livros. Era homem prático. Não era desbravador de caminhos. Era construtor de fortalezas em locais bem escolhidos.

Dom Cláudio não era homem de gabinete dado a leituras prolongadas. Seu apostolado mais marcante não foi o da pena, mas o da palavra. Não que lhe faltassem aptidões de escritor. Sua correspondência epistolar foi muito numerosa. Poucos, porém, foram os espaços ocupados em jornais ou revistas. Desde jovem notabilizou-se pela palavra falada, fluente e harmoniosa que encantava os ouvintes de seus sermões ou discursos. Não era tanto a profundidade das idéias que atraía. Era a dicção clara e agradável unida a pensamentos sempre atuais e práticos. Possuía uma memória invejável que causava admiração a quantos o conheciam.

Seminários

Uma das características da vida de fé de D. Cláudio foi sua preocupação preferencial desde o começo de sua missão como bispo de Passo Fundo, pela promoção das vocações sacerdotais. Estava convencido de que sem sacerdotes a vida cristã definharia.

Manifestou essa preocupação na primeira e única Carta Pastoral que escreveu, dentro do estilo das cartas pastorais de então, por ocasião da tomada de posse da diocese. Dentre outras coisas afirmou:

"Não podemos deixar de incluir nessa saudação e bênção nossos queridos filhos - os 127 seminaristas esparsos pelos vários seminários... Convidamos nossos dedicados sacerdotes a nos auxiliarem na boa escolha e formação dos nossos candidatos ao sacerdócio. E, sobretudo, apelamos à colaboração decidida e generosa dos sacerdotes e fiéis, para que em breve o Pré-Seminário de Tapera e o Seminário Diocesano de Erexim sejam esplêndida realidade... Diletos seminaristas, esperança fagueira de vosso bispo, da diocese e das almas sedentas que aguardam o vosso ministério, aproveitai o tempo de vossa formação. Bebei a largos haustos o saber e a virtude, as ciências humanas e divinas, para que, aprestados natural e sobrenaturalmente, possais atingir o vosso sublime ideal..."

Da iniciativa de Dom Cláudio surgiram 3 seminários para a formação sacerdotal na diocese: em Tapera, em Erexim e em Passo Fundo, sem contar outro em Vila Maria que não chegou a ser concluído e foi negociado. É evidente que não foi D. Cláudio sozinho quem realizou tudo isso em prol das vocações. Mas foi ele a alma, o incentivador e o próprio esmoleiro que não se envergonhou de bater de porta em porta pedindo ajuda.

Ocorre-me à memória neste instante um fato interessante. Eu estava acompanhando D. Cláudio numa peregrinação à Europa durante o Ano Santo de 1975. Numa madrugada não lembro de que dia, o telefone do hotel de Frankfurt onde estávamos hospedados tocou. A ligação foi estendida até o quarto onde o Pe. Luiz Serraglio e eu estávamos

dormindo. Eram vozes conhecidas de Passo Fundo que se faziam perceber com perfeição. Os, então, Padres Ercílio Simon e Osvino Both, agora ambos bispos, pediam autorização a D. Cláudio para desencadear uma campanha em benefício da construção do

Seminário Diocesano de N. Sra. Aparecida de Passo Fundo. Mesmo antes de comunicar a providencial iniciativa a D. Cláudio foi-lhes dito que sim...

Não se pense que o bispo só se preocupava com construções. Eram os passos iniciais. O interesse era a formação de sacerdotes. As construções deviam ser preenchidas. Os candidatos bem acolhidos, bem orientados, bem alimentados. D. Cláudio, nas transferências de fim de ano, normalmente, punha em primeiro plano o interesse pela formação sacerdotal. Sacerdotes que julgasse capacitados para o seminário não titubeava em retirá-los de qualquer outra função que exercitassem para colocá-los na formação.

Desde os primeiros tempos de seu pastoreio na nova diocese, nas freqüentes viagens que empreendia para a Europa, estudava os meios de conseguir sacerdotes estrangeiros para supriras vagas em diversas paróquias. Seu relacionamento com entidades européias lhe facilitou o trabalho. Nem todos os que conseguiu com o correr dos anos o satisfizeram plenamente, mas a grande maioria foi de real valor principalmente numa época de grande carência.

Quando lhe era possível, D. Cláudio visitava seus seminários e se punha a par do andamento dos estudos, da administração e da vida seminarística como tal.

Ouvindo falar de que um museu serviria de estímulo para os alunos, começou a reunir animais empalhados e outros

objetos num depósito adrede preparado. Onde foram parar esses objetos hoje não saberia dizer.

Interessou-se também por uma banda de música para ocupação e cultivo musical dos alunos. Em pouco tempo, através de informações de amigos, conseguiu reunir considerável número de instrumentos musicais de segunda mão e as festas no seminário começaram a ser animadas. Com o tempo, os instrumentos foram se deteriorando.

Recordo isso só para mostrar interesse que D. Cláudio dedicava à formação sacerdotal. Para essa finalidade importou de Portugal uma linda estátua de N. Sra. de Fátima, esculpida em madeira. Da Argentina, se não me falha a memória, uma maravilhosa estátua do Sagrado Coração de Jesus e uma do Santo Cura de Ars, não sei de onde. Todas obras de valor religioso e artístico que ainda hoje podem ser contempladas.

Torno a repetir que não estou emitindo juízos de valor sobre o trabalho vocacional de D. Cláudio. Ele foi homem do seu tempo. Estou manifestando o empenho, a energia que concentrou neste trabalho, que nos mostra seu espírito de luta e de fé.

Movimentos Religiosos Leigos

Dom Cláudio não descurou o apostolado com os leigos. Nos tempos de jovem era grande mentor da Ação Católica. Como bispo de Passo Fundo vibrava por movimentos que motivassem os leigos a se comprometerem com Cristo e com a Igreja.

A Casa de Retiros surgiu especificamente para servir de centro de promoções de retiros e encontros variados para leigos.

D. Cláudio em pessoa pregou muitos desses retiros a grupos de homens, mulheres, jovens e moças, bem como a grupos mais especializados. Chegou a organizar, com sucesso, retiros para prefeitos e vereadores dos municípios da diocese.

Quando D. Cláudio conheceu o Movimento dos Cursilhos de Cristandade engajou-se de corpo e alma na promoção. Participava deles sempre que podia como diretor espiritual. Ajudou na implantação do Movimento também em dioceses vizinhas. Já tinha em mão um esboço de uma futura Casa para Movimentos de Cursilhos a ser construída nos fundos do Seminário de N. Sra. Aparecida, quando foi convidado para arcebispo de Porto Alegre. A mística do Cursilho combinava com o temperamento prático de D. Cláudio.

D. Cláudio não conseguiu suportar as reuniões freqüentes e prolongadas que a pastoral de conjunto exige. Preferia que outros se dedicassem a essa missão. Sentia-se melhor nos movimentos, onde percebia resultados mais imediatos, mais conformes à sua natureza.

Vencer os condicionamentos de uma formação toda ela calcada sobre uma ascética e mística mais monástica torna-se extremamente difícil. Esta linha de orientação era muito acentuada na época dos estudos de D. Cláudio e também na pastoral popular de um modo geral. Basta recordar as missões populares onde a insistência recaía no salva-te a ti mesmo.

Não se pense, porém, que D. Cláudio descurasse dos interesses sociais dos leigos. Embora sempre em segundo plano dentro de sua visão apostólica, que primava o espiritual, trabalhou na organização de encontros com agricultores, ajudou a organizar, através de órgãos competentes, os primeiros sindicatos de trabalhadores rurais na diocese

D. Cláudio prestigiava as autoridades e em grandes solenidades de inauguração de alguma obra importante nunca se omitia de convidá-las. Recordo-me que por ocasião da inauguração de uma ala do Seminário N. Sra. da Fátima de Erexim, esteve presente o Presidente da República, Juscelino Kubitschek e o vice-presidente João Goulart.

Caráter de D. Cláudio

Quem conheceu D. Cláudio por alto facilmente o terá julgado como um homem emotivamente frio, calculista, iludido talvez pelo seu porte físico robusto. Puro engano. Dentro daquele invólucro majestático, vibrava uma alma profundamente emotiva que se mostrava grata às provas de reconhecimento e afeto. Seu estilo de líder deixava transparecer um caráter temperado pela ascese. Se é verdade que os líderes não são amados mas temidos, D. Cláudio viveu as duas facetas. Era intransigente quando entrava em jogo a disciplina e a ortodoxia, mas transformava-se em pai, irmão e companheiro, quando alguém reconhecia seu erro e procurava reconciliação.

Imagem distorcida de D. Cláudio tinham os que o julgavam unido aos poderosos e menos atencioso para com o povo simples. Se ele respeitava a autoridade o fazia à luz do Evangelho e da doutrina da Igreja. Via na autoridade aquilo que S. Paulo tão bem expressa em suas cartas. Não era, porém, uma sujeição servil. Quando necessário sabia impor-se, escudado sempre no Evangelho e na doutrina da Igreja.

Todos os que conviveram mais de perto com D. Cláudio sabem como se sentia bem entre a gente simples. Sabia

comunicar-se com eles. Nos sermões usava comparações apropriadas à cultura dos ouvintes. Era proverbial sua atração nos momentos de folga, pelo baralho, jogado com amigos já de idade que conhecia em todas as comunidades.

D. Cláudio amava a vida da campanha. Suas férias não as passava nas praias e sim na fazenda de algum amigo.

Tinha muitos desses amigos, mas preferia sempre aqueles que sintonizavam com seus sentimentos cristãos.

Recordo-me que no começo de sua vida na Diocese, levou para o Seminário de Erexim uma turma de peões de uma fazenda que ele costumava freqüentar em suas férias. Era gente simples que nunca saíam de seus ranchos e que viviam totalmente afastados do progresso das cidades. A alguns ele os catequizou para prepará-los para a primeira eucaristia e parece que até para o batismo. D. Cláudio gostava de conviver com essa classe de gente onde ainda encontrava a simplicidade da pomba de que fala o Evangelho, sem a mistura da astúcia da serpente...

Quando o dono de uma fazenda que D. Cláudio, muitas vezes, freqüentava se separou da mulher legítima e trouxe para o lar uma sua amante, D. Cláudio nunca mais freqüentou aquele sítio em sinal de desacordo com a atitude anti-cristã do amigo.

D. Cláudio tinha um relacionamento especial com os militares. Não era, porém, servilismo. Era de respeito à autoridade legitimamente constituída. Recordo-me da defesa que D. Cláudio apresentou quando um seminarista, no ardor da juventude e inexperiência da idade, usou de expressões consideradas ofensivas ao sistema reinante por ocasião de uma aula de catequese. O jovem foi libertado imediatamente.

Em outra ocasião assisti à argumentação que D. Cláudio apresentou quando um sacerdote da diocese foi acusado de

subversivo. Sinceramente, senti pena do militar que não encontrava argumentos para contradizer as razões que o bispo apresentava em defesa do acusado.

Não se pense que esses e muitos outros episódios que obrigavam o bispo a enfrentar certas atitudes de militares diminuíssem o mútuo respeito. Da parte de D. Cláudio sempre houve sinceridade e assim foi compreendido, aceito e respeitado.

O bom relacionamento com os militares vinha de longa data, desde o tempo em que foi capelão dos militares na paróquia da Glória em Porto Alegre. Possuía muitos amigos entre os militares e cultivava essa amizade com espírito cristão. Possuía facilidade inata de fazer amigos e se aproveitava desse carisma para levar Cristo aos meios militares.

É comum hoje em dia classificar, em relação à pastoral, em avançados ou conservadores todos aqueles que se interessam pela difusão do Evangelho. Sob que título poderíamos colocar D. Cláudio?

Convém esclarecer, antes de mais nada, que alguém pode ser conservador sob um aspecto e avançado sob outro, e que o verdadeiro apóstolo deve, ao mesmo tempo, ser conservador e progressista. Normalmente no tempo da juventude todos se inclinam para o novo. O contrário acontece quando a idade nos vai tirando as energias e diminuindo o entusiasmo.

Ninguém teria ousado classificar entre os conservadores a D. Cláudio quando era jovem. Da mesma forma, em sua idade adulta ninguém ousaria chamá-lo de progressista.

Conhecendo-o de perto, penso que ele conservava equilíbrio entre as posições extremadas. Seu estilo de apostolado insinua um posicionamento de obediência total à Igreja na total fidelidade à palavra do Papa.

Não era homem de gabinete. Era pessoa de ação. Custava sujeitar-se ao exagero de encontros e reuniões que, por vezes, a renovação pastoral impunha.

Mensagem de Despedida

Quem entra pela porta principal da Catedral de Passo Fundo encontra, à direita, gravada em bronze, uma placa encravada na parede, com a mensagem de despedida de Dom Cláudio, ao deixar o pastoreio da Diocese de Passo Fundo para assumir a direção pastoral da Arquidiocese de Porto Alegre.

Penso que a leitura dessa mensagem nos ajuda a conhecer um pouco mais a alma do autor, seu amor por Passo Fundo e o sacrifício que lhe custou a aceitação do novo campo de apostolado.

Eis a mensagem: "Na véspera de minha partida para Porto Alegre sinto confranger-se meu coração dentro do peito.

Revejo, em rápido relance, os meus 30 anos de episcopado dedicados ao nobre povo desta terra passo-fundense. Não me arrependo do bem que espalhei. Só me arrependendo por não ter feito mais e melhor. Levo a todos, com especial carinho dentro do meu coração.

A mensagem final, qual testemunho solene de meu amor para convosco, não podia ser diferente da mensagem do Mestre ao se despedir de seus discípulos: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei."

Como São Paulo posso poder afirmar: "Combati o bom combate terminei minha carreira (aqui em Passo Fundo), guardei a fé."

Tudo quanto consegui realizar nesta diocese de Passo Fundo credito-o à graça de Deus. O que deixei de realizar ou realizei com imperfeição debitem-no à minha fraqueza.

Não levo mágoas, só levo saudades. Saudades que a cada dia que passa aumentam pois terei de cultivá-las com carinho.

Sobre a imensidão das coxilhas do pago passo-fundense, sobre o verde de suas searas, e mais que tudo, sobre as crianças que sorriem, sobre o jovens que despertam para a vida, sobre os adultos que lutam, sofrem e trabalham, sobre os anciãos que sonham como merecido descanso, imploro as bênçãos de Deus.

Faço votos que o desenvolvimento de um tradicionalismo sadio em Passo Fundo, alicerçado nas mais profundas raízes da religiosidade cristã de nosso povo, faça jus ao título de "A mais gaúcha cidade do Rio Grande do Sul".

Se é verdade que "parte da gente parte com quem parte", não deixa de ser verdade que "parte da gente fica com quem fica."

Não pretendo dramatizar a situação de despedida. Cada despedida tem sabor de morte, mas, para nós cristãos, toda morte guarda uma ressurreição.

Continuaremos unidos pelo afeto que não respeita distâncias. Continuaremos respirando o mesmo ar gaúcho sob o mesmo céu azul.

Quando o sol descambar triunfalmente nas águas do rio Guaíba, tingindo de rubro a paisagem de Porto Alegre, recordarei o pôr de sol, também majestoso, nas coxilhas lendárias de Passo Fundo! Adeus, Passo Fundo!"

Morte de Dom Cláudio

É difícil penetrar no íntimo de alguém que sabe da gravidade de seu estado de saúde e que o desfecho fatal se está aproximando. D. Cláudio compreendeu que já não podia viver longe do hospital e que não havia mais esperança de reverter o quadro.

De início teve tremores de desespero vendo-se obrigado à paralização, ele que sempre fora homem de intensa atividade. Essa tentação ataca também as pessoas de fé. Exemplos existem na história de que mesmo santos sentiram tentações de suicídio.

Vejam bem. Tentações e não tentativas. Tentações que não atingem nossa vontade. Tentações que para o homem de fé constituem oportunidade de aprofundamento na fé, que servem para mostrar nossa pequenês diante do mistério da existência.

Embora os médicos lhe tivessem desaconselhado as viagens, procurou até o fim de suas forças atender aos compromissos a que se tinha proposto.

Angustiava-o muito o futuro de sua irmã dez anos mais idosa do que ele e quase parálitica. Acompanhara-o durante sua vida de sacerdote e bispo. Deus o aliviou desse problema levando sua irmã numa morte tranqüila e rápida.

Livre também desse compromisso fraterno julgou chegada a hora de morar definitivamente numa dependência do Hospital São Vicente de Paulo.

Sua intenção não era de permanecer completamente inativo. Conforme confidenciou aos amigos mais íntimos, planejava participar do crescimento do Hospital São Vicente de Paulo.

Os planos de Deus, porém, eram outros. No dia 3 de setembro de 1992, poucos dias após sua transferência definitiva para o hospital, sem agonia e sem presença de ninguém, faleceu. Acabara de levantar e tomar o café. Sentindo-se cansado, avisou que tornava a deitar-se. A irmã que cuidava do quarto várias vezes abriu a porta e vendo-o deitado julgava que estivesse dormindo. Estranhando a demora na cama, aproximou-se e notou que estava imóvel.

Assim terminou uma vida cheia de atividade.

A Amizade Cristã e Dom Cláudio Colling

Prof. Zilá M. Totta

Introduzir-nos num tema como a AMIZADE CRISTÃ é atentar para o que de mais digno existe no HOMEM, Ser pensante, Ser que ama, Ser que quer, Ser que aspira o BEM e a VERDADE acima de tudo.

Tão fundamental é para o HOMEM a questão da AMIZADE, que em todas as épocas da História registra-se o interesse e a preocupação de se considerar este poder básico, diríamos este privilégio que, no seu sentido transcendental dignifica a capacidade de "relação", oportunizando o ato humano por excelência, que é o da "comunicação".

Embora nosso intento seja abordar o tema da AMIZADE em seu sentido cristão, não podemos nos furtar a uma referência no que diz respeito à importância que os pagãos atribuem à AMIZADE.

Tomemos como exemplo o que dizia Aristóteles, um dos expoentes da Filosofia Grega, na sua "Ética a Nicômaco", quando assim se expressava: - "A amizade é uma virtude, ou implica virtude, sendo, além disso, sumamente necessária à vida. Porque, sem amigos, ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens."

Considera ele ainda que "a mais genuína forma de justiça é uma espécie de amizade."

Outro detalhe que nos parece importante, enfatizado por Aristóteles nesta "Ética a Nicômaco", é a referência que faz à amizade entre os jovens: - "Sua importância, diz ele, decorre do fato de que é em tais amizades que se observa com mais

freqüência a generosidade. A amizade, acrescenta ele, que se baseia na "utilidade" é própria das pessoas de espírito mercantil."

Trazemos este exemplo para alertar para o sentido elevado e rico de que se reveste a verdadeira amizade, aquela que é cultivada pelos cristãos, mas que também se encontra entre os povos greco-romanos I por exemplo.

Referindo-nos ainda a Aristóteles, dizia ele que "a amizade é o mais necessário para a vida. O mundo em que vivemos é sedento çje amizade, uma vez que é povoado de seres humanos."

Caberia também aqui, para reforçar o exemplo do significado qa amizade entre civilizações passadas, o que dizia Cícero:

"... Por um imperativo da natureza, a virtude, em suma, é a fonte da amizade entre os homens; a mútua benevolência é, de certo modo necessária. E assim acontece que quanto mais generosos e benéficos são os homens, mais capazes de amizade se mostram."

E... continua Cícero: "Sem amizade, não há vida digna de um homem livre; quem suprime a amizade da vida, parece suprir o sol do universo."

Passando ao mundo cristão, já Santo Agostinho e São Tomás de Aquino acenavam para o sentido da amizade complacente, benevolente, caridade-virtude.

Não de maneira monográfica, mas, pelo contrário, de maneira freqüente e entusiasta, São Tomás de Aquino se defronta, em vários pontos de sua obra, com o tema da amizade.

A exigüidade e natureza do presente artigo não comportam um detalhamento do pensamento dos pensadores

cristãos a respeito da amizade. Mister se faz lembrar, no entanto, que quando por razões várias os autores medievais são levados a construir uma teoria cristã sobre a amizade, comprazem-se lembrando as passagens neotestamentárias, em que Jesus se declara a si mesmo amigo daqueles que o seguem.

"Não vos chamarei daqui em diante de meus servidores, porque o servo ignora o que faz o seu dono" - disse-lhes uma vez, "serão meus amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai a vós outros lhes dei a conhecer" (Jo, 15,15).

De Lázaro diz que é "seu amigo (Jo. 21,11). E quando anuncia a seus discípulos sua próxima imolação na cruz, começa por afirmar que a maior prova de amor consiste em dar a vida pelos amigos - referindo-se aqui à humanidade inteira.

Dizíamos, inicialmente, que a AMIZADE dignifica a capacidade de "relação", oportunizando o ato humano por excelência, que é o da "comunicação". Por esta razão mesma, insistem os que tratam do assunto no "cultivo" dessa comunicação que dá sentido pleno ao agir humano.

Cabe aqui citar Gabriel Marcei, numa afirmativa transcrita por Emmanuel Mounier em seu livro "O personalismo" e que diz:

"A pessoa só cresce na medida em que sem cessar se purifica do indivíduo que nela está. Não conseguirá virando toda a atenção sobre si própria, mas, pelo contrário, tornando-se **disponível** e, por isso mesmo mais transparente a si própria e aos outros. Tudo se passa como se nos tornássemos então, quando já não estamos "cheios de nós", prontos para os outros, entrados em graça."

Precisamente aqui nos permitimos colocar a personalidade digna e inesquecível de DOM CLÁUDIO COLLING.

Sua atuação e seu relacionamento foram sempre marcados pela **disponibilidade** que deve caracterizar a AMIZADE CRISTÃ, nos diferentes cargos que exerceu, nesta capital como Vigário-Cooperador, Pároco, Assistente Eclesiástico dos Homens de Ação Católica e da Juventude Feminina Católica, Diretor de Congressos e empreendedor de Obras, e, após passar pelo bispado de Santa Maria, viveu seus 30 anos de fecundo apostolado em Passo Fundo.

Em toda a parte por onde passou e viveu, foi a expressão marcante do lema que escolheu para seu Episcopado:

"ILLUM OPORTET CRESCERE".

Os depoimentos que se seguem foram colhidos entre amigos que, como nós, tiveram o privilégio de conviver com Dom Cláudio e receber sua orientação nos diferentes cargos que exerceu, em Porto Alegre:

"A verdadeira amizade é como o sol, que nos ilumina e nos aquece.

D. Cláudio, amigo, conselheiro e pai, soube ser a luz a nos guiar pelos caminhos do Senhor.

A sua lembrança jamais se apagará das nossas mentes e a sua presença permanece em nosso corações".

Luiz e Clélia Mandelli.

"Consideramos motivo de grande satisfação nosso relacionamento com D. CLÁUDIO COLLING, a quem sempre admiramos por seu espírito empreendedor no desempenho de sua missão pastoral, bem

como por sua capacidade de incentivador e coordenador de obras sacras, de grande relevância e acentuado cunho apostólico, iniciando com a construção da Vila Betânia (Casa de

Retiros) e culminando com a conclusão da Catedral de Porto Alegre e do Projeto do Santuário dedicado à Mãe de Deus, Padroeira da Capital do Estado.

A memória de D. CLÁUDIO perdurará sempre entre nós, envolta num preito de saudade e reconhecimento profundos".

Plínio e Ady Totta

"Com D. CLÁUDIO aprendi a ser fiel e a servir com amor".

Carlota Bicca

"Conheci D. CLÁUDIO quando ele, recém-ordenado, chegava à paróquia do Menino Deus, em 1937, como coadjutor.

Também eu, recém chegada a Porto Alegre, para onde minha família se mudara, fazia parte da Juventude Feminina Católica da paróquia.

Após alguns meses de conhecimento, indicou-me para ser presidente da Juventude Paroquial.

Hesitei muito em aceitar, mas D. CLÁUDIO venceu e, daí em diante, recebi dele um atendimento espiritual que me acompanhou por toda a vida.

É quase impossível dizer, em poucas linhas, como D. CLÁUDIO acompanhou minha vida, da mocidade à velhice.

Em todos os momentos alegres ou tristes, fáceis ou difíceis, D. CLÁUDIO esteve sempre presente, física ou espiritualmente na minha vida familiar."

Hortense Franco Medeiros.

"Conforme a palavra de São Paulo, D. CLÁUDIO passou fazendo o bem e procurou sempre cumprir a vontade de Deus.

Guardei comigo de forma inesquecível o que ele me disse uma certa vez: Não importa o que se faz; importa a intenção porque só Deus nos julga".

Irmã Maria de Nazaré (Irmã Franciscana)

"Deus regula o mistério dos Encontros...

D. CLÁUDIO foi, na minha vida, a presença viva de Deus".

Celina Garcia Scag

"D. CLÁUDIO, firme em suas convicções, idealista, corajoso pontual e bondoso, foi para nós, que tivemos o privilégio de com ele conviver, um apoio, um orientador e um exemplo vivo.

Acima de tudo, um grande amigo espiritual. Muitas saudades!".

John e Gladys Mc Climont.

A Ação Social de D. Cláudio em Passo Fundo

Agostinho Both

1. introdução

Dom Cláudio e sua obra social esclarecem sobre a extensão de um homem de fé e de caridade. Ele mesmo avalia aqueles que pertencem à sua gente como "herdeiros de uma preciosa tradição de fé, honestidade, trabalho e civismo, valores que nos legaram nossos antepassados, nada mais justo que o esforço de reconstruir a história desta família a que pertencemos e da qual todos nos orgulhamos". Pois dentro desta forma de entender a vida dos homens que se auxiliam dos exemplos e até para entender a própria presença de Deus é que será dado um melhor conhecimento sobre a vida deste homem e deste pastor. Ocupou sua vida como bispo na vigilância e observação de tudo o que se passava entre os seus, buscando cumprir a verdadeira tarefa de sua autorga e, impondo nesta vigilância, rumos a si e aos seus, obedecendo à Igreja e observando que tudo estivesse certo entre os homens.

As qualidades humanas nas ações revelam a certeza de uma comunhão na fé em Deus e na sobrevivência da alma. Havia uma espécie de clamor e imposição maiores, uma visão divina da realidade humana. Ajustada a esta visão absoluta acompanhava-lhe um caráter forte. Isto posto e mais a elaborada idéia do que teria que ser feito para felicidade humana e cristã faziam com que se apresentasse uma vigorosa figura humana, usando de todos os expedientes éticos para fazer-se revelar a obra tida

como excelente para servir a Deus e aos irmãos. Movidado por um temperamento social e racional fazia da obra escolhida uma decisão implacável. É de se perguntar: de onde provinha este estilo de ser?

A cultura imigrante, sem dúvida, é um dos instrumentos modeladores do perfil social e religioso de Dom Cláudio. Aqueles homens quase desesperados com as formas desumanas da Europa equacionar seus problemas sociais, traziam um legado vigoroso de princípios, fazendo da frágil criatura maiores os seres humanos, instigados por suas crenças e conseqüentes decisões. Pouco era o mar bravio e a terra inóspita para quem tinha em Deus uma convicta parceria. Pouca era a dificuldade nos transportes, no erguimento das casas e no plantio das sementes para quem tinha no sentido comunitário o socorro nas urgências. Pouco era o defeito, a imprevisão e mesmo a perplexidade para quem buscava, no entendimento das letras e dos números, uma visão mais exata das realidades a serem superadas ou atingidas. A austeridade imponderável da privação em favor de outra vida, a tradição cristã sem questionamentos impunham regras certas e aí a frágil criatura fazia seu tirocínio engendrando um ser respeitável, bem maior que as condições históricas poderiam revelar. Não questionavam os humildes colonos sobre as condições de trabalho ou sobre a injustiça social imposta. A sua fé, a sua caridade e sua inteligência lhes bastava mesmo que devessem morrer. Não tinham nos seus pés o limite do horizonte. O trabalho, sinônimo da criação e da liberdade, afastava-se dos costumes praticados aqui.

Postas estas palavras, pode-se talvez avaliar um pouco melhor o perfil do vigilante Cláudio, o pastor. A par destas coisas humanas tinha um temperamento retilíneo. Não negociava entre

o sim e o não. Não lhe fazia parte a pouca coisa e a indisciplina. Mas não se pode ponderar todas as condições que levavam aquele menino de doze anos a renunciar às pequenas vantagens humanas para fechar-se num seminário e desejar, com ardor, seguir a vocação de servir e liderar. Não apreciava estar oculto e equilibrava a ambição do brilho pessoal com o serviço. Aos 24 anos, já estava pronto para a prática sacerdotal o homem inteligente que queria crescer com os outros em todos os sentidos, tendo Cristo a frente. E a necessidade humana de ter uma relevante expressão social em Dom Cláudio, por sua inseparável visão cristã, era pacificada pelo seu próprio lema episcopal: "Importa que Ele cresça e eu diminua". E mesmo que, por mais forte que tivesse que se impor sua autoridade em nome da disciplina eclesiástica ou em casos de fé, assinava o que era posto como sendo o menor servo em Cristo. Isto é: ele não se impunha por sua pessoa mas tão somente por sua representação. Mas antes de ter sido investido do poder de vigiar e servir à Diocese de Passo Fundo, fez sua experiência sacerdotal durante 13 anos, passando por três paróquias coordenando, na Arquidiocese, a Juventude Feminina e o movimento dos homens da Ação Católica. Em 1948 assumiu a responsabilidade de cura da Catedral Metropolitana da qual já havia sido vice-diretor das obras. Foi o primeiro secretário da Comissão Central Organizadora do Vº Congresso Eucarístico Nacional (1947). No dia 29 de janeiro de 1950, recebeu as ordens episcopais e foi eleito Bispo Auxiliar de Santa Maria Em 23 de março de 1951, foi nomeado Bispo de Passo Fundo.

Estas obrigações sacerdotais mostraram a competência humana e religiosa de Dom Cláudio. E em tudo foi retirando suas conclusões que serviriam para seu futuro ministério.

2 - Fundamentos Humanos e Cristãos da Obra Social de Dom Cláudio

Bem de frente deste pequeno discurso pode ser dito que Dom Cláudio não era um homem de longas palavras e demoradas decisões. Fazia logo o que devesse ser feito. Ajuizava-se com pessoas experientes, irmanava seus propósitos e impunha-se a tarefa com vigor imorredouro, enquanto o que havia sido proposto não se materializava. Tinha uma consciência nítida que todo o empreendimento humano tem seus meios e sobre eles devem ser exercidas as formas necessárias para que revelem sua eficácia. "Os meios certos e as formas certas de usá-los não falham quando se tem uma obra de mérito humano ou religioso a ser feita". Isto pode ser depreendido de sua atuação. Como conseqüência, palmilhava o caminho da realização com objetividade pedindo a quem pudesse auxiliá-lo Políticos e amigos afortunados figuravam ao seu redor não como pessoas que pudessem honrá-lo, mas todos eles tendo à frente uma obra a ser construída. Nada se esgotava em si mesmo: havia em tudo um sonho maior como tendo Dom Cláudio a tarefa de aperfeiçoar a cidade humana e mostrar as melhores formas do Reino de sua fé. Numa caçada, num jantar oferecido, num encontro político, lá estava ele com seu porte físico avantajado, com sua voz clara e grave, com seu pedido de aliança e nas mais de 5.000 cartas expedidas não há de se encontrar nenhuma onde pudesse se perceber um desejo particular ou vantagem nos muitos negócios feitos. Ao contrário isto é posto, não desejava nada para si. Só a superficial ou maliciosa apreciação de seu comportamento poderiam provocar uma opinião sem fundamento. É verdade: não tinha dúvidas de empenhar-se em obras caras, como cara é

a dignidade humana, mas sempre rebelde com qualquer possibilidade de alguém tirar alguma vantagem. E nestas circunstâncias impacientava-se, constrangia-se e expunha sua inconformidade de maneira severa. Só superava sua irritação frente à mesquinhez pessoal, a irritação frente à infidelidade repetida de um de seus sacerdotes.

Mas, convém agora tornar melhor fundamentada a sua convicção de onde emanava toda sua ação de cidadão e pastor. Isto pode ser retirado do discurso de posse como Bispo e do sermão dirigido aos jovens cristãos no 36º Congresso Eucarístico Internacional, no Rio de Janeiro, em 1951 e 1955, respectivamente.

"E já tendes diante dos olhos o vosso Bispo. Saudando-vos pela vez primeira com estas palavras, que revelam a existência entre nós das relações mais elevadas de preocupação e carinho paternal e de amor e acatamento filiais, sinto meu íntimo, como que se confranger ante a enormidade da responsabilidade que pesa sobre os meus ombros".

Logo a seguir foi falando a que veio. Podia perceber-se por onde andariam suas preocupações. "Posso solenemente, de coração, vos dizer e afiançar como que num compromisso e numa promessa formal que: pelo bem e prosperidade da Diocese de Passo Fundo; pela união, disciplina e atividade de seus sacerdotes; pela aprimorada e eficiente formação dos seus seminaristas; pela organização serena e metódica da Ação Católica; pelo bem das almas de todos os diocesanos, religiosos como leigos, pronto estou até a dar a vida, numa doação sem reservas, pelo crescimento real de Cristo nesta porção de seu rebanho que me foi confiada. É necessário que Ele cresça e eu diminua."

Pede a seguirá Padroeira para torná-lo instrumento da graça para que:

"Na Diocese de Passo Fundo, Cristo cresça nas almas e corações, cresça no indivíduo, cresça nas famílias, cresça na sociedade". Parece aUe nesta trilogia sustentaria toda a ação. Por fim, submete-se às diretrizes do Papa e do Arcebispo de Porto Alegre externando a sua fraternidade a todos os bispos. Ao falara os padres: - "dividirei convosco o pastoreio, as canseiras e as lutas... sois vós, sem dúvida, nosso maior consolo e contínua preocupação."

No lema citado e nas promessas formuladas iniciou sua jornada e, por certo, em toda a sua trajetória de trinta e um anos em Passo Fundo, não se afastou de suas palavras que estavam consubstanciadas em maior profundidade, como raízes, na crença exposta no encontro internacional e que vale revelar para melhor entender e celebrar.

Dom Cláudio foi convidado a proferir um dos discursos feito aos jovens no Congresso Eucarístico Internacional, realizado em 1955. Aí pode-se encontrar a base de sua fé e que o impulsionava a pensar, a sentir e a fazer tudo o que fazia. Profere a sua doutrina avaliando a História da Salvação em dois momentos. Aquele antes e depois da Eucaristia: do tempo da dualidade humana, egoísmo e solidariedade, paz e guerra, amor e ódio para o tempo da unidade, comunhão, fraternidade e caridade: o tempo de Cristo. E isto podia ser realizado na fé e na celebração:

"Por tal comida forte,

Caminhai!

Vencei a vida e a morte De volta para o Pai."

Nisto reside todo o movimento humano de Dom Cláudio. Nisto buscava aperfeiçoar-se e aperfeiçoar a sociedade e os indivíduos. Uma fé, sem dúvida, imprimia-lhe o aperfeiçoamento das instituições, a criação de entidades, o zelo disciplinar, as amizades e todo discurso. Por ser um homem de temperamento forte e tenso diante das grandes frustrações, por ser um homem de grandes decisões, a fé que transcendia era-lhe absolutamente necessária.

Na trajetória humana esteve sempre presente sua irmã Maria a auxiliá-lo nas dificuldades pessoais. A fraternidade de Maria permitia laços próximos e ela intervinha oportunamente. Dom Osmino Both que auxiliou na elaboração deste texto e assim exemplificou a forma da irmã ser uma presença muito íntima:

"Estando ele, por razões que não me lembro, muito agitado, nervoso por causa de grande preocupação e por vê-lo assim quase desorientado enfrentou-o antes que ele fosse ver o que era motivo de sua exasperada tensão. Com a palma da mão bateu-lhe no rosto e falou: "Um homem não sai para a rua com a cabeça perturbada". Este apoio fraterno e mesmo austero, sempre atento a que o irmão fosse cada vez mais perfeito, foi um importante auxílio para a sua vida íntima.

Mas todo o recurso humano não era o mais decisivo: "E o homem que pelo pecado ficara despojado de toda a beleza é novamente vestido de glória, porque integrado na beleza de Cristo" (CEI, 1955). Nesta crença maior instigava-se a lutar, a tornar mais bela a espécie humana. Mas o belo, o justo e o bom tinham o seu fundamento em Cristo e expressava, nas obras materiais e em organizações humanas, o fim último, remetido aos princípios de sua doutrina.

3 - A disciplina e o Apoio Eclesiásticos

Entendia D. Cláudio que sua tarefa pastoral e, como consequência social, era realizada cooperativamente e seus primeiros sócios no empreendimento das coisas boas, humanas e cristãs eram os sacerdotes. Estes, em primeiro lugar, deveriam testemunhar vivamente a sua ética cristã. Isto é: os costumes dos seus padres deveriam revelar a excelência da doutrina e da fé. Compreendia que em tudo deveriam buscar a perfeição, principalmente no que se referia aos hábitos de vida. E uma das formas de externar esta perfeição era a sobriedade e a renúncia a tudo o que não se referisse à caridade, ao domínio de si, e sobretudo à revelação de Deus pelas obras sociais, à administração dos sacramentos e à celebração da liturgia. Exigia Dom Cláudio a obediência, não porque entendesse que ele era o dono da verdade, mas que a verdade cristã por si só teria mérito a ser seguida e, para tanto, aliava energia e bondade. Importava, portanto, uma disciplina própria daqueles que tinham fé e que pertenciam à igreja católica. E os ministros destas realidades não podiam conviver com vícios e outras imperfeições. Isto movia-o a que estivesse atento à formação daqueles que seriam ministros da fé como daqueles que estavam no exercício efetivo do munus sacerdotal.

Apreciar-se-ão algumas formas de Dom Cláudio orientar seus sacerdotes ou pretendentes a esta tarefa eclesial.

A um seminarista, desejoso de se afastar do Seminário, escreveu:

"Por maiores que sejam as necessidades da Diocese e mais tremenda que seja a falta de clero, naturalmente não posso

desejar que se aproxime do sacerdócio quem não tenha sólida e confirmada vocação sacerdotal" (1956).

A um padre que iniciava uma delicada tarefa:

"Confio no seu espírito de prudência e boa organização, para que tudo retorne lentamente para o seu lugar, sem forçar as coisas". Procure sempre andar devagar para andar certo, para que toda a situação se encaminhe calmamente para aquilo que deve ser" (1956).

A um padre que se envolvera em intriga:

"Julgo que deveríamos ser uns para os outros Cirineus, a nos auxiliar mutuamente no carregar nossa cruz, jamais calcando um na cruz do outro para torná-la mais pesada. Verdade é que poderá haver, no exercício das diversas missões que nos cabem, choques e atritos, mas nossa convicção religiosa sempre nos levará ao perdão, para que vença a lídima caridade fraterna.

Desejo-lhe sólida paz interior no seu ministério sacerdotal, pelo qual, valorizando as muitas reais qualidades que o exornam, poderá fazer tanto bem, atingindo a tantas almas desejosas e sedentas de um aperfeiçoamento espiritual.

Ponhamos uma pedra sobre o que houve no passado, não dando crédito a intrigantes e seguindo serenamente avante em nossa missão" (1969)

A um padre com perturbação nervosa:

"Procure em sua nova colocação, dominar perfeitamente o seu sistema nervoso, para que seja feliz em todo o sentido, e para que as almas se sintam bem sob seus cuidados e seu zelo sacerdotais" (1956).

A um Bispo para que olhasse para um dos seus:

"Creio que o referido padre, incardinado nessa Diocese, nas vésperas de sua passagem para a Diocese de Passo Fundo, já meio encanecido nas lides sacerdotais e enfermício, esperava e merecia entrar numa fase de um relativo conforto, necessitando, sobretudo, de compreensão carinhosa de seus superiores e colegas. Na situação em que se encontra, ele, talvez erroneamente, supõe não ter nem uma coisa nem outra" (1961).

A um padre com intemperança na bebida:

"Digo que é premido pela solitudine paternal que tenho para com todos os sacerdotes que trabalham em minha Diocese que lhe escrevo:

É que, de quando em vez, ouço vozes, vindas de pontos completamente diversos que me afirmam que o vigário, por vezes, se excede na bebida. Sem querer apurar oficialmente a veracidade destas queixas, peço-lhe sincera e amigavelmente que tome todo o cuidado para que tais queixas como uma fumaça indicadora de que algum fogo existe. Por vezes: quanto menor o fogo tanto maior a o fumaça. Mas nesta questão tão delicada da bebida, como sacerdotes, não podemos dar o mínimo motivo para queixas ou escândalo. É que da bebida decorrem, como sabemos, uns tantos inconvenientes que, absolutamente, devem ser banidos da Vida Sacerdotal" (1959).

A um padre que vivia sem a abstinência sexual:

"Meu prezadíssimo padre de joelhos lhe peço e imploro: leve a sério o trabalho urgente de vencer a sua paixão e volte sincera e humildemente a Deus, que nunca recusa o perdão e a paz a um coração humilde e contrito. Pelo amor de Deus, pelo bem de sua alma imortal, pelo bom nome da Santa Igreja e pela honra de sua família, volte a ser um bom e santo e humilde

sacerdote. Não fale mais em traição, não se faça de vítima: volte a ser o que foi e deve ser" (1958).

Sobremaneira elegante e fraterna era a relação com seus colegas bispos. Quando foi Administrador Apostólico da Diocese de Vacaria, não mediu esforços na busca de criar naquela diocese as mesmas vantagens que aqui vinha conquistando mormente no que se referia ao erguimento do seminário. Sua influência política era exercida para garantir a materialização de obras sociais. Aí, como em sua diocese, também incentivou a melhoria das coisas do campo através das semanas ruralistas.

A solidariedade com seus colegas de bispado ficava manifesta sempre que na região criava-se uma nova diocese. Os bispos que assumiam - Bruno Maldaner; João Hoffmann e José Gomes tiveram o apoio inicial de seu colega mais velho. Na implantação da diocese, as despesas particulares de ordem material eram angariadas por Dom Cláudio. Desta forma o novo bispo não estaria submetido ao constrangimento de solicitar para si mesmo tudo o que fosse necessário.

Mas acima de tudo, as questões de ordem doutrinal eram vistas em conjunto. De modo especial o movimento socialista e marxista conturbou no início da década de 1960 o pensamento da doutrina cristã. Aconselhava-se, então, com Dom Vicente Schererede modo especial serviu-lhe de luz a Encíclica Mater et Magistra.

4 - As Obras Sociais

Difícil se torna distinguiras suas obras sociais de seu zelo pastoral. Com o advento, principalmente, do Concílio Ecumênico

II, observa-se na vida de Dom Cláudio uma abertura para as obras sociais. Se antes do Concílio houve uma preocupação pelo bem-estar material e progresso social das instituições, depois dele manifestou-se ainda mais viva a demonstração do zelo pelo aprimoramento das instituições que pudessem criar condições para melhoria integral das pessoas. Revela-se sua inclinação em várias direções a saber:

- 1 - Para as obras sociais da melhoria rural
- 2 - Para as obras sociais de melhoria urbana
- 3 - Para as obras de apoio de recursos humanos em tarefas sociais e religiosas
- 4 - Para as obras educacionais
- 5 - Para as obras na área da saúde
- 6 - Para as obras de melhoria de infra-estrutura regional
- 7 - Para as obras religiosas.

4.1- Obras Sociais de Melhoria Rural

Estas obras nunca foram ações particulares, mas geralmente eram resultantes de esforços conjuntos. Isto pode ser percebido em 1957 quando a cultura do trigo devia ser aprimorada com a introdução de sementes mais adaptadas à região. Isto foi obtido junto à direção do serviço de Expansão do Trigo na obtenção de 500 sacos de semente, ao mesmo tempo que eram recebidos 14.000 kg de adubo para a referida cultura. Este mesmo benefício já havia sido conquistado em 1956 com o recebimento de 800 sacos "para distribuição aos agricultores do município de Erechim."

Pelas correspondências lidas, percebem-se esforços em introduzir espécies de abelhas para melhoria da apicultura, assim como de outros animais, como o caso dos suínos.

Não somente a questão das culturas: importavam as estradas, a eletrificação rural. Foram elas apoiadas para que o escoamento das safras não fosse prejudicado e os agricultores se sentissem animados pelo conforto e permanecessem na zona rural. Neste sentido, adiante será visto, alimentou Dom Cláudio iniciativas de educação rural através de cursos e erguimento de escolas para que os filhos dos agricultores pudessem ter na terra uma melhor oportunidade social. Estas iniciativas suscitaram uma consciência de intervenções nas diversas questões rurais. E a presença de Dom Cláudio evidenciava-se mais no apoio político para aquisição de recursos necessários à materialização das intenções. Todas as ações praticadas vinculavam-se às próprias raízes de Dom Cláudio. Mesmo sendo seu pai um ferreiro, impregnou-se em sua personalidade a visão do sofrimento rural de todo interior de Montenegro, particularmente do distrito de Harmonia.

4.2 - Obras Sociais de Melhoria Urbana

A prática da pastoral da Ação Católica com seus vários movimentos, o espírito social da Igreja, animado com o advento do Concílio Vaticano II, a necessidade urgente de a Igreja voltar-se para os mais pobres, acelerada pelo movimento socialista, fizeram que Dom Cláudio se inclinasse na direção de obras de relevância social nas cidades onde o clamor da pobreza se manifestava mais alto.

4.2.1 - Fundação Beneficente Lucas Araújo

Conforme documento desta Entidade, pode-se ler:

"A Fundação Beneficente Lucas Araújo existe graças ao Ten. Cel. José Lucas de Araújo, que em testamento, doou tudo o que possuía, grande área de terras, hoje a Vila Lucas Araújo, a quem criasse em passo Fundo "um asilo de crianças órfãs e desvalidas". O sonho de Lucas Araújo se tornou realidade graças às Damas de Caridade, que em 14 de maio de 1928 fundaram o asilo.

O então "asilo" detentor da herança de Lucas Araújo com o tempo começou a sofrer grandes dificuldades, até no que tocava à alimentação das crianças e dos velhos assistidos.

As Damas de Caridade procuraram Dom Cláudio e ofereceram-lhe a oportunidade de tornar-se o administrador desta que já era uma Fundação.

Foi então que, com a aprovação da Procuradoria Geral da Justiça do Estado os destinos desta Fundação passavam a partir de 28 de julho de 1955 a serem geridos pelo Governo Diocesano da Diocese de Passo Fundo.

A situação era paradoxal. Uma entidade com um patrimônio imenso e seus assistidos passando privação.

Urgente se fazia tirar dentre os sacerdotes diocesanos um que viesse a dedicar-se exclusivamente aos complexos problemas desta Fundação, o que aconteceu em 06 de janeiro de 1957 com a nomeação de Pe. Paulo Augusto Farina.

Um dos primeiros atos, por motivos psicopedagógicos, foi trocar a razão social para Fundação Beneficente Lucas Araújo.

Em seguida organizou-se, vencendo a burocracia, um loteamento, a atual Vila e Bosque Lucas Araújo, para transformar um patrimônio morto em capital que resultasse em rendas.

Com o resultado das vendas dos terrenos, foi imediatamente ampliado o então asilo que, por motivos óbvios, recebeu um nome mais simpático "Lar da Menina" que hoje abriga mais de 100 crianças de 6 a 15 anos de idade; criou-se e construiu-se uma creche denominada "Menino Deus" e depois surgiu a creche "João Busato", ambas com mais de 200 crianças; foram construídos dois novos abrigos de idosos, o São José e o João XXIII, que juntos atendem 80 velhos; foi construída a Escola Assistencial Cristo Redentor, hoje atendida pelo Estado, com o nome de Grupo Escolar Maurício Sirotsky Sobrinho, onde estudam gratuitamente as crianças do Lar da Menina.

A entidade mantém um grupo de 50 funcionários.

Como as despesas começaram a crescer muito, sempre com a inspiração e orientação de Dom Cláudio, foram construídos prédios para aluguel, que o órgão executivo resolveu denominar de Dom Cláudio, outro Dom Antonio Reis; foram construídas várias kitinetes e atualmente, já sob a presidência de Dom Urbano, foi construído mais um prédio, que também por iniciativa do órgão executivo, recebeu o nome do atual Bispo de Passo Fundo e está em fase de acabamento, o Edifício Dom José Gomes".

4.2.2 - Assistência Social Diocesana Leão XIII

Conforme texto do Sr. Darcísio Staudt, Diretor atual, pode-se ler o que segue:

"A Diocese de Passo Fundo, como de resto, quase todas as dioceses do Brasil, no final dos anos 50 e início dos anos 60, passou a receber os "Alimentos para a Paz" dos E.E.U.U., através do Programa chamado "Aliança para o Progresso". Percebendo a necessidade de organizar bem esta distribuição, de modo a evitar o paternalismo, por iniciativa de Dom Cláudio Colling, foi fundada a Assistência Social Diocesana Leão XIII.

O objetivo fundamental que norteia as suas atividades desde os primórdios é a assistência, a educação e a promoção humana da população carente, sem distinção de raça, cor, sexo ou religião.

Já nos primeiros anos foram instalados cursos profissionalizantes, ministrados às pessoas assistidas tais como: bordado, funilaria, sapataria, marcenaria, corte e costura, culinária, cabeleireiro, manicure-pedicure, malharia.

A partir de 1965 foi criada uma horta comunitária, através da qual foi facultado à população carente a participação na produção de alimentos que não constavam no Programa da "Aliança para o Progresso". Para fazer jus aos alimentos, ao menos um membro da família teria que participar, com duas horas de trabalho semanais, na horta comunitária.

No início dos anos 70, a Assistência Social Diocesana Leão XIII atravessou uma grave crise não só econômica mas também de identidade. Através de uma reformulação estatutária, houve uma clara tentativa de alijar a Igreja da Entidade, ao se retirar da razão social o adjetivo "diocesana". Passou a chamar-se, simplesmente, "Assistência Social Leão XIII". Mais uma vez, Dom Cláudio mostrou sua força e determinação, convocando os sócios fundadores para uma tentativa derradeira, tirar a Entidade do atoleiro econômico e moral em que se encontrava.

A Cáritas Diocesana de Passo Fundo, recém-criada, foi incumbida, por Dom Cláudio, da administração e da tentativa de salvá-la.

Já em 1974, com o Programa de Alimentos encerrado e com os estatutos reformulados, a Assistência Social Diocesana Leão XIII inaugurou uma nova fase de sua história, ao fazer sua opção preferencial pelo atendimento aos menores carentes, criando o Centro de Juventude. A partir de então, a Assistência Social Diocesana Leão XIII passou a realizar atividades no campo da promoção das crianças, adolescentes e jovens carentes, através da criação de creches, centros de juventude e cursos profissionalizantes.

Estes esforços eram apoiados por entidades estrangeiras como a Adveniat e Misereor. A política da Leão XIII visa sobretudo a preparar as crianças para uma profissão, não as afastando do seu meio. E neste sentido, para as crianças de rua foi engendrada outra instituição social denominada Fundação do Bem Estar do Menor".

4.2.3 - Fundação do Bem Estar do Menor

Esta singular criação teve o apoio de Dom Cláudio mercê das suas influências políticas e interesse. Surgiu em 1962 e previa atividades de carpintaria, sapataria, oficina mecânica, oficina gráfica e alfaiataria. Foram mudadas as propostas de iniciação profissional mas os efeitos positivos ainda hoje são importantes na pretensão de serem minimizadas as dificuldades sociais.

4.2.4 - Casa Lar

Pode-se dizer que Dom Cláudio repudiava os comportamentos que não combinavam com a disciplina cristã e mais precisamente com a orientação da Igreja. E isto deforma veemente. Se de uma parte era severo não se pode dizer o mesmo em relação àquelas que solicitavam apoio em função de uma gravidez inesperada. E não via esta limitação como a mais severa. Os pecados contra a caridade, estes sim eram imperdoáveis. Por isso não podia sentir culpa de não fazer nada pelos maus resultados das fraquezas particulares e principalmente dos péssimos resultados dos pecados sociais. Para minimizar o constrangimento e o abandono de muitas destas mulheres construiu uma casa apropriada para que aí a vida estivesse protegida em todas os sentidos.

4.2.5 - Sociedade Cultural Beneficente São João Bosco

Sobre esta obra, fala-nos a irmã Guiomar Zambenedetti:

"A 11 de novembro de 1960 um grupo de moradores católicos da Vila Santa Marta se reúne, celebrada a 1a missa na Vila, constitui uma comissão provisória encarregada de angariar fundos para a construção de uma capelinha. Esta é considerada a data de fundação da SOCREBE. No entanto, em março de 1970, a irmã Guiomar Zambenedetti como professora estadual assume sua missão na Escola Estadual Maria Dolores de Freitas Barros e, aos 28 de fevereiro de 1971, as irmãs lida Ennemoser, Cristina Noskoski e Guiomar Zambenedetti iniciam seu trabalho junto ao povo empobrecido da Vila Santa Marta constituindo uma

fraternidade inserida nesta vila, dando um novo impulso às atividades desenvolvidas pelos católicos da Comunidade São João Bosco, levando o nome de Sociedade Cultural, Recreativa e Beneficente São João Bosco - SOCREBE.

Aos 4 de abril do ano em curso, à tarde, recebemos a visita de Dom Cláudio Colling que, apesar de sério e distante, como era normalmente, pudemos sentir sua aprovação e apoio moral.

Pessoalmente nunca nos falou se aprovava ou desaprovava o que aqui realizávamos. No entanto jamais faltou seu apoio moral, mesmo que tacitamente.

Financeiramente, não recebemos o apoio direto de Dom Cláudio. Apenas lembramos com reconhecimento que em certa ocasião em que fazíamos uma campanha para angariar fundos vendendo votos, ele, generosamente, adotou uma das gauchinhas que foi a vencedora.

O maior apoio, mesmo em silêncio e à distância, foi o apoio moral que dele a SOCREBE recebeu. A comprovação deste apoio foi quando da visita de João Paulo II ao Brasil e no dia 05 de julho de 1980, em porto Alegre, fui escolhida para receber a Comunhão do Santo Padre, representando o trabalho social e promocional desenvolvido em sua e nossa Diocese. Ele veio pessoalmente fazer o convite e verbalizou: pelo que a senhora faz aqui em favor dos pobres e abandonados a escolhemos para representar a Diocese. Nestes momentos, Dom Cláudio deixava transparecer sua riqueza profunda. Sempre sentimos por Dom Cláudio muito carinho e respeito.

Em certo aniversário dele, se não me falha a memória, quando completou seus 69 anos, fui com os três menores que moravam na casa e uma era a sua gauchinha, como gostava de

falar, ele pessoalmente nos recebeu, serviu coca-cola e bolo às crianças. Perguntou ele: quantos anos vocês acham que estou completando? Mais que ligeiro Lucimar, a gauchinha responder:

- Acho que o Senhor está fazendo uns 100 anos. Ele riu gostosamente e a afagou."

4.2.6 - Casa de Retiros

Esta obra nasceu com a finalidade de aperfeiçoar a vida social e espiritual da Diocese. Dom Cláudio, ouvidos dados a Dom Vicente, dizia: "Há em tudo uma tremenda confusão de conceitos em matéria social", mas, primeiramente preocupava-se em estudos de orientação religiosa. Assim dizia a carta que agradecia a vinda de Dom Jaime de Barros Câmara para inaugurar o empreendimento:

"É que nos dias 8 e 9 de dezembro (1956) faremos a festa popular da inauguração da Casa de Retiros e aguardaremos a chegada de V. Eminência para só então ser feita a bênção solene do prédio. A Casa de Retiros terá o nome de "Vila Siloé", lembrando a piscina probática e será dirigida pelas irmãs de Jesus Crucificado."

As obras acima citadas sempre foram levadas a efeito em regime de parceria. O apoio a todas estas obras resumia-se em alguns aspectos fundamentais, a saber:

- da natureza da obra social
- da estruturação, organização e funcionamento
- da manutenção
- da orientação e administração.

Em todas as obras, a presença de Dom Cláudio era relevante em todas estas questões. Depois de fazê-las andar, retirava-se para seguir adiante na sua peregrinação criando outras obras, sem jamais se descurar daquilo que havia sido criado. Naturalmente não se esgotam aqui todos os esforços realizados, pois em toda a Diocese apoiou, direta ou indiretamente, com o que fosse necessário. É difícil haver um município que não ostenta uma obra que no início não teve a ação, a palavra, ou ao menos o apoio de Dom Cláudio.

4.3 - Obras Sociais de Apoio à Vida Religiosa e Social

Não somente as paróquias deviam ser providas de recursos humanos exemplares mas outras instituições que diretamente são responsáveis pela qualidade do desenvolvimento humano na área religiosa, educacional e da saúde. As correspondências eram densas e muitas, todas elas afirmando o propósito da salvação do homem em todos os sentidos. Buscava apoio no país e na Europa, apelando para que pessoas competentes e boas pudessem assumir escolas, hospitais e as capelanias de irmãs religiosas. Estimulava a implantação de escolas religiosas. Buscava introduzir congregações femininas nos hospitais e o atendimento religioso às irmãs devia ser dado por um padre de excelentes virtudes. Muitas foram as congregações masculinas e femininas que foram convidadas e tiveram apoio para poder desenvolver, na Diocese de Passo Fundo, sua vocação. Demandaria um outro estudo avaliar os esforços realizados para atrair, implantar e cuidar de todas as ordens religiosas. Em 1969 existiam 70 comunidades

religiosas, das quais 39 envolvidas com a educação. Na Diocese, 17 hospitais eram atendidos por religiosas. Todas estas instituições deviam ser acompanhadas e as cartas revelam o empenho constante para que tudo pudesse estar bem diante da Igreja e da sociedade.

4.4 - Iniciativas e Obras Educacionais

Motivado pelos costumes de sua infância e posteriores convicções, entendia Dom Cláudio que a educação é questão primordial. As aprendizagens infantis haviam-lhe revelado que as comunidades podem assumir a educação de seus filhos e onde o Estado estiver desatento aí pode a ação particular suprir o que falta. Testemunhando a importância educacional, fez erguer instituições e foi constante na ação e mesmo forte nas decisões. Para se compreender a extensão da obra educacional, dividir-se-á o trabalho em temas específicos. Na questão do Ensino Superior, porém, em função da magnitude da influência de Dom Cláudio, haverá um capítulo especial.

4.4.1 - Educação Rural

Dom Cláudio não apenas solicitava apoio aos órgãos de decisão política na questão rural mas ele próprio tomava a frente de atividades que visassem à aprendizagem de práticas e organização da vida campesina. Esta inclinação para as coisas e os homens da terra ele a trazia consigo por ter nascido no meio das dificuldades dos agricultores. Ainda menino ajudava o seu

pai na ferraria e aí era o encontro dos pequenos colonos e se manifestava toda a espécie de impasses e frustrações. Não era de seu gênio nem de suas convicções esperar sem esforço que o Estado assumisse o que deveria serfeito. Por conta própria ou com sócios nas esferas dos governos, buscava aprimorara vida do campo, principalmente, na introdução de melhorias das práticas das culturas e manejo do solo. Neste sentido duas questões foram levadas muito a sério:

- O Ensino Rural nos Seminários

Dom Cláudio por várias vezes revelou, por escrito, em sua correspondência epistolar, que conhecia sua clientela nos seminários. Meninos das pequenas comunidades agrícolas do interior vinham estudar no Seminário. Sabia que 90% deles retornaria às suas comunidades. A iniciação nas técnicas agrícolas era uma das preocupações de Dom Cláudio a par da formação clássica. Dos benefícios para os seminários um deles era trazer recursos humanos provenientes de diversos setores responsáveis pelo aprimoramento das técnicas do solo, de novas culturas e da produção animal. Tudo que havia de bom e as novidades das coisas do campo era repassado aos seminaristas.

- A Educação Política dos Agricultores

De diversas formas era estimulada a organização dos agricultores. De modo especial Dom Cláudio apoiou a Frente

Agrária Gaúcha. E aí, nesse movimento, era estimulada a formação de associações e sindicatos.

- As Semanas Ruralistas

"Cabe à Igreja trabalhar segundo suas normas e de acordo com seus próprios meios para conseguira paz, de maneira que a coexistência no temor e no erro terminem e que em seu lugar se estabeleça, triunfante a coexistência na verdade e na caridade" (Pio XII).

Com este propósito, a Igreja resolveu aceitar o convite do Ministério da Agricultura feito através da Seção de Extensão Agrícola para que, irmanadas as forças, pudesse ser promovido um programa de práticas agrícolas nas dioceses interessadas. Dom Cláudio aceitou e, como era de seu caráter, agiu decididamente. A experiência já havia sido comprovada no Ministério desde 1946 e em julho de 1955 foi firmado acordo através do qual se promoveria a vida rural. Os técnicos eram enviados pelo Ministério e as condições locais eram garantidas pelas comunidades onde aconteceriam as Semanas Ruralistas.

Os temas em questão buscavam atender às comunidades de acordo com as necessidade e potencialidades da agricultura. Dois programas eram atendidos paralelamente. Para os homens eram tratados os temas que versavam, mudando de local para local, sobre Conservação do Solo - As diversas Culturas - Combate às Doenças Animais-Combateàs Doenças e Pragas de Lavoura- Higiene e Saúde no Meio Rural - A Organização do Homem Rural. Para as mulheres, os temas versavam sobre

Formação Familiar - Avicultura - Horticultura - Fruticultura - Economia Doméstica - Saúde e Higiene.

Os debates buscavam trazer a teoria para o manejo de práticas mais eficazes, oportunas e excelentes.

Ao final do encontro, eram encaminhadas as propostas para as autoridades, permanecendo uma comissão responsável para dar eficácia a todas as recomendações.

Esta iniciativa de Dom Cláudio, juntamente com o movimento da Frente Agrária Gaúcha, reunia, animava e aperfeiçoava constantemente a vida e as atividades campesinas; ao mesmo tempo que pressionava o Governo Central a desenvolver políticas condizentes com as necessidades da agricultura e o bem estar do homem do campo. Esta ação se estendeu intensivamente durante 5 anos.

4.4.2 - A Educação Formal

Para desenvolver o homem Dom Cláudio, como já era da ética imigrante, movia-se seguramente em duas direções: para o aprimoramento da fé e da consciência. Neste sentido, não era comedido nas iniciativas. Facilitava e promovia a vinda de religiosos e religiosas que quisessem desenvolver experiências educacionais. Aí estava atento a que a disciplina religiosa fosse atendida e que a demonstração dos bons costumes da Igreja fosse exemplar. Em 1970 a diocese tinha 39 escolas de ordem religiosa para um número de 9.723 alunos (Levantamento Estatístico da Diocese).

Animava os prefeitos e apoiava as comissões de implantação de escolas públicas estaduais e municipais. O seu

relacionamento fácil com a Secretaria de Educação do Estado permitia que os projetos fossem agilizados e assim mais facilmente os esforços das comunidades chegavam a bom termo.

Na correspondência epistolar de Dom Cláudio, é seguidamente manifestada a preocupação pela educação e não raras vezes, solicitava mudança de direção das escolas às autoridades competentes quando a conduta cristã estivesse sendo prejudicada.

4.5 - Obras Sociais na Área da Saúde

Com o mesmo espírito e estilo de trabalho que tinha junto às outras obras, ocupava-se também da saúde. Ele mesmo dizia: "E um mal só é admissível, se para o mesmo não há solução" (18/08/57). Para, ao menos, minimizar os problemas públicos da área da saúde, empenhava-se de todas as formas sempre dentro de suas possibilidades pois afirmava: "Não desejo, de maneira nenhuma, interferir naquilo que não é de minha alçada ou que ultrapasse a minha capacidade (12/11/57)".

Dom Cláudio até assumiu diretamente a administração do Hospital de Erebango¹ mas o seu costume regular era de

¹Escreve Dom Cláudio numa das cartas ao amigo Dr. Pio Canessa doador do Hospital à Mitra:

"Em Erebango agora tudo vai bem. Responzabilizei de lá pelo hospital e tudo tomou novos rumos. Já temos médico. As irmãs estão trabalhando bem. Fizeram um puxado novo para elas, partindo de perto da cozinha em direção à sala de operações. Internamente o hospital já foi quase todo pintado. O material cirúrgico, que em grande parte estava

prestar apoio no encaminhamento dos projetos regionais. Vigiava de perto os serviço²s das irmãs religiosas, tanto para que estas estivessem bem como, de fato, tivessem condições de prestar um relevante serviço. Entendia que os serviços de enfermagem deveriam ter qualidade e isto fez com que criasse, no Hospital São Vicente, uma Escola de Auxiliar de Enfermagem.



Figura 19 Inauguração do Bloco Cirúrgico do Hospital São Vicente de Paulo, em 9 de dezembro de 1967, por Dom Cláudio Colling.

um pouco enferrujado e com a niquelação desaparecida, mandamos niquelar novamente, tudo nos custando bastante. O local da farmácia o fizemos no quarto do Capelão e o médico, quando esteve pela última vez por lá, fazia um levantamento do que precisava” (6/9/55).

Isto é visto adiante ao se tratar do Hospital São Vicente de Paulo. Aqui apenas é pretendido testemunhar o quanto o próprio Dom Cláudio estava envolvido neste projeto.

As providências para esta escola se orientavam nas seguintes direções:

oficialização e reconhecimento da Escola.

organização do corpo docente

criação das condições físicas e materiais e neste sentido numa das correspondências escreve a um dos amigos:

"Se não fosse demais, eu pediria que o senhor conseguisse da irmã Matilde, diretora da Escola de Auxiliare de Enfermagem, no Pronto Socorro, em Porto Alegre, uma relação de tudo que ela acha necessário para a tal sala de aula. Esta Escola possui uma sala de aula maravilhosa com todas as instalações e apetrechos necessários. Gostaria que o senhor visse em que casa foi que ela comprou todo este material. Talvez eu compre esta material em duplicata, sendo um para o uso da Escola e outro para o meu Seminário. Talvez eles façam um abatimento, sendo dois os conjuntos..." (2/8/58).

Mas de todas as ações na área da saúde a que mereceu mais atenção foi a do Hospital São Vicente de Paulo, assim descrita por Paulo Rigon coordenador do serviço de Imprensa daquela Entidade:

"Sempre lutei para melhorar a assistência médica" - essa afirmação do próprio Dom Cláudio Colling justifica claramente sua atuação frente ao Hospital São Vicente de Paulo. Desde sua fundação em 1918, o HSVP teve por característica as estreitas ligações com a Igreja Católica e seus dirigentes. Fundado por confrades da Sociedade São Vicente de Paulo, pelos zeladores do Apostolado da Oração e por Padre Rafael Iop, a

criação do Hospital São Vicente recebeu as bênçãos e apoio de Dom Antonio Reis, então bispo de Santa Maria, diocese da qual a cidade de Passo Fundo pertencia.

Dom Cláudio e o Hospital São Vicente de Paulo

Durante os 30 anos em que Dom Cláudio Colling permaneceu à frente da Diocese de Passo Fundo, o Hospital São Vicente de Paulo teve o privilégio de contar com sua colaboração sempre voltada a proporcionar condições ao seu desenvolvimento.

Na década de 50, o hospital passava por séria crise administrativa-financeira e Dom Cláudio imbuído pelo seu espírito empreendedor, intercedeu no sentido de que fosse eleita uma nova diretoria. Estabelecida, passou a administrar o São Vicente, liderada pelos Confrades, senhores Felice Sana e Plínio Grazziotin, linha diretiva que perdura até os dias de hoje.

Em suas visitas pastorais pelo interior da Diocese, Dom Cláudio verificou que os hospitais da região eram dirigidos por irmãs, de uma ou de outra maneira vinculadas à Mitra Diocesana, que prestavam assistência sem possuir os devidos conhecimentos técnico-científicos e não possuíam nenhum diploma legal que as amparassem.

No intuito de proporcionar-lhes completa formação, conferindo-lhes diploma legal, elevando assim o nível da enfermagem em nossos hospitais e conseqüentemente melhorando a qualidade da assistência ao paciente, começou a preocupar-se com a solução de tão grande problema.

Fruto de seu esforço e determinação, foi fundada, em 24 de junho de 1958, a Escola de Auxiliares de Enfermagem São Vicente que, desde então, passou a formar mão-de-obra especializada para o mercado de trabalho da área da saúde.

Crescimento

Por iniciativa do Sr. Sabino Arias, então Diretor Médico do Hospital e tendo em vista o aumento constante de cirurgias, iniciou-se em 17 de dezembro de 1964 a construção do Centro Cirúrgico. Graças à colaboração valiosa de Dom Cláudio Colling, que conseguiu da MISEREOR, entidade de Católicos Alemães, uma relevante doação para esta construção.

Foi parcialmente inaugurado em 09 de dezembro de 1967, por S. Excia. Revma. D. Cláudio Colling, com a presença de autoridades civis, militares e eclesiásticas, do corpo médico e de convidados especiais. A parte inaugurada compreende 4 salas de cirurgia, sendo uma com anfiteatro para as alunas da Escola de Auxiliares de Enfermagem, sala de preparação, vestiários de médicos e de enfermeiras, sala de esterilização, sala de endoscopia, almoxarifado, sala dos médicos.

D. Cláudio Colling, num belo discurso, ressaltou o elevado sentido daquele ato, aludindo à contribuição prestada pelos alemães, que têm por finalidade combater a fome e a enfermidade em todas as partes do mundo. Disse também que o dinheiro empregado na construção do Bloco Cirúrgico era dinheiro de gente para nós totalmente desconhecida, identificada apenas no gesto caridoso e cristão de dar de si em favor de outros. Citou o caso de uma comerciária, alemã,

contribuinte, que, ganhando o pequeno vencimento com o qual se sustentava e à sua mãe viúva, resolvera aproveitar as horas de descanso lavando cadáveres num hospital e o dinheiro ganho neste impressionante trabalho a comerciária enviava como contribuição à "MISEREOR".

Faculdade de Medicina

Dom Cláudio Colling teve atuação decisiva para instalação da Faculdade de Medicina da Universidade de Passo Fundo, no Hospital São Vicente de Paulo, fato significativo para o crescimento das duas instituições. Porém, na época, havia debates em torno do assunto e a intervenção de, Dom Cláudio no sentido de fazer do HSVP o Hospital- Escola foi providencial.

Por outro lado, mesmo quando passou a residir em Porto Alegre, Dom Cláudio permaneceu ligado ao São Vicente, elegendo-o juntamente com seus médicos, responsável pela sua saúde.

Por fim, já aposentado e na qualidade de Arcebispo Emérito de Porto Alegre, por sua opção e afetividade ao Hospital São Vicente, escolheu-o como moradia, o que efetivou em 25 de agosto de 1992.

Devido ao extremo interesse com que acompanhou todas as atividades do HSVP, foi reconhecido e homenageado em vida pela instituição como "Benemérito do Hospital", durante as comemorações do septuagésimo aniversário de fundação do São Vicente. Causou profundo pesar na coletividade hospitalar o falecimento de Dom Cláudio, em 03 de setembro do mesmo ano.

4.6- Obras para o Desenvolvimento e Bem-Estar Geral da Cidade e da Região

4.6.1 - Os Terrenos Foreiros

A escritura pública N° 3.825, do 2° Tabelionato da Comarca de Passo Fundo, reza em uma das folhas 76 e 77 "vinha por este ato fazer cessão e transferência ao Município de Passo Fundo, de todos os direitos que cabem à Mitra Diocesana de Passo Fundo e à Capela, hoje Catedral de Nossa Senhora Aparecida sobre todos os terrenos foreiros ou de alvará, por efeito da doação feita pelo capitão Manoel José das Neves e sua mulher dona Reginalda das Neves, e a que se refere a escritura de notificação assinalada a 11 de novembro de 1884, por dona Maria da Rocha Prestes". A seguir, o referido documento aponta para valores que o Município deverá repassar para as obras de conclusão da Catedral. Assinam, pelo Município, o prefeito Daniel Dipp e, pela Mitra Diocesana, Dom Cláudio Colling. Data: 6/12/54.

Assim estava sendo superado um grave impasse entre a Mitra Diocesana de Santa Maria e mais recentemente de Passo Fundo e o município. Em tudo se punha um ânimo desagradável, parecendo injusta à Mitra a ação do Município de ter-se apropriado de todos os terrenos onde estava assentada a cidade sem a renúncia "certa e valiosa" da outorga dada à Padroeira da Paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida por parte de Maria da Rocha Prestes, filha de Capitão Manuel das Neves e Reginalda das Neves. O litígio perdurava por 100 anos e mesmo a Justiça do Estado do Rio Grande do Sul reconhecia o direito

certo da Mitra sobre os terrenos foreiros. O Município vendia o alvará e por certo como é dito nos documentos, lucrava indevidamente com a venda do que não lhe pertencia. O Município louvava-se na Provisão de 19 de maio de 1729, quando determina que nos distritos das sesmarias os sesmeiros seriam obrigados a abrir mão da extensão de terreno preciso à ereção de alguma vila ou logradouro, como se verificava em Passo Fundo.

A causa se arrastava dividindo opiniões e causando mal-estar aos compradores que não podiam ter escritura definitiva e às partes envolvidas. A vinda de Dom Cláudio foi providencial e conseguiu-se o que, por um século, se procurava: acertar um acordo. Por certo foi irrisório o valor recebido e por representar 1 % (um por cento) do valor venal de toda a extensão do terreno que era "mais de meia légua de campo no centro da qual estende-se hoje a Vila" (Conselheiro José Júlio de Albuquerque Barros em 1884). Mas não interessava tanto o lucro como a paz para todos. Este mesmo gesto de grandeza comunitária poderia mais uma vez ser percebido em 1967 quando é entregue à Universidade de Passo Fundo todo o patrimônio do Consórcio Universitário Católico.

4.6.2- Outras Iniciativas

Muito elucidativa é a correspondência enviada a D. Cláudio pelo Vereador Henrique Berticelli de Aratiba. Expressa a carta muito bem o sentimento da maioria dos municípios da região. Afirma o vereador, na oportunidade, que comunica ser Dom Cláudio "Cidadão de Aratiba"- "Sua Excelência tem

contribuído não só para afirmar o espírito religioso em ambiente de tranqüilidade, trabalho e progresso, como também para incentivar e promover empreendimentos de ordem material destinados ao enriquecimento do patrimônio comum dos quais se destacam o Edifício Paroquial, a fundação do Ginásio dos Santos Anjos, a semana ruralista em 1959, e outros". Aponta ainda Berticelli para o apoio direto de Dom Cláudio na superação da calamidade advinda de uma devastadora tempestade. De todas as cidades, por certo, poderia ser enviada a mesma correspondência, mudando-se apenas a natureza da obra social.

A construção das dependências do aeroporto, o Círculo Operário, a melhoria de escolas tiveram apoio efetivo de Dom Cláudio. A sustentação dos seminaristas através das granjas pode ser entendida como uma relevante obra de solidariedade educacional o que, ao contrário, era visto por alguns desavisados ou de má fé, como obra de interesse particular.

Dom Cláudio apreciava o que era verdadeiramente bom, mas jamais foi movido por qualquer riqueza particular. Isto pode ser visto de forma explícita em vários momentos de suas correspondências, inclusive em seu testamento.

4.7 - As Obras Sociais de Interesse Religioso

4.7.1 - Os Seminários

De todas as obras a que foi levada com melhor ânimo e determinação foi a dos seminários. E nesta obra havia duas determinações que podem ser apreendidas de informações

particulares; mas é nas suas inúmeras cartas que aparece translúcido o que segue: os seminários deveriam constituir-se em espaços ótimos para se desenvolver as atividades de ordem intelectual social e religiosa. Para tanto, não havia por que poupar-se para se ter os melhores recursos físicos e materiais. De outra parte, os recursos humanos eram outro pólo de preocupação. Tinha Dom Cláudio nítida a percepção de que toda sua diocese iria bem se seus seminaristas fossem bem formados. Foi assim que logo que chegou voltou-se com todo o seu volume de decisão e determinação para a construção de seminários. Assim foi com o Seminário de Tapera e com o Seminário de Erexim e mais tarde com o Seminário de Passo Fundo. Esteve presente no erguimento e qualidade do Seminário de Viamão. Não descurou de como andava a formação dos seminaristas do Seminário Pio Brasileiro em Roma. Era em tudo atento quando havia algo dissonante em relação com o que melhor se podia fazer em questão de formação seminarística. A pedagogia na formação dos sacerdotes e dele próprio devia andar em torno da perfeição. E quando assim não fosse era até duro e impaciente.

Quando assumiu temporariamente a Diocese de Vacaria, não deixou de ir diretamente ao assunto do Seminário. Não mediu esforços para que fosse levada adiante aquela obra.

Mas o que impressionava a qualquer um era a forma com que levava em frente a construção do Seminário Nossa Senhora de Fátima de Erexim. Moveu todos os políticos gaúchos e particularmente Daniel Dipp, deputado federal pela região. Isto pode ser percebido numa das muitíssimas cartas escritas: "que não esqueça de consignar um auxílio à Mitra Diocesana de Passo Fundo para a construção...

Confio em que o amigo não me fuja, desta vez, à promessa de nos auxiliar, visto se tratar duma obra de suma importância, em que está interessada toda a região serrana. E as obras do Seminário devem prosseguir, embora já tenhamos uma dívida superior a 3 milhões. Talvez em outubro possamos inaugurar a segunda ala do Seminário..." (26/06/56).

Desta forma e de outras mais amenas, em encontros formais e informais, buscava convencer os amigos a que o auxiliassem nos tantos empreendimentos sociais e religiosos.

Mas em todas as obras poderia fracassar, o que por sua inteligência, habilidade e decisão era muito difícil, só não podiam estar prejudicadas as iniciativas referentes à formação e à vida daqueles que eram os agentes mais importantes da ação católica.

Em tudo, porém, movia-o Aquele que devia crescer na figura de seus diocesanos e concluía com suas palavras:

"Certo de ser atendido no meu pedido, que visa ao bem de meus diocesanos, sou: o amigo e servo em Cristo."

4.7.2 – Outras Iniciativas para atendimento Religioso

É muito difícil selecionar todos os esforços concretos na busca de um excelente serviço religioso. Faltando-lhe os sacerdotes, as comunidades solicitando, não descansava enquanto não preenchesse o espaço que clamava por atenção. Dirigia-se às congregações oferecendo paróquias; pedia aos bispos da Europa que o socorressem; ia até o Consistório Romano a ver se não achasse alguém de espírito missionário. Difícilmente era ouvido e quando ouvido não lhe mandavam os melhores. E quando as congregações buscavam retirar-lhe da

diocese os melhores? Como reagia podia-se perceber numa das cartas, 5/9/1955, a um dos provinciais:

"Devo informar em primeiro lugar, a V. Revma. de que estou satisfeitiíssimo com o trabalho dos padres, que são sacerdotes exemplares, cheios de zelo pelas almas e que trabalham a pleno contentamento meu e do povo fiel que lhe está confiado. A retirada causaria um imenso pesar para mim, sobretudo não sabendo como substituí-los..." Assim seguia adiante pedindo, ao menos que adiassem por dois anos a decisão se isso fosse "pro bono pacis" dentro da ordem e se despedia:

"Eis em palavras singelas e sinceras o que sinto e penso sobre todo o problema.

Disponha V. Revma. deste servo em Cristo".

4.7.3 - Outras Obras de Caráter Religioso

- Centro Cultural Católico

Em 1963 Dom Cláudio começou a desenvolver a idéia de que fosse erguido um espaço para estudos e difusão pastoral. Para tanto não mediu esforços em solicitar apoio para que se fomentasse a pastoral e particularmente a catequese. Construiu o edifício para que houvesse um centro irradiador de idéias cristãs, seja por rádio, livros, planejamento de ações e estudos. Dentro desta mesma idéia de difusão tornou exequível a idéia que vinha desenvolvendo desde 1960: uma rádio. Em fevereiro daquele ano até enviara correspondência a Dom José Tavora, Arcebispo de Aracaju, para que lho socorresse no intento: "Será que o amigo, numa ação apostólica e de bom colega, não poderia

jogar seu prestígio e conseguir uma emissora para a minha Diocese?" Assim agia buscando companheiros para que em tudo houvesse rapidez e solução. E estas duas obras hoje estão concretizadas e servem como espaços para o Instituto de Teologia e Pastoral. E a rádio Planalto é um meio eficaz para indicar caminhos na construção de cristãos e de cidadãos.

5 - Conclusão

Lidas todas as correspondências de 1951 a 1981 e vendo a trajetória de um pastor e de um cidadão, fica-se a admirar, trazendo para perto, o exemplo. Mais que tudo foi sempre leal e jamais negou apoio a quem o procurasse tendo uma necessidade. A sua posição política sempre foi de prestigiar quem o apoiasse em suas iniciativas, que jamais foram particulares. Não tinha em grande estima as tiradas e longas teorias mas, sim, a crença em ações provindas de idéias humanizadoras. Não comungava com o socialismo materialista mas punha em tudo forma à doutrina social da Igreja. Convivia com o poder mas sempre utilizava este expediente para benefício da democratização dos bens. Conviveu alegremente não se afastando da austeridade. Temia as ideologias que não fossem aceitas pela Igreja. Quando esta avançava, avançava Dom Cláudio. Assim ocorreu na abertura litúrgica, nos costumes dos padres, na solidariedade com outras religiões, na convivência com os leigos. Rompia com o passado, quando estava muito bem convencido de que a mudança era ótima e suas conseqüências convenientes para o bem da Igreja e dos homens. Dores muitas o levavam até o paroxismo quando a tibieza de uma filosofia existencial e sem destino corrompia seus

seminaristas. Nem um instante se aquietava e quase um furor o dominava quando defendia seus sacerdotes. Mercê disso valeu-lhe uma curiosa chamada de Dom Vicente: um dos sacerdotes fora preso numa das arbitrárias situações de 64. Imediatamente foi ao Ministério do Exército acusar o chefe de tropas de emocional e radical. Dom Vicente foi alertado e voltou-se para Dom Cláudio pedindo moderação e domínio. Respondeu Dom Cláudio que agora que estava sob controle, vendo tudo mais claramente, afirmava sem dúvida que o chefe era de fato um louco. Mais que tudo foi um Pastor cuidadoso e um cidadão participante e jamais em lugar algum foi omissos; as suas obras estão aí para o bem comum e o índio, o miserável caboclo da periferia, o menor dos agricultores poderão apontar para Dom Cláudio e dizer que fez tudo que podia. A fé e a caridade foram-lhe as virtudes necessárias em todas as circunstâncias.

Ao final dos seus dias, findava agosto de 1992, sentiu-se fraco e sem apoio, voltando e sendo recebido em Passo Fundo. Antes de viajar da Capital para o Hospital São Vicente sentou-se sobre uma cadeira dizendo humildemente que o fio de seu carretel estava no fim. Sobre os joelhos pôs um pequeno baú carregado de lembranças. No hospital afirmava dias antes de falecer: "Não quero ser um inquilino inútil" e já avaliava a melhor forma de ter uma meritória presença. Assim foi embora, querendo servir. Era 3 de setembro, chegando a primavera.

A Ação de Dom Cláudio no Ensino Superior em Passo Fundo

Elydo Alcides Guareschi

Reitor da Universidade de Passo Fundo

A Universidade de Passo Fundo é uma casa que guarda coisas e fatos importantes.

Na história da UPF há episódios que são conhecidos pelas pessoas que protagonizaram os fatos. Há também episódios inéditos. De todo modo, vale a pena tornar conhecidas idéias e atitudes que ainda são importantes, particularmente para aqueles que se dedicam à reflexão sobre a identidade e o futuro da Universidade de Passo Fundo.

Nas comemorações dos 25 anos, em 1993, queremos lembrar a atuação de uma pessoa que deixou marcas decisivas nesta casa e que, no início da sua construção, revelou uma extraordinária capacidade de aglutinar as iniciativas comunitárias em torno de projetos audaciosos.

Neste histórico queremos focalizar a atuação de Dom Cláudio Colling no campo do ensino superior em Passo Fundo.

Nomeado Bispo da jovem Diocese de Passo Fundo, Dom Cláudio volta sua ação pastoral para os problemas sociais. Na época, ficaram famosas as "semanas ruralistas" destinadas a orientar os agricultores na fase de transição que experimentava a economia regional.

Logo, porém, sua atenção foi despertada por uma nova realidade social. Na região começavam a expandir-se as escolas, principalmente os ginásios. Nesta expansão, havia que enfrentar

um problema: como preparar os professores, considerando que as universidades estavam localizadas na capital do estado?

Dom Cláudio entendeu que a saída estava na criação de uma faculdade de formação de professores no interior do estado. Na concretização desta idéia revelou lucidez e persistência.

Vamos focalizar a atuação de Dom Cláudio em dois momentos: no surgimento da Faculdade de Filosofia e, depois, na estratégia de integração das entidades locais para a criação da Universidade de Passo Fundo.

O Tempo do Sonho

Nesta primeira parte, interessa-nos contar a origem da Faculdade de Filosofia de Passo Fundo e sua evolução ao longo de 12 anos, de 1956 a 1968.

Por que foi criada a Faculdade de Filosofia?

A resposta a esta pergunta vamos encontrá-la na sensibilidade pastoral de Dom Cláudio e na sua convicção de que a Igreja devia enfrentar o desafio da formação em nível superior dos professores para as escolas da região. Face à distância das universidades, localizadas na Capital do Estado e à ausência dos poderes públicos na educação superior, a solução adequada era a criação, através do esforço comunitário, de uma faculdade de formação de professores.

A idéia encontrou a receptividade das instituições locais mantedoras de escolas e de casas de formação de religiosos.

Os passos iniciais para a concretização da idéia mostram o dinamismo de Dom Cláudio e sua competência de articulação

política nos vários níveis de decisão. Era uma pessoa impetuosa diante dos desafios.

Em 20 de junho de 1956, no Colégio Notre Dame, reúne os representantes legais das entidades católicas tradicionalmente ligadas à educação: além da Diocese de Passo Fundo, a Congregação de Nossa Senhora, a Sociedade Meridional de Educação, a Associação Educacional e Caritativa e a Sociedade Brasileira dos Missionários da Sagrada Família.

Nesta reunião Dom Cláudio expõe os motivos para a criação de um Consórcio de entidades destinado a organizar e manter estabelecimentos de ensino superior, "como isolados ou constituídos em Universidade" (o sonho da Universidade estava presente).

A proposta é aceita pelos presentes, que decidem organizar de imediato uma nova entidade educacional: o "Consórcio Universitário Católico". Os Estatutos encontram-se publicados no Diário Oficial do Estado, de 21 de junho de 1956.

Dom Cláudio tem pressa. Alguns dias depois reúne o Consórcio para discutir a criação da Faculdade de Filosofia. O parecer é unanimemente "favorável" à necessidade e à urgência de criar na Capital do Planalto uma "Faculdade de Filosofia", com os cursos de Filosofia, Pedagogia, História, Geografia e Letras Anglo-Germânicas.

Dom Cláudio pede o apoio da PUC de Porto Alegre e traz a Passo Fundo o Irmão Faustino João para assessorar a organização do projeto. Uma Comissão, integrada pelo Cônego José Gomes, pelo Irmão Gelásio Maria e pelo Padre João Patalon, é encarregada de selecionar os professores e organizar a documentação para o pedido de autorização de funcionamento dos cursos. Também foi definido que a sede provisória da

Faculdade seria o Colégio Nossa Senhora da Conceição, dos Irmãos Maristas, que tinha espaços ociosos no turno da tarde.

Em 26 de outubro, chega a Passo Fundo o representante do Ministério da Educação, Dr. Franklin Olivé Leite, para fazer a verificação "in loco" das condições de funcionamento da Faculdade. Entretanto, Dom Cláudio usa sua habilidade política e num encontro com o Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, obtém dele uma "recomendação" no dossiê a ser encaminhado à Diretoria do Ensino Superior do MEC.

Na verificação das condições locais, o Dr. Franklin Olivé Leite se mostrou bem impressionado em tudo. A documentação foi levada em mão pelo Deputado Federal Daniel Dipp ao Diretor do Ensino Superior, Dr. Jurandir Lodi.

As pessoas que lidam com órgãos oficiais sabem das dificuldades a serem vencidas na tramitação de projetos de criação de cursos superiores. São freqüentes as correspondências que Dom Cláudio dirige aos Deputados Federais da região, Tarso Dutra, Victor Isler, Daniel Faraco, e ao Conselheiro Dom Élder Câmara, do Conselho Nacional de Educação, insistindo numa aprovação rápida do projeto.

A "oficialização" foi alcançada ainda em 1956. Através do Parecer 466/56, o Conselho Nacional de Educação autorizou o funcionamento da Faculdade de Filosofia de Passo Fundo, com três Cursos Superiores: Filosofia, Pedagogia e Letras Anglo-Germânicas. O Decreto Federal de autorização foi assinado em 4 de dezembro de 1956.

A boa notícia espalhou-se com rapidez. Começaram logo os preparativos para o primeiro Concurso Vestibular, em janeiro de 1957. Foram aprovados 62 candidatos, sendo 12 para o curso

de Filosofia, 38 para o curso de Pedagogia e 12 para o curso de Letras Anglo-Germânicas.

Em 7 de março de 1957 acontece a instalação solene dos cursos, em cerimônia presidida pelo primeiro Diretor, Cônego José Gomes. A aula inaugural é proferida pelo professor e filósofo Ernani Maria Fiori, com o título: "O Ser e o Absoluto".

Foi assim o surgimento da Faculdade de Filosofia.

As atas do Consórcio mostram que Dom Cláudio continua acompanhando a implantação dos cursos. Há um relacionamento respeitoso entre a Faculdade e a entidade mantenedora em relação à autonomia acadêmica e administrativa. Desde o início, foi aceita a indicação do Diretor e do Vice-Diretor mediante lista tríplice da Congregação dos professores. A orientação pedagógica é do Conselho Administrativo. Segue-se a filosofia tomista. Discutem-se as posições dos filósofos humanistas, como Bergson, Jaspers, Maritain, Mounier e Alceu Amoroso Lima, entre outros.

O Centro Acadêmico Santo Agostinho é atuante na vida social e cultural dos alunos.

Preocupação permanente de Dom Cláudio é a sustentação financeira. As despesas iniciais da organização da Faculdade foram assumidas conjuntamente pelas entidades do Consórcio. Numa reunião do Consórcio, em 1958, Dom Cláudio comunica ter assinado um Convênio com a Secretaria da Educação do Estado no valor de 300.000,00 cruzeiros para bolsas de estudo aos acadêmicos.

Após a instalação da Faculdade, Dom Cláudio começa a gestionar a obtenção de recursos para a construção do prédio próprio da Faculdade. Obtém do Prefeito Municipal, Wolmar Salton, um auxílio de 500.000,00 cruzeiros, que são

utilizados na organização de uma área de 25m de frente por 106m de fundo, do antigo Ginásio Conceição, no qual vinha funcionando o Grupo Escolar Fagundes dos Reis, na Rua Teixeira Soares.

Uma ata do Consórcio registra a comunicação de Dom Cláudio, de ter taxado as paróquias da Diocese em 800.000,00 cruzeiros para as despesas iniciais da construção.

Outros recursos importantes são obtidas do Orçamento do MEC, graças à ação de deputados federais.

Em 1961 são iniciadas as obras do prédio. Os dois primeiros blocos são inaugurados em 1965. Para dar continuidade às obras é lançado o "Plano do Mútuo".

De outra parte, o Consórcio propõe a criação de novas faculdades: Enfermagem e Serviço Social. A ata de 16 de agosto de 1961 registra a decisão de Dom Cláudio, de ofereceras dependências do Hospital São Vicente de Paulo para a criação da Faculdade de Medicina, proposta pela Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo.

Os contatos com a Sociedade Pró-Universidade, que instalou em 1956 a Faculdade de Direito, começam a ocupar a atenção dos membros do Consórcio. Na reunião de 13 de abril de 1960, discute-se a criação da Universidade de Passo Fundo, uma aspiração regional, presente nos sonhos dos fundadores do ensino superior em Passo Fundo.

Percebe-se, da leitura das atas, que existe uma preocupação ideológica. A Faculdade de Filosofia nasceu com orientação católica. Tanto na escolha dos professores, como na formação dos alunos, o conteúdo ético e religioso devia ser preservado. Os intelectuais e os professores universitários

católicos, na visão da Igreja da época, deviam orientar-se pelos princípios do pensamento católico.

Esta visão explica um certo distanciamento inicial entre a Faculdade de Filosofia e as outras faculdades locais. Segundo a opinião de algumas pessoas, se a Igreja Católica possuía a sua faculdade os não-católicos deveriam estar do outro lado. Este distanciamento foi sendo superado aos poucos, graças à convivência dos professores e alunos e, particularmente, à ação comunitária na organização do projeto da Universidade.

Dentro do grupo católico, verifica-se uma mudança de mentalidade a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). Também a visão da Universidade se torna ecumênica.

O Tempo da Integração

O movimento "Pró-Universidade" se insere no fenômeno mais amplo da interiorização do ensino superior.

Neste histórico interessa mais o papel exercido por Dom Cláudio, como um dos líderes do movimento. Na verdade, a idéia ou o sonho da Universidade estava subjacente nas discussões dos pioneiros do ensino superior. Desde o início, a Universidade era a meta a ser alcançada.

A leitura das atas do Consórcio revela que o entendimento entre as duas entidades, a Sociedade Pró-Universidade e o Consórcio Universitário Católico, passou a ganhar novo impulso no início dos anos sessenta.

Já havia, nessa época, uma aceitação regional dos cursos oferecidos no centro universitário de Passo Fundo. Foram amadurecendo as condições básicas para a criação da

Universidade. Crescia o número de cursos e de alunos, estes provenientes de muitos municípios.

Uma comissão é autorizada pelo Consórcio a discutir com os dirigentes da Sociedade Pró-Universidade o Estatuto da futura Universidade.

As dificuldades a serem enfrentadas eram sobretudo políticas. Na Sociedade Pró-Universidade, havia surgido uma crise de poder político de sérias conseqüências, provocando suspeitas das autoridades federais e tumultuando o processo de negociação.

No âmbito do Consórcio a discussão é sobretudo ideológica: a Universidade iria assegurar os princípios cristãos que inspiraram a criação do Consórcio Universitário Católico?

Dom Cláudio procura assegurar-se com outros bispos envolvidos com o ensino superiore com juristas, como o Dr. Ruy Cirne Lima, amigo e conselheiro de todas as horas. Na carta de 17 de fevereiro de 1959, o Dr. Ruy Cirne Lima destaca a inconveniência de uma incorporação da Faculdade de Filosofia e deixa claro que a criação da Universidade excluiria a autonomia das Faculdades que nela se integrassem.

Na Sociedade Pró-Universidade, os dirigentes se incompatibilizam cada vez mais com professores e estudantes das Faculdades.

Neste contexto político, a negociação vai se desenvolvendo devagar, com avanços e recuos. Perde-se tempo precioso. No estado, outros municípios avançam rapidamente para a conquista da Universidade.

Do ponto de vista pragmático, a saída para a criação da Universidade era a fusão ou a integração dos recursos das duas entidades existentes. Segundo a legislação do ensino superior,

para a criação da Universidade era necessária a Faculdade de Filosofia. Mas, por si só, nenhuma das entidades locais reunia as condições legais necessárias para transformar-se em Universidade.

Assim, em dezembro de 1962, o Presidente da Sociedade Pró-Universidade, Dr. Cezar Santos, e o Presidente do Consórcio Universitário Católico, Dom Cláudio Colling, com a aceitação dos professores, assinam um acordo, comunicando ao Ministério da Educação a decisão de criar a Universidade de Passo Fundo.

Mas, o acordo não evoluiu, por causa da crise política na S Pró-Universidade, que sofre uma intervenção federal. Este ato da intervenção foi traumático.

Em meio à crise local, o trabalho de Dom Cláudio exige muita diplomacia. Após a intervenção federal na Sociedade Pró-Universidade, Dom Cláudio rejeita a proposta do Governador do Estado, de entregar ao Consórcio a condução do ensino superior em Passo Fundo. Interessa a Dom Cláudio evitar qualquer desconfiança com relação aos propósitos do Consórcio. Nesta altura dos acontecimentos, a posição do Consórcio está registrada em ata e defende "um denominador comum dos interesses de ambas as sociedades".

Para chegar a esta solução pragmática, houve uma profunda mudança de pensamento dos membros do Consórcio. Vale a pena acompanhar esta discussão sobre a missão da Igreja na Universidade, que vai de uma posição "conservadora" a uma visão "ecumênica".

O Concílio Vaticano II, iniciado em 1962, faz uma renovação na Igreja e reforça o compromisso social dos cristãos. Uma das questões em debate era o papel da Igreja na educação e na Universidade: qual a forma de presença da Igreja?

A forma tradicional de presença eram as Universidades Católicas ou confessionais.

No entanto, as aberturas do Concílio Vaticano II levantaram a questão da possibilidade de outras formas de presença da Igreja na Universidade. Nesta discussão foi decisivo, para a tomada de posição do Consórcio, o parecer de dois educadores católicos. Um da Profª Suzana Gonçalves, técnica educacional e professora da PUC do Rio de Janeiro; outro, do escritor e Conselheiro Alceu de Amoroso Lima. Com as luzes desses consultores, acabou se firmando a tese de que a Igreja podia buscar outras formas de presença na Universidade, além da forma tradicional. Isto é, mais importante do que ter o nome católico era a presença no meio universitário dos valores humanos e cristãos. Não havia uma explicitação muito clara do sentido desta presença da Igreja, mas a percepção dos membros do Consórcio vai evoluindo para a validade de se fazer uma experiência ecumênica da universidade. Ou comunitária.

Numa entrevista aos jornais locais, Dom Cláudio fazia este esclarecimento: "A Faculdade de Filosofia conta com a cooperação de 53 professores, dos quais apenas 9 são padres ou religiosos e alguns de religião não católica. Todos esses professores têm a nossa confiança e a nossa gratidão pela colaboração que prestam à educação da juventude e no preparo dos professores para os nossos colégios" E ressalta a orientação do Consórcio: "Certamente, na criação da Universidade queremos que sejam resguardados a situação e a orientação dos atuais professores da Faculdade de Filosofia, e resguardados também os valores humanos e espirituais que orientaram a criação do Consórcio e da Faculdade: .

E com a autoridade de sua experiência fazia um alerta a toda a comunidade, que sofria com as atribuições envolvendo a Sociedade Pró-Universidade:

"Desejamos que se mantenha afastada do ensino superior toda e qualquer interferência de política partidária ou de interesse de grupos e se condene qualquer tratamento desigual por motivo de convicção religiosa ou filosófica, bem como qualquer preconceito de raça ou de classe".

A partir de 1965, começa a ser superada a crise da Sociedade Pró-Universidade. O surgimento nela de novas lideranças facilita o diálogo entre as entidades.

Passa a ter um papel preponderante na negociação o Prof. Murilo Coutinho Annes, um dos fundadores da Sociedade Pró-Universidade. Ele e Dom Cláudio, convencidos da viabilidade das condições para a criação da Universidade, vão derrubando as resistências e os melindres, aproximando os pontos divergentes em direção ao objetivo comum.

É tempo de muitas reuniões nas Congregações das Faculdades.

Os jornais de Passo Fundo, DIÁRIO DA MANHÃ e O NACIONAL, participam ativamente, discutindo as propostas e ajudando a eliminar preconceitos.

Questão delicada era o poder político na futura Universidade. Em face de receios na comunidade, Dom Cláudio, ouvidos os membros do Consórcio, resolve esclarecer definitivamente a questão, numa entrevista ao Jornal O NACIONAL.

"Queremos deixar claro, desfazendo qualquer receio por aí propalado, que não nos move nenhuma intenção de querer monopolizar o ensino superior. As mais altas autoridades de

Passo Fundo são testemunhas de nossa firme recusa a oferecimento que, neste sentido, foi feito pelo Dr. lido Meneghetti, então Governador do Estado".

E, na mesma entrevista, anuncia uma proposta do Consórcio Universitário Católico decisiva para o êxito do projeto da Universidade:

"Na reunião ontem realizada os membros do Consórcio decidiram que, no caso de criação da projetada Fundação, irão transferir para a mesma Fundação os bens existentes na Faculdade de Filosofia, realmente avaliados, bem como oferecer os recursos humanos, a experiência e o prestígio adquiridos no ensino superior".

Estas declarações de Dom Cláudio sobre a disposição de integrar a nova Fundação mantenedora do ensino superior, tiveram uma repercussão altamente positiva junto aos membros da Sociedade Pró-Universidade e em toda a comunidade. De fato propiciaram os entendimentos definitivos que levaram à integração das duas entidades na nova Fundação Educacional.

Para a elaboração do Estatuto, o Consórcio indicou 10 representantes, que se juntaram a outros 10 representantes da Sociedade Pró-Universidade. Foram indicados, pelo Consórcio, os professores: Pe. João Patalon, Pe. Aloysio Webber, Pe. Alcides Guareschi, Salvador Durante, Aloysio Grings, Athos Rodrigues da Silva, Pascoal Pasa, Leda Buaes, lone Noethen e Luiz Spalding.

Preocupado em desfazer receios ainda existentes, Dom Cláudio comparece à primeira reunião do grupo e reafirma o empenho de colaboração da Diocese de Passo Fundo.

As lideranças universitárias, naquele momento, tiveram a lucidez e a vontade política de encontrar uma solução realista para o desenvolvimento do ensino superior em Passo Fundo. Foi

acolhida a sugestão do então Ministro da Educação, Deputado Tarso Dutra, que, numa reunião com Dom Cláudio e Dr. Murilo Annes, apontou o caminho recomendado pelo "Grupo da Reforma Universitária": a instituição de uma Fundação Educacional. Adiantou o Ministro que as entidades que se organizassem sob a forma de fundações receberiam tratamento especial do Governo na distribuição de recursos financeiros.

Seguindo esta orientação, o "grupo dos 20 professores", elaborou o Estatuto da Fundação Universidade de Passo Fundo, que foi oficialmente instituída em 1967. A Fundação recebeu o patrimônio e os recursos humanos das duas entidades instituidoras, que desapareceram.

Aprovada a Fundação, estavam constituídas as condições básicas para a criação da Universidade.

O ato oficial de reconhecimento da Universidade de Passo Fundo se realizou no Palácio Piratini, em Porto Alegre, no dia 02 de abril de 1968, com a presença do Presidente da República, Mal. Arthur da Costa e Silva, do Ministro da Educação, Dep. Tarso Dutra, do Governador do Estado, de prefeitos dos municípios da região, de representantes da Universidade e da comunidade regional.

Afinal, estava conquistado o grande objetivo.

Reconhecendo a contribuição decisiva de Dom Cláudio, a comunidade deu-lhe a incumbência de ser o porta-voz de Passo Fundo e da região naquele ato oficial. Numa saudação empolgante, Dom Cláudio declara:

"Diz a Encíclica *Populorum Progressio* que o desenvolvimento, para ser autêntico não se reduz a um simples crescimento econômico, mas deve ser integrado, isto é, deve promover todos os homens e o homem todo.

A permanência de V. Exa. Sr. Presidente da República em nosso Estado está pontilhada de inaugurações e obras que visam ao bem de todos os riograndenses.

Talvez, no entanto, nenhum outro ato tenha repercussões maiores e tão históricas do que este da assinatura do Decreto de criação da Universidade de Passo Fundo.

Ele assinala para nós algo de extraordinário: o da maioridade e maturidade cultural da boa gente do Planalto Médio, que assim poderá promover o "homem todo" - pela capacidade intelectual e pelo preparo profissional nos mais diversos setores...".

Assim, no ato de instituição da Fundação Universidade de Passo Fundo, o Consórcio foi extinto. O seu patrimônio foi entregue à Fundação, uma instituição da coletividade, que a gerencia através de um Conselho Diretor.

Os membros do Consórcio expressaram o propósito de manter a integração do grupo católico, não mais no campo do ensino universitário, mas numa nova proposta eclesial: um Instituto de Formação Teológica e Pastoral.

Este Instituto, hoje realidade no ITEPA, é uma demonstração de que a Igreja não se afastou da sua missão cultural.

Dentro de uma colaboração interinstitucional, surgiram projetos de pesquisa integrados por professores e alunos da Universidade e do ITEPA.

Serviços de extensão universitária são organizados em cooperação com paróquias e entidades religiosas.

Padres e religiosos continuaram prestando sua colaboração na docência e na administração da Universidade.

E Dom Cláudio continuou sendo o "Consultor" experiente e atento em muitos momentos da vida da Universidade.

Deve ser lembrada a sua atuação na criação da Faculdade de Medicina, assegurando a colaboração do Hospital São Vicente de Paulo. Com este propósito foi à Alemanha, em busca de recursos para a Faculdade de Medicina e para o Hospital.

Em muitas outras oportunidades, foi ele chamado a apagar arestas e a oferecer as luzes de sua experiência nos destinos da Universidade.

O Tempo da Reflexão

O tempo passou depressa.

A UPF atravessou exitosamente o momento da integração. Houve um crescimento equilibrado e permanente. O saldo é positivo. O sonho não acabou...

Nesta caminhada, há valores históricos que não podem ser esquecidos. Há pessoas que deixaram lições e exemplos a serem preservados.

Agora, ao se retomar a reflexão sobre a história e a identidade de nossa instituição, vale a pena lembrar algumas convicções do Bispo Dom Cláudio e que se encontram expressas na saudação oficial por ocasião da assinatura do Decreto de reconhecimento, no Palácio Piratini. Dom Cláudio ressalta dois pontos:

- Primeiro, a dimensão comunitária da UPF, que surgiu do exercício da cidadania da comunidade regional, ou, na expressão de Dom Cláudio, "da maioria de sua gente". Em Passo Fundo, historicamente, graças a iniciativas culturais de alguns

estanceiros locais e à tradição de valorização da escola pelos descendentes dos colonizadores europeus, a educação e a Universidade foram colocadas como o suporte essencial para o desenvolvimento.

- Segundo, o modelo de desenvolvimento, com o que deve comprometer-se a Universidade, é o "desenvolvimento centrado no homem", isto é, no homem regional, com seus problemas, necessidades e aspirações.

Em síntese, na visão de Dom Cláudio, o modelo comunitário de Universidade e o compromisso com a comunidade regional são duas balizas a sinalizar os caminhos da Universidade de Passo Fundo.

Passo Fundo, 1993.



Figura 20 Ato de reconhecimento da Universidade de Passo Fundo: Palácio Piratini - Porto Alegre (1968). Dom Cláudio em nome da comunidade, faz a saudação ao Senhor Presidente da República, Mal. Arthur da Costa e Silva.

ANEXO

As Relações do Arcebispo D Cláudio Colling com Luxemburgo

Tradução: Pe. Oscar Colling

Nas primeiras décadas do século 19, antes da era industrial, Luxemburgo era considerada terra agrária. Pobreza, carência e necessidades forçaram muitas famílias a emigrar, com o objetivo de procurar a sorte no "novo mundo". Alguns fracassaram e voltaram totalmente sem recursos, depois de curta ausência de sua pátria. Outros conseguiram superar as dificuldades iniciais nas terras estranhas, encontrando lá uma segunda pátria. A estes pertenceu também Gregório Colling, avô do futuro Arcebispo de Porto Alegre, Dom Cláudio Colling. Gregório Colling nasceu a 29 de junho de 1833 em Vianden, na fronteira germano-luxemburguesa, como quinto filho do tecelão Mathias Colling e Marie Madeleine Schloesser. Junto com outras famílias da circunvizinhança migrou Gregório, pela metade do século passado, para Santa Maria da Soledade, no Brasil. Seu neto, o Arcebispo Dom Cláudio Colling, falecido há dois anos, não é um desconhecido em Luxemburgo. Realmente, em 1952 ele fez uma curta visita à terra de seus antepassados. Novamente em 1985, após uma visita "ad limina" em Roma, retornou a Luxemburgo. Tudo isso aconteceu graças à soma de casualidades. Um missionário italiano encontrou, por ocasião de uma permanência em Luxemburgo, o político social-cristão François Colling, que entre outras atividades, também era ativo na missão italiana. Quando num desses encontros François

Colling declinou seu nome, veio a resposta inesperada: "Meu bispo no Brasil também se chama Colling, e quanto eu sei, seus antepassados vieram de Luxemburgo." Isto foi a oportunidade para um convite ao Arcebispo. Outro ensejo foi um convite do então Secretário de Estado, René Steichen, que chegou a conhecer o Prelado numa visita ao Brasil, para a adoção de uma pequena menina. Quando Monsignore Colling veio a Luxemburgo em 1985, os seus anfitriões de Diekirch e Differdingen lhe prepararam uma cordial recepção, com vasto programa. A pedido do Sr. René, o Arcebispo ministrou à pequena Marie-Catherine Steichen o Sacramento do Batismo. Durante sua permanência, o hóspede brasileiro participou de diversas celebrações litúrgicas e religiosas. Celebrou a Santa Missa, também em língua portuguesa, em diversas paróquias, especialmente no sul do país, onde predomina a indústria e um ambiente multi-cultural. Na paróquia industrial de Differdingen-Fousbann, participou da administração da Crisma, oficiada pelo Arcebispo de Luxemburgo, Jean Hengen. Foram ocasiões em que manteve contato permanente com famílias portuguesas, que se destacam como o maior grupo de estrangeiros residentes no país. O arcebispo se encontra também com alguns portadores do mesmo sobrenome, residentes em Luxemburgo, entre eles o político social-cristão François Colling. Informou-se minuciosamente sobre ramificações da família Colling, à qual também pertence o pai de François, o então Ministro Dr. Emile Colling, e seu irmão Mons. Prosper Colling. Visitou igualmente a pequena cidade de Vianden, onde foi ao cemitério local, demorando-se junto à sepultura de um dos antepassados, o falecido Jean Baptiste Colling. Até que ponto, entretanto, pela igualdade do nome, se estabelecem relações de parentesco, não

foi possível averiguar. Não está, porém, excluída a possibilidade que tenham seu ponto de encontro na geração dos tetravôs.

Décadas antes desta visita, um portador do mesmo sobrenome, o decano e pároco de Niederwiltz, Mons. Prosper Colling, estabeleceu relações espirituais e religiosas com Portugal, terra muito chegada ao Arcebispo. A 13 de janeiro de 1945, durante a ofensiva no último inverno da guerra, sob o fogo de bombas e o granizo das granadas, que destruiu grande parte da paróquia, o decano Colling fez um voto, em entendimento com as autoridades civis locais, de construir um oratório de encruzilhada, para ali colocar um quadro do Divino Coração de Jesus, bem como de N. Sra. de Fátima. Este voto foi cumprido sete anos mais tarde, a 13 de julho de 1952, com a solene inauguração do monumento de Fátima.

Hoje, este monumento é o ponto de chegada de uma peregrinação anual dos cidadãos portugueses, residentes em Luxemburgo.

Dr. François Colling
39, Rue General Patton
L-4277 - Esch-Aizette
LUXEMBURGO

Homenagem a Dom Cláudio

Homilia de Dom Urbano, na Catedral de Passo Fundo, por ocasião do Jubileu de Ouro Sacerdotal de Dom Cláudio Colling, a 16.08.1987.

Considero uma grande graça a celebração do seu Jubileu de Ouro Sacerdotal nesta igreja Catedral, sede religiosa da Diocese de Passo Fundo, que V. Excia., quando Bispo-auxiliar de Santa Maria, organizou e depois dirigiu por trinta anos.

Domingo passado celebramos, em Porto Alegre, este Jubileu. Hoje o estamos celebrando aqui, não apenas como um dever, mas, sobretudo, como uma honra para todos nós. É com sentimentos de profunda alegria e gratidão que lhe prestamos nossa homenagem.

Sobram motivos para isso. Tentarei apresentar um sucinto esboço das principais realizações durante os trinta anos de governo da Diocese que agora o homenageia.

Não é fácil organizar uma nova Diocese. Há que se vencer uma série infinda de problemas que escampam à maioria das pessoas. É necessário delimitar o território, escolher sede. São questões complicadas, principalmente quando existem divergências naturais e compreensíveis.

Além da preocupação espiritual e pastoral da comunidade, é imprescindível enfrentar os problemas econômicos, financeiros e administrativos: construção da Catedral, da residência episcopal, formação do patrimônio, organização da Cúria Diocesana, escolha dos colaboradores diretos e outros muitos.

Tudo isso Dom Cláudio enfrentou com serenidade e firmeza.

Vencidas as etapas preparatórias, criada a Diocese e empossado seu primeiro bispo, teve início, a fase propriamente dita, do pastoreio.

Quem poderia resumir em pouca linhas as realizações dos trinta anos de atividades de Dom Cláudio?

De início a Diocese de Passo Fundo abrangia também o território da atual Diocese de Erechim. Não existia o asfalto de agora. A comunicação era precária e difícil. Temporariamente coube a Dom Cláudio assumir, também, como administrador apostólico, a recém-criada Diocese de Vacaria.

A principal preocupação do novo bispo foi em relação à formação dos sacerdotes. Fundou quatro seminários e criou dezenas de paróquias. Interessou-se pela vinda de religiosos e religiosas que abriram educandários e casas de formação de seus membros. Quando Dom Cláudio foi promovido a Arcebispo de Porto Alegre, a Diocese contava com 7 Congregações religiosas de sacerdotes, mais 3 de irmãos e 17 de religiosas. Fundou Dom Cláudio a Faculdade de Filosofia com a Cooperação de Congregações religiosas da Diocese. Para que a Universidade de Passo Fundo pudesse concretizar-se, doou todo o patrimônio da Faculdade de Filosofia à Fundação Universitária.

A herança que Dom Cláudio deixou em obras de assistência social é imensa. Basta recordar a Fundação Lucas Araújo, a Rádio Planalto, a Assistência Social Diocesana Leão XIII e a Cáritas, com todas as suas ramificações. Incentivou a SOCREBE e a fundação da Casa-Lar.

A multiplicidade das obras de assistência social criadas e implantadas por V. Excia., especialmente nas vilas populares, mostram a sua diuturna preocupação pelas pessoas empobrecidas da periferia, especialmente as crianças carentes e

os anciãos desamparados. Lembro-me de como V. Excia., nas reuniões de bispos e provinciais recordava, com insistência, a necessidade de religiosas não só trabalharem nas periferias, mas, inclusive, abrirem comunidades com moradias no meio dos pobres. E esta recomendação está hoje traduzida em feliz realidade, em nossa e n'outras Dioceses, onde Irmãs moram e trabalham no meio do povo simples e sem recursos.

A Casa de Retiros foi uma das primeiras iniciativas de Dom Cláudio. Desde seus primórdios, constituiu-se ela em um dos mais importantes centros de espiritualidade e de promoção pastoral da Diocese e, como não reconhecê-lo, de toda a Igreja no Brasil.

O Hospital São Vicente de Paulo, um dos nosocômios melhor equipados do interior do Estado, muito deve a Dom Cláudio que sempre acompanhou de perto e estimulou o seu desenvolvimento de pequena, em grande casa de saúde.

A homenagem que hoje lhe prestamos, ficou muito aquém do que mereceria V. Excia. Revma., que deu o melhor de si, ao povo desta terra. Sentimos a imposição das limitações humanas.

Se a Diocese de Passo Fundo é hoje uma das mais prósperas do Rio Grande do Sul, é e foi, graças à atuação corajosa e zelosa de Dom Cláudio.

Disse um dia alguém que, depois dos sessenta anos, cada qual habita com os anjos ou demônios que conquistou em sua vida. Sendo isso verdade, podemos muito bem imaginar a multidão de espíritos angélicos que acompanham continuamente nosso homenageado.

"Combati o bom combate, guardei a fé, agora só me espera a recompensa do justo juiz". Estas palavras do Apóstolo

São Paulo, Dom Cláudio as deixou gravadas em sua mensagem de despedida de Passo Fundo. Significaram o fim de uma etapa de suas atividades apostólicas e o começo de uma nova etapa, na grande Arquidiocese de Porto Alegre. Por muito tempo ainda esperamos ser agraciados por Deus, com os trabalhos deste zeloso pastor.

Dom Cláudio, minha singela saudação quer ser a expressão de minha estima fraterna, de amizade e gratidão de todos os passofundenses.

"Continuamos unidos pelo afeto que não respeita distâncias", deixou dito V. Excia., em sua mensagem de despedida. É com essas mesmas palavras que encerro minha saudação, em meu nome pessoal, em nome do clero e do povo desta Diocese.

Passo Fundo, 16 de agosto de 1987.

Dom Urbano Allgayer, bispo diocesano de Passo Fundo.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

